

CRÔNICAS DE UM TETRANACIONAL DO SOFTWARE LIVRE

© Anahuac de Paula Gil 2015

Editor: Rafael Martins Trombetta

Capa: Buqui Editora

Editoração: Cristiano Marques

www.buqui.com.br

www.editorabuqui.com.br

www.autopubli.com.br



Licença de Cultura Livre - CC BY 4.0

<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>

CIP-Brasil, Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G392c

Gil, Anahuac de Paula

Crônicas de um tetranacional do software livre / Anahuac de Paula Gil.

1. ed. | Porto Alegre/RS | Buqui, 2015.

144p. | 21 cm

ISBN 978-85-8338-186-0

1. Crônica brasileira. I. Título.

15-21489 | CDD: 869.98 | CDU: 821.134.3(81)-8

31/03/15 | 06/04/15

ANAHUAC DE PAULA GIL

**CRÔNICAS DE UM TETRANACIONAL
DO SOFTWARE LIVRE**

buqi



Pequenos diários de bordo, autodefinições e muita controvérsia em 29 crônicas escritas nos últimos dois anos. Eventos de Software Livre, conceitos de economia meritocrática, contradições dos ditos ativistas convertidos e suas redes sociais devassas, e um novo olhar sobre as nefastas intenções do Open Source Initiative.

Em tempos de vigilância massiva, ter noções claras sobre o papel do mercado, dos governos e da sociedade civil organizada é fundamental. Sem poupar nenhum dos atores envolvidos, expusemos todos os interesses e até mesmo o fogo amigo dos ativistas cibernéticos.

Espero que gostem.

Saudações Livres!



AGRADECIMENTOS

Uma coletânea como esta não poderia ser feita sem a colaboração de muitas pessoas. Aqui deixo meu reconhecimento público de limitação, humildade e serenidade: sou apenas a última pedra desta pirâmide, ou o último ponto destes textos.

Meu primeiro e mais importante agradecimento é a Roberta Leite, minha companheira de vida e dona de uma paciência que não pertence a este mundo. Ela leu e ajudou a acertar o sentido de todos os textos. Hora concordando, hora discordando, mas sem perder a ternura jamais. Obrigado Princesa.

Um enorme apreço e carinho pela ajuda querida dada por Josilda Silva, agora mais amiga que nunca, que fez a correção e revisão de conteúdo, forma e gramatical dos textos.

Minha mãe merece uma menção especial por ter me ensinado que o mundo é pequeno e que não respeitar suas fronteiras o fariam ainda menor. Foi essa amplitude a que permite ter uma visão mais granular de tudo.

Finalmente, mas não necessariamente por último, tenho que agradecer ao Dr. Richard Stallman, que inspira meus passos filosóficos, convicções éticas e metodologias de disseminação do conhecimento tecnológico livre, libertário e libertador desde 1996, e hoje, mais que nunca serve de campo magnético para todo o Movimento Software Livre mundial.

Saudações Livres!



PREFÁCIO

Fiquei honrado com o convite para prefaciar a coletânea de crônicas do “tetra-nacional do software livre”, Anahuac de Paula Gil. Seu entusiasmo pela causa que defende é contagiante, e sua autoridade para defendê-la, inquestionável. Pois ele é um exemplo vivo daquilo que prega, já que há muito tira seu sustento dos serviços que presta com Software Livre, incluindo o que desenvolve e distribui sob licença livre, o KyaPanel.

O tema central destas crônicas é a liberdade, relacionada ao software, no sentido de seu potencial para instrumentar a construção de um mundo socialmente mais justo e eticamente melhor. O pano de fundo é a leitura do mundo que se forma através do prisma do reducionismo econômico, com ideologias que subsumem uma moral utilitarista, prevalentes nesse momento histórico em que vivemos, no marco desta publicação.

Atribuo a honra de ter sido escolhido para apresentar ao leitor esta coletânea, a uma generosa apreciação do autor pelo meu trabalho e ativismo, no que o de ambos se intersectam, na defesa da liberdade humana através de escolhas em TIC. Eis que tal interseção inclui o espinhoso tema central dessas crônicas. Conheci o Movimento do Software Livre e sua filosofia quando Richard Stallman visitou e palestrou pela primeira vez na Universidade de Brasília, em 2000, e em 2005 conheci o autor das crônicas, quando me foi apresentado pelo então presidente do ITI, Sérgio Amadeu, numa festa de aniversário deste outro grande guerreiro digital.

Em 2008 publiquei “Síndrome de Estocolmo Digital”, uma análise filosófica desse mesmo tema, como então o percebia emergir, com potencial de desagregação para o Movimento. E a partir de 2013, com as revelações de Snowden e desdobramentos, uma série de artigos, palestras e entrevistas onde interpreto esses eventos como operação psicológica da ciberguerra, e onde correlaciono essa desagregação com as consequências nefastas do regime de vigilantismo global denunciado, que é instrumen-

to fundamental nessa guerra pelo poder no futuro da humanidade. Quero crer que essa honra vem daí.

O tema é desafiador, grave e espinhoso, por tratar de questões éticas em tempos de um relativismo moral desbragado e quase ubíquo. Ao tentarmos comunicar posições sobre o tema, o potencial para dissonâncias cognitivas se torna inafastável: pois, afinal, o que vem a ser ética, e moral? E como se relacionam esses conceitos? Em “Síndrome...”, entendo que se relacionem através dos processos em que acolhemos e comparamos valores morais (sobre certo/errado ou bom/mau). Como emitimos (sobre outros ou sobre nós mesmos) e acatamos juízos de valor, e como agimos ante ou sob esses julgamentos.

Num dos trabalhos da série pós-Snowden (“Ética, Privacidade e Biometria em tempos de drones”, palestra proferida em agosto de 2013), proponho, baseado em meu entedimento do filósofo e sociólogo contemporâneo Jürgen Habermas, que 'ética' seja entendida como moral pretensamente transitiva, ou seja, a aplicação, por indivíduos, de seus princípios e valores morais a práticas ou situações sociais. Donde a dissonância, em contextos de relativismo universal. Onde o princípio da coerência, como métrica para o entendimento, tem que passar então por grosseiras peneiras tecidas de subjetivismo.

Como exemplo dessas peneiras, tomemos o meme, propagado por ideologias utilitaristas, que nos induz a menosprezarmos consequências nefastas do regime de vigilantismo global operado na ou para a ciberguerra. Em várias crônicas, Anahuac tenta desarmá-lo neurolinguisticamente, batizando os serviços digitais gratuitos que o alimentam de “redes sociais devassas.” Mas, em certo ponto, reconhece a dificuldade: “A maioria dos usuários desses serviços devassos pouco se importa com a privacidade de seus dados. A premissa é 'não tenho nada a esconder, então qual é o problema que me monitorem?’ Se houvesse uma forma simples de explicar o quanto isso está errado, eu o faria”.

Nada a esconder?

Resta então ao prefacista tentar. Com o intuito de ressaltar a importância do tema nos dias tecnologicamente sofisticados de hoje, e, ao mesmo tempo, sublinhar a preocupação do autor em nos alertar sobre esses efeitos nefastos, encerro a apresentação desta coletânea com uma tentativa:

Quem aceita a premissa “não tenho nada a esconder,...”, aceita implicitamente também o direito do Estado e seus agentes de interceptar, registrar e interferir nas ações e comunicações de usuários de TIC – em suma, de monitorar essas ações (pois a premissa já responde negativamente à pergunta do meme “...qual é o problema?”) –, obtido tão somente do controle que exercem sobre o uso dessas tecnologias em sociedades que precisam cada vez mais delas.

Ocorre que tal presunção, de que há um direito implícito no controle tecnicamente exercível pelo Estado e seus agentes, sobre o uso das TIC, entre terceiros e jurisdicionados, pressupõe também que o Estado continuaria essencialmente o mesmo. Que o exercício desse direito pode ser coletivamente contido em limites benéficos, corretos ou socialmente vantajosos, já que em situações abusivas deve haver na estrutura do Estado “freios e contrapesos” acionáveis para coibi-las. Mas tal presunção atribui, por preguiça e comodidade, transitividade à ingenuidade, quando a história nos ensina bem o contrário: o poder sobrevivente nunca é ingênuo. Um tal “direito” muda a essência do Estado.

Tal direito implícito constitui-se em convite ao empoderamento absolutista para os detentores da capacidade de monitorar: basta que ajam em conjunto, amplificando seu poder semiológico para isso, e cooptem também os meios institucionais que poderiam coibir seus abusos (os quais também dependem das TIC). Tal é a definição que Mussolini dá ao fascismo. Que com tal capacidade pode assim abusá-lo, impunemente, de todas as formas tecnologicamente imagináveis. Em alguma etapa desse empoderamento, a cooptação dos meios de coibição de abusos se estende sobre o quarto poder, da mídia corporativa (que também depende das TIC). E, pela lógica, no passo seguinte sobre a mídia alternativa, para controle da “liberdade de expressão” na

Internet (seremos “livres” para expressar o que for permitido, isto é, o que não for “extremismo”).

Enquanto isso, no domínio psicológico de guerra cibernética, esses controle se estende sobre as formas de se implantar na psique coletiva modos de entender e percepções fantasiosas da realidade. Principalmente em mercados, no front da guerra cambial, para manipular o valor de ativos e moedas sem lastro impostas por força militar. E individualmente, forjando provas falsas contra quem incomoda ou desobedece a esse poder absolutizado pelo controle tecnológico das intermediações. Inclusive de suicídio. E o rótulo de extremista, como sinônimo jurídico de terrorista, vai ficando cada vez mais elástico. A informatização sob tal controle abre um leque enorme para planejamento e execução de ataques de bandeira falsa, estopins de toda guerra global, que só passaram a ocorrer após a invenção dos bancos centrais.

Resumindo: o direito de bisbilhotar por atacado, em nome de uma segurança abstrata qualquer, concedido tacitamente a quem controla o uso de TICs por quem oferece ou aceita argumentos em torno do meme "quem não tem nada a esconder...", inclui o direito de se fabricar provas falsas e irrefutáveis mas legalmente válidas contra qualquer um. Isto significa um convite para transição a um Estado fascista global contra o qual a única defesa eficaz da cidadania será o refúgio ermitão em cavernas.

Não sei se esta tentativa de explicação foi simples, mas é muito semelhante à descrita por George Orwell, em “1984”. Para os céticos, os que acham que isso é tudo teoria da conspiração, que sua comodidade modernosa não será abalada pelo regime de vigilantismo global – que ademais conta com a sua complacência, para os que estão em dúvida se vale a pena ler as crônicas do Anahuac, sugiro, como contexto, duas leituras preliminares: Uma, da definição de 'conspiração': tanto faz a definição jurídica, no art. 171 do Código Penal, como a etimológica, por exemplo a do Dicionário Houaiss ('conspirar' vem de “respirar juntos”).

Outra, notícia de uma decisão da empresa Apple, de proibir a venda de I-phones no território da Crimeia (por exemplo,

em <http://rt.com/business/225127-apple-cancels-crimea-sales>). Uma decisão anterior da população local, em plebiscito com mais de 80% de participação em março de 2014, amparado em decisão da assembleia da república e no artigo 1 da carta das Nações Unidas (que assegura o princípio da autodeterminação dos povos), no qual 96% dos votantes decidiram pedir a Federação Russa para reintegrar a ela sua República Autônoma, após um hiato de 60 anos e após o golpe de estado que um mês antes derubara o governo eleito da Ucrânia e proibira o uso do idioma russo no território da Crimeia (onde 90% são de origem russa e falam russo), teria sido “extremista” para o regime de vigilância global, que trabalha para a implantação de um hegemon supranacional e tirânico em nosso planeta (veja www.common-dreams.org/news/2015/01/19/surveillance-just-first-phase-nsa-plans-guerilla-tactics-global-cyberwar).

Será que a próxima rodada de sanções vai levar a Apple a bloquear remotamente os aparelhos localizados lá? E você, sabe qual vai ser a sua mais extremada prioridade amanhã?

Prof. Pedro Antonio Dourado de Rezende
Departamento de Ciência da Computação
Universidade de Brasília



SUMÁRIO

O Tetracional	17
Libre Software Meeting	23
Fórum Social Mundial 2005 – Havia um “paraíba” lá	29
Jobs, Ford e mais “vampiros sanguinolentos”	41
Microsoftização da Canonical.....	43
Desgooglando-me.....	47
desGooglamento HowTo.....	49
Google Home.....	55
Re demo cracia.....	57
Ativistas Convertidos.....	62
Capitalismo Livre	66
Yes, we fan!.....	69
Contra Ativismo	73
Jogaram PRISM no ventilador	77
Manifestos e nada mais!	81
Entrevista à Folha de São Paulo	84
Depois da tempestade, a decepção.	88
Geração Ubuntu: a morte do movimento	
Software Livre no Brasil	91
A opção é de cada um?	94
O dia em que o mundo olhou para o Brasil: 25/03/2014	95
Anti OSI	96
Ativista OSI, saia do armário!	98
A Diaspora é incrível	101
Lugar de Governo é na Diaspora.....	105
GNUs para Reinaldo Bispo.....	107
Pragmatismo Open Source ameaça o Software Livre.....	109
Facebook manipula mentes e o idiota sou eu.....	115
OSIntoso – meias mentiras	117
Menos Linux e mais GNU.....	124
Para Bárbara, Software Livre com amor!	127
A contrabalança contra a contrarrevolução.....	135
Comunidade Ubuntu: volte para o Software Livre.....	140



O TETRANACIONAL

Esta história foi contada inúmeras vezes. E tudo sempre começa por conta do meu nome. O resumo abaixo foi um momento de inspiração. Não tem o intuito de ser um documento histórico, apenas de relatar os primeiros anos da minha vida de forma simples e direta.

Espero que seja do agrado de todos.

Este é o relato da minha vida e do porquê ela ser do jeito que é. Meu nome é Anahuac de Paula Gil. Sim, acredite, Anahuac mesmo. Nomezinho meio ridículo e estranho. Nome de índio, nome de pardo mexicano. Alguém duvida do quanto já fui caçado e apontado, especialmente pelas crianças, só por ter um nome diferente? Seria simples se fosse apenas o fruto da imaginação distorcida de uma mãe amorosa. Mas o fundo deste poço é muito, mas muito mais embaixo.

Revoluções e golpes de estado. No plural? Sim, em minha vida foram pelo menos três. Mas começemos do início. Idos dos anos cinquenta. Um jovem advogado, filho de abastado dono de terras em Pernambuco, decidia dedicar sua vida na defesa dos mais indefesos seres da estrutura econômica capitalista: os trabalhadores rurais.

Não é necessário dizer que os conflitos por diferenças ideológicas começaram em casa, pois o pai do jovem Francisco Julião era latifundiário, e este tinha entendido que o socialismo – e por que não o comunismo? – era a via mais acertada de reconhecer que o bem comum deve prevalecer sobre o bem individual. A primeira tentativa foi a de dividir suas próprias terras!

Este é o meu avô paterno. Fundador das Ligas Camponesas, deputado pelo PSB e responsável por uma das maiores fissuras sociopolíticas da Era Moderna deste país: ensinou ao trabalhador do campo a ler e fazer valer os seus direitos trabalhistas.

Sob a acusação de baderneiro, vagabundo e comunista, as ameaças à sua integridade física eram uma constante. Já em 1962, como Deputado Federal, prevendo que o clima político

nacional era extremamente instável, ele toma a decisão de refugiar sua família em Cuba. Esposa e quatro filhos, sendo duas meninas e dois meninos. Mas ele fica.

Fica, enfrenta, foge, é capturado, preso, torturado e expulso, exilado. Ele e sua família não seriam mais bem-vindos no Brasil por 14 anos. Por consequência, eu também não.

Em Cuba, Anatólio Bueno de Paula Crêspo, o mais velho dos meninos, cresceu e se casou com Jennie Gil Moreno. Ele, um orgulhoso nordestino, que, por si só, já enfrentava o exílio. Ela, a princesinha da escola nacional de Havana. Mas não era cubana. Era mexicana. Índia. Azteca.

Ao completar a maior idade plena, convence a todos da família, mãe, um irmão e uma das duas irmãs, que era hora de tomar o caminho de volta “para casa”. Partem em um navio comercial rumo ao Chile, onde se encontrava a nata intelectual e de ação da resistência brasileira de oposição ao governo ditatorial brasileiro. Lá estavam o então esquerdista Fernando Henrique Cardoso e Dona Ruth, Betinho, Henfil, e muitos outros.

O clima no Chile era perfeito para a social-democracia. O então Presidente Constitucional do Chile, Salvador Allende, abria os espaços para todos os refugiados políticos do continente. Santiago efervescia em consciência socialista. Aí nasço eu, em 12 de setembro de 1972.

Primeiro filho de Dona Jennie. Filho de estudantes universitários que buscavam meios para sobreviver. Vendedores de livros e pais esforçados.

O ano de 1973 transcorria aparentemente normal, com as forças políticas pendendo, como sempre, quando, em 11 de setembro, estoura o golpe militar chileno, com ostensivo apoio norte-americano. Pinochet toma o poder e Allende é covardemente assassinado.

Como diria William Blum: “E foi assim que eles fecharam o país para o Mundo por uma semana, enquanto os tanques rolavam, os soldados arrombavam portas, o som das execuções pipocava dos estádios e os corpos se empilhavam ao longo das

ruas e fluuavam nos rios, os centros de tortura iniciaram suas atividades, os livros considerados subversivos eram atirados a fogueiras, e os soldados rasgavam as calças das mulheres aos gritos de 'No Chile as mulheres usam saias...'” Killing Hope, p. 215

Segundo me foi dito, naquele dia, era possível ver os caças da Força Aérea Americana sobrevoando a capital Santiago. E se podia ver o ataque frontal dos tanques à “La Moneda”.

A caça sistemática aos esquerdistas e dissidentes era violenta. Portanto, não havia dúvida de que era necessário fugir. Mas a pergunta retórica era: para onde? A embaixada brasileira já tinha se negado a reconhecer Anatólio como cidadão. O que dizer sobre acolher a ele e sua família? Isso, além de tudo, representava um imenso risco de ser apanhado e entregue às “autoridades” brasileiras. Algo que, naquela época, ninguém, em sã consciência, gostaria de ser.

Sobrou apenas a embaixada do México. Naquela manhã do dia 13 de setembro de 1973, um dia depois do meu aniversário, meus pais deram as chaves de casa aos vizinhos para que eles retirassem tudo o que pudessem. Não haveria mais volta até 2005. Com medo de sermos pegos pelo caminho, contou-se com a ajuda do embaixador da Suécia no Chile, que era amigo da família. Com duas cópias da certidão de nascimento de minha mãe, fomos para a embaixada mexicana, e por pura vontade do acaso, conseguimos entrar.

Salvos, enfim. Mas o tempo não foi nosso amigo. Presos em um edifício superlotado por mais de uma semana, tão apinhado de gente que se tinha que dormir por turnos. Imaginem as condições de higiene? O esforço que só as mães são capazes de fazer para passar por situações assim com um bebê de um ano no colo. Finalmente, sai o voo para o México.

Na capital mexicana, estava o Sr. Francisco Julião, que tinha escolhido aquele país para passar seu exílio. Ao saber que no primeiro voo de refugiados mexicanos havia um brasileiro, ele foi ao aeroporto para prestar assistência. Qual não foi sua surpresa ao reconhecer o próprio filho com sua família?

No México, a vida provou ser ainda mais dura do que no Chile. Morando de favor e buscando meios de sobrevivência, fazendo trabalhos informais de tradução de livros técnicos, meus pais e eu não passamos a melhor fase. Foram dois longos anos. Longe de todos e de tudo. Eu era muito pequeno, mas tenho a nítida lembrança do meu pai deprimido, sem muita perspectiva.

Comigo havia um problema legal. Uma vez fugido do Chile, eu era um despatriado. Meus documentos originais ficaram no Chile e eu não era mexicano nem brasileiro. Ainda por conta da cidadania de Dona Jennie, terminei sendo reconhecido como mexicano. Não tinha completado dois anos, mas já era forçado a ter duas nacionalidades. O reconhecimento foi tamanho, que ganhei nova certidão de nascimento. Era como se nunca tivesse sido chileno. Era algo que sempre se quis apagar da história. Afinal, o 11 de setembro, quando morreram/desapareceram mais de 20 mil pessoas, não aconteceu em 2001, foi em 1973, e teve lugar em Santiago do Chile.

Agora eu era o mais novo cidadão mexicano, filho de pais traumatizados e deprimidos. Que fantástica infância!

No México, ficamos por dois anos. Através da ajuda daquele embaixador sueco no Chile, a família foi premiada com bolsas integrais para irem estudar na Suécia. E, assim, toda a família, mais uma vez, migrou. Desta vez para o velho continente.

Como não poderia deixar de ser, esse foi um salto “da frigideira para o fogo”. Afinal, Uppsala, no norte da Suécia, é tão parecida com o México quanto Casa Blanca se parece com Paris: fria, isolada, e por que não dizer, desolada?

Lá, tive que aprender o idioma viking. Difícil a vida. Mas aprendi sueco a ponto de ajudar meus pais. Vivíamos em um sistema quase segregário, pois a cidade de Uppsala, que é uma cidade universitária, separava os blocos de edifícios de acordo com a naturalidade. Então, locais e estrangeiros viviam em setores separados.

Lembro de meu pai ouvindo sem parar “As Quatro Estações de Vivaldi”, sob o sol da meia-noite no ártico.

Até onde lembro, foi uma existência monótona, repetitiva e, até certo ponto, segregária. Aulas na escolinha eram em sueco num período e em espanhol em outro. Supernormal

Finalmente, em meados de 1979, é declarada a anistia geral e irrestrita pelo Governo Brasileiro. Os ânimos de retornar ao Brasil ficaram fora de controle, e, em questão de poucos meses, em setembro, desembarcávamos no Rio de Janeiro como a primeira família de anistiados a chegar ao Brasil.

Que felicidade, que regozijo, estávamos, finalmente, de volta para casa. Mas a situação ainda levaria uns pares de anos para se estabilizar. No primeiro ano, ficamos retidos no Rio de Janeiro, pulando de casa em casa, vivendo de favor. Lembro que, em algum momento, vivemos em Niterói, e lembro bem da escola pública na qual fui matriculado. A comida era diferente, o idioma era diferente e fui sumariamente ridicularizado por não falar o idioma e pelo nome que tenho.

Depois de um ano, meus pais se cansaram do bloqueio de saída do Rio e foram para o Recife, de onde Francisco Julião e sua família eram naturais. Fomos viver numa casa na parte mais escondida, por trás da Universidade Federal em uma área semialagada chamada Várzea. Acredite, o nome fazia jus ao local.

Entre várias tentativas de emprego, decepções e muito aperto financeiro, as coisas só se estabilizaram em 1981, quando meu pai consegue trabalho fixo e legalizado no CEAG, predecessor do SEBRAE. Minha mãe só consegue emprego fixo e legalizado quatro anos mais tarde, na Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Já estabelecidos no Recife, iniciamos o processo de repatriação, minha e de minha irmã. Afinal de contas, como filhos de um exilado político, tínhamos o direito de ser brasileiros. Não naturalizados, mas brasileiros natos. Nesse momento, depois de todos os documentos traduzidos, finalmente eu tinha duas nacionalidades. Agora era mexicano e brasileiro.

Em 1999, decidi me mudar. Deixei para trás Pernambuco e me autointitulei “paraíba”. Vim para trabalhar e conquistar mais.

No ano de 2005, encontrei uma companheira, com a qual decidi me casar. Em viagem de lua de mel, decidimos ir ao Chile. Nesse mesmo ano, no Registro Civil de Santiago, apresentei meu passaporte brasileiro, no qual consta meu nome e o da minha mãe, e fui localizado no sistema. Mediante uma taxa pífia, instantaneamente, foi emitida minha certidão de nascimento chilena. Agora eu sou chileno, mais uma vez. E tetranacional, sendo chileno, mexicano, brasileiro e “paraíba”.

Vida árdua, vida dura.

LIBRE SOFTWARE MEETING

Ola pessoas, quilombolas, amigos e demais paranoicos. Como comentei, fiquei de mandar noticias sobre a minha viagem à França para participar do Libre Software Meeting 2003.

Aqui vao alguns relatos do primeiro e segundo dia. Alguns engraçados e outros muito serios e pouco convencionais.

Cheguei em Paris no dia 7 de julho, supertranquilo de que havia alguem me esperando no Aeroporto Charles de Gaulle. Deço do aviao, completamente morto de cansado, depois de mais de 11 horas de aviao, e quando finalmente passo pela imigração, descubro que nao ha ninguem me esperando. Ainda em um impulso de insegurança, fiquei no aeroporto por mais ou menos duas horas, esperando por alguem que me recebesse.

Uma vez convencido de que ninguem chegaria, decidi comprar um mapa e ver como me virar, afinal, eu queria chegar na Torre Eiffel. Maldita hora em que eu decidi ir até la. Um pouco mais de paciencia e vai ficar tudo claro.

Como o meu objetivo é seguir da França para a Espanha, eu trouxe bastante roupa, pois fico na França por 23 dias, e nao ha onde lavar roupa. Assim, minha bolsa esta bastante pesada. Alem disso, trouxe um bom livro e uma jaqueta de couro para me proteger do frio. A ideia era bem simples: deixar minha bagagem em um armario no aeroporto, pedir informacoes e pegar um metro até a Torre Eiffel, depois, pegar minha bagagem e, finalmente, outro metro e ir ate a estação de trem que me levaria até Metz, onde esta sendo o evento.

Bem, em primeiro lugar, todos os armarios que existiam para deixar bagagem foram desativados e retirados dos aeroportos por conta do medo de atentados terroristas, ou seja, de bombas, assim, tive que carregar minha bolsa para todo lado.

Depois, o ingles do pessoal do balcao de informacoes é tao ruim que parece que eles estao falando tailandes misturado com filipino, mas com sotaque mineiro.

Em terceiro, que o metro de Paris é algo de surpreendente, inclusive o de Sao Paulo fica parecendo trenzinho de criança.

Quarto, os franceses correm de voce quando voce fala com eles em ingles ou espanhol.

Quinto, aqui esta fazendo calor, ou seja, meu casaco de couro foi bater dentro da bolsa, que ja estava pesada. Sexto, como nao poderia deixar de ser, me perdi tres vezes dentro do metro e tentei perguntar para mais de vinte pessoas como chegar na Torre Eiffel, e tudo o que eles entendiam era Eiffel, e me diziam: “Uy!, uy! Eiffel”, e mais nada.

Finalmente, consegui chegar à Torre Eiffel depois de umas 3 horas de metro e trens urbano, algo que certamente nao deveria levar mais do que 20 minutos. Ufa! hehehehehehe

Que nada. Agora começa a segunda parte do martirio: na torre Eiffel, também nao ha onde guardar bagagem. Podem rir, podem rir gostoso, até porque, a esta altura do texto, até eu estou rindo de mim mesmo enquanto escrevo.

Bem, cheguei ao ultimo andar da Torre com minha bolsa, todos me olhando como se eu fosse um louco e meio que adivinhando que eu nao deveria ser europeu. Inclusive encontrei uma familia de brasileiros la em cima, mas, para evitar que eles ficassem constrangidos, ou que a imagem brasileira fosse manchada, preferi ficar calado e quieto.

Enfim, tive coragem de pedir para alguem tirar uma foto minha. Foi um cara de barba e terno: um paquistanes muito legal, mas que nao fala nenhuma lingua moderna, so aramaico antigo e que acho que nunca tinha visto uma camera digital antes... Custou um pouco, mas, atraves de sinais, consegui que ele percebesse que o botao que ele insistia em apertar era o botao de *power* e nao de tirar fotos.

Depois de sair da torre Eiffel, tive um grande memento de tranquilidade embaixo da torre. Decidi fumar um cigarro e tomar uma coca-cola. Dezenas de orientais e africanos vendiam refrigerantes e agua, foi facil comprar uma coca, o dificil foi acreditar que uma simples coca-cola em lata custa 2 euros, ou

seja, algo em torno de 7 reais. Pensei que ele estava tirando um sarro comigo, afinal mais “Turista Ho Yhe” impossível. Não estava brincando, e esse é realmente o valor de uma coca em toda a França. Não teve jeito, paguei e decidi não esquentar com isso, afinal a vida é bela e Paris... Ah! Paris... É uma merda mesmo, hehehehehehehehehe

Continuando: o sol estava alto e era uma linda tarde de verão junto ao Sena. Decidi voltar para o subsolo, ou seja, para o metro, para ir até a estação de trem para ir para Metz. Quando chego na estação, o sol ainda brilhava no céu. Fui até um balcão de venda de bilhetes e pedi uma passagem para Metz. Fui informado de que o último trem para Metz tinha saído às 20h00 e que agora somente haveria trem às 7h00 da manhã seguinte. O susto foi inevitável, pois, mesmo tendo acertado meu relógio, quando cheguei em Paris, eram 21h30 e o sol ainda estava brilhando!!!! Somente depois descobri que o sol se pôs completamente às 22h30.

Pois é pessoal, finalmente vocês perceberam que esse não era o meu dia de sorte. Comprei a passagem para as 7h00, afinal tinha que chegar em Metz no dia 8, como combinei com a organização do evento.

Decidi ficar na estação de trem e esperar até a manhã seguinte em um esforço para economizar alguns euros. Tomei diversos cafés e cocas das máquinas automáticas, onde a coca sempre sai quente e o café sempre sai frio, mas decidi aproveitar essa merda como mais um incentivo para ficar acordado na marra.

Já era 1h00 da manhã quando um guarda da estação veio falar comigo no mais claro francês de que a estação estava fechando às 1h30 e que eu teria que sair. A estação reabriria às 5h00. Agora sim eu me senti como um desgraçado, sem família, sem telefone, um verdadeiro lascado.

Bem em frente à estação de trem tinha um hotel, fui até lá, afinal não podia ficar na rua com minha bagagem, seria assaltado mais cedo ou mais tarde.

Depois de alguns gestos como se fossemos surdos-mudos, o cara do hotel me fez entender que a diaria era de 110 Euros. 110 euros!!!!!! Por 4 horas de sono? Nem a pau!!!!!! Preferiria dormir no banco da praça. Andei por mais alguns quarteiros e terminei encontrando um hotel que me cobrou 50 euros, achei um absurdo, mas estava cansado demais para discutir, ou fazer mais mímicas e carregar minha superbolsa.

Subi para o meu quarto e me deitei com roupa e tudo, supercansado e doido para tirar uma soneca. Foi então que todos os cafés e cocas que tomei na estação de trem decidiram fazer efeito, e, como já dá para imaginar, não deu nem para pregar um dos olhos, quem dirá dormir.

As 5h30 eu já estava de banho tomado. Desci todo animado para tomar um café e ir para a estação de trem e ir para Metz, o dia anterior tinha sido apenas um dia mau, coincidências malignas, a puta que os pariu, ou qualquer coisa desse tipo. Hoje era um novo dia e tudo sairia bem. Pego o elevador e desço, falo com o cara da portaria e entendo que esse hotel não oferece café da manhã! Hummm, estava explicado porque era tão barato, afinal, por 50 euros, esperar café da manhã era demais também.

Sem problema, isso não abalou meu otimismo, este seria um dia diferente!

Fui para a estação e adorei tomar mais um café gelado daquela fantástica máquina dos infernos. Sabia que a viagem para Metz durava 3 horas, logo poderia recuperar um pouco do sono perdido. Na hora certa o trem saiu e na minha cabine estava um casal de alemães que seguiriam viagem no mesmo trem para Strusburgo. Tentei dormir, mas a simpática senhora me fez o favor de se interessar por meu livro que estava escrito em uma língua estranha e não consegui me conter: depois de mais de 24 horas sem poder conversar ou entender ninguém, até que as três horas de viagem, conversando amenidades em inglês sofrível, com um casal de senhores alemães, se transformou na melhor parte de toda a viagem até esse momento.

Cheguei a Metz e desci na estação certo de que haveria alguém esperando. Assim como em Paris, eu estava enganado. Ninguém estava esperando pelo grande Palestrante Brasileiro Mantenedor do Fantástico Projeto LESP!!!!!! heheheheheheh

Mais uma vez fui ao balcão de informações tentar saber como fazer para chegar no hotel no qual a organização do evento deveria ter feito minha reserva.

Quando ela entendeu o que eu estava perguntando, me disse com toda a segurança que não existia nenhum hotel chamado Formula 1, pelo menos não em Metz. Agora, sim, eu estava em maus lençóis!!!! Consegui atravessar o Atlântico e chegar a lugar nenhum! Havia alguma outra cidade chamada Metz na França? Será que cancelaram o evento? Será que eu ainda estou dormindo e tudo isto é um pesadelo?

Tentei me acalmar e perguntei onde ficava a Universidade, eles deveriam saber de alguma coisa, e, se fosse o caso de não saberem nada, pelo menos teriam acesso a Internet e eu conseguiria entrar em contato com alguém. Depois de mais uns 30 minutos de conversa em surdo-mudo com a moça do balcão de informações, consegui um mapa da cidade, identifiquei onde ficava a universidade e consegui saber qual era o ônibus que precisava pegar.

Cheguei na universidade, e a parada era bem na porta da faculdade de Letras. Viva!!!! Estou salvo!!!! Alguém ali dentro tinha que falar inglês ou espanhol ou aramaico, ou seja, alguém tinha que falar alguma coisa diferente de francês ou da língua dos sinais!!!!

Entrei e perguntei bem devagar para a moça da secretaria do curso. Já na cara dela, quando comecei a perguntar se ela falava inglês, percebi que esse também seria um dia cheio de tristes coincidências. Ninguém sabia falar inglês nem espanhol. Menos mal que essa moça sabia falar a língua dos sinais e consegui que ela me deixasse usar um computador com acesso a Internet, que estava no balcão da secretaria. Acessei a página do evento e me certifiquei de que ele não havia sido cancelado e que era mesmo

nessa cidade e nessa faculdade; SIM!!!!!!!!!!!! Vitoria!!!!!!!!!!!! O destino que fosse a merda, eu tinha chegado!!!!

Consegui mostrar um mapa para ela e apontar onde era o departamento de tecnologia. Ela gentilmente apontou para a direita e escreveu em um papel 200 m. E finalmente eu cheguei no UIT, ou seja, departamento de tecnologia da universidade.

Entrei e fui direto para a secretaria, agora nao havia duvida, todos sabiam falar ingles, ou, pelo menos, entender. Ninguem sabia nada, muito menos que no dia seguinte haveria um dos maiores eventos sobre SL da Europa, com mais de 1000 inscritos.

Meu mundo caiu!!!!

Saí de dentro do predio e, em um ultimo suspiro de esperaça, perguntei a um grupo de estudantes se alguem falava inglês. Por sorte do destino uma estudante falava mais ou menos. Consegui explicar o que estava acontecendo e ela foi comigo para falar com um dos diretores do departamento de informatica. Ela me serviu como tradutora. Esse diretor sabia sobre o evento, mas nao fazia parte de nada nele. Entretanto, conseguiu localizar um cara que era da organizaçao e finalmente ele viria se encontrar comigo para vermos os detalhes. So tinha um problema, essa pessoa de contato pediu que eu esperasse apenas 5 horas, pois ele nao poderia vir antes. Eu esperei, ele chegou e eu fui para o hotel desmaiar.

P.S - Os erros ortográficos deste foram mantidos propositalmente, pois foi utilizado um maldito teclado francês.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2005 – HAVIA UM “PARAÍBA” LÁ

Quem nunca foi não faz ideia do que seja, para que serve nem seu grau de importância. Esta frase não deve ser de minha autoria, mas prometo que não a copiei de ninguém. Autoria é sempre algo relevante para os homens de bem e que respeitam a criação de outrem, que valorizam o trabalho alheio e acreditam que um mundo melhor é possível.

Aliás, essa foi a mensagem principal do Fórum Mundial Social – doravante denominado FSM.

Melhorar o mundo é algo utópico e indelével. Depois de anos na militância por um mundo mais justo e igualitário, eu diria que o “Melhorar o mundo” é quase inodoro, insípido e disforme. Um sonho, uma realidade paralela, objeto concreto das filosofias perdidas e da ciência oculta. Pelo menos é assim que me fazem sentir os não crentes que, na maioria das vezes, são pessoas com mais de cinquenta anos e neoburgueses alienados.

Com toda a licença poética possível, quero deixar claro que esses, sem dúvida, foram e continuarão sendo os cegos poderosos que mantêm as estruturas de corrupção e exploração da humanidade. Estes são os pilares manipulados pelos poderes escusos que mantêm a pirâmide – com sua base cada vez mais ampla e seu cume cada vez mais estreito – da distribuição de riqueza, qualidade de vida e justiça como a conhecemos.

São estes senhores e senhoras os que perpetuam pérolas como: “as oportunidades são para todos e quem não as aproveitou merece viver na miséria na qual se encontra”. Com uma base religiosa segregária, onde Deus está para todos, mas só dá para alguns, acreditam piamente que noventa e cinco por cento dos humanos do Terceiro Mundo são “preguiçosos”, que merecem sua condição de pobreza e desigualdade.

Assistindo ontem ao desfile da Imperatriz Leopoldinense, que fez uma linda apresentação sobre o escritor dinamarquês Hans

Christian Andersen – autor de joias infantis como “O Soldadinho de Chumbo” e “O Patinho Feio” – o comentarista da Rede Globo solta o seguinte comentário: “É importante dizer que as relações comerciais entre Brasil e Dinamarca são muito fortes. São mais de cinquenta empresas dinamarquesas no Brasil que movimentam mais de quinhentos milhões de dólares por ano”.

Acho que ele esqueceu de mencionar quantas empresas brasileiras estão na Dinamarca e quantos milhões de dólares nós movimentamos por lá. Acreditem, são pouquíssimas, e não devemos movimentar nem perto do valor anunciado pelo repórter da Rede Globo.

Devido a alguma mágica, a maioria das pessoas do Terceiro Mundo acredita que é realmente benéfico para nossos países que existam milhares de empresas estrangeiras fazendo negócios e explorando nossos recursos. Acreditem: se essa fosse uma fórmula benéfica, os países do primeiro mundo teriam mais empresas internacionais do que locais. E não é isso o que acontece.

Como disse antes: Quem nunca foi não faz ideia do que seja, para que serve nem seu grau de importância. O FSM, sem dúvida, foi a maior manifestação de democracia que já presenciei em toda minha – jovem – vida.

Em novembro de 2004, participei do CONISLI (Congresso Nacional de Software Livre), em São Paulo, onde conheci o gaúcho Everton Rodrigues, membro da Central de Movimentos Populares. Ele assistiu a uma palestra improvisada pela amiga Sulamita Garcia, da Linuxchics, entre os *stands* dos Grupos de Usuários de Software Livre, para que eu apresentasse o Complexo de Formiga. Assim, quase duzentas pessoas se sentaram no chão para ouvir este que vos escreve falar sobre os processos de manipulação dos países exploradores sobre os países do Terceiro Mundo e como o Software Livre é um dos melhores “remédios” para esse mal.

Terminada a apresentação, Everton me convida para reapresentar essa palestra no Fórum Social Mundial. Convite que foi aceito de imediato e com muito orgulho.

Na segunda-feira dia 24, de janeiro de 2005, recebo uma ligação, para mim surpreendente, pois eu não tive nenhuma gestão a esse respeito, informando-me que uma passagem me foi concedida... Alegrou-me saber que há pessoas que se mobilizam por boas causas.

De qualquer forma, a passagem estava marcada para o dia 25 de janeiro de 2004, às 06h00, saindo de Recife. Isso me deixou com menos de 12 horas para me preparar e partir para Porto Alegre. Como diriam meus amigos mineiros, “facím”, frente a quantidade de obstáculos vencidos em outras viagens.

Do Aeroporto Salgado Filho direto para o Acampamento da Juventude no Parque Harmonia, próximo do Gasômetro na orla de Porto Alegre. Esse era o ponto de encontro. Mais especificamente a Tenda de Conhecimentos Livres. Sim, amigos, os princípios do Software Livre romperam as barreiras dos bits e bytes e se transformaram em eixo temático do maior evento social do mundo.

Ao chegar, o impacto é inevitável. Pessoas de todos os tamanhos, cores, vestimentas, tribos, religiões, físicas e metafísicas, emaranhadas em espaços definidos para “armar a barraca” (no bom sentido), um burburinho de gente, de músicas, uma feirinha de artesanato que mais parecia uma feira medieval e muitas manifestações para “Um Mundo Melhor”. Simplesmente fantástico!

Terra batida e grama, o Guaíba logo ali na frente, e essa multidão ordenadamente desordenada se fazendo presente. Uau!

Consegui me localizar dentro deste mar de gente depois de apenas oito ligações para Everton. Finalmente, aportei na Tenda de Conhecimentos Livres: uma estrutura feita com paredes de “pau a pique”, com piso de tapume, com duas salas amplas e um auditório no meio, cobertos com uma lona plástica. Estas salas estavam repletas de computadores conectados à Internet por cabo e wireless. Surreal. Surrealidade foi o que me veio à mente. A última vez que senti algo parecido foi quando visitei alguns telecentros nos bairros mais pobres de São Paulo.

Reencontrei vários amigos velhos e, mais uma vez, apelando para a licença poética, reencontrei vários amigos novos. Fabianne Balvedi, a “Fabs”, e Karinna Bueno (perceberam que as duas têm dois “enes” nos nomes?) tinham chegado de Curitiba no dia anterior, em um ônibus com uma “trupe de malucos criativos sensacionais” que trabalham com produção de áudio e vídeo livres e estavam mais à frente da organização do espaço. Os amigos Cláudio Filho – OpenOffice.org.br e Paloma – Java Livre (por mais incoerente que Java e Livre possam ser) também estavam por lá. Recém-chegados. Um alívio para mim, que tinha passado as últimas 16 horas viajando e tinha chegado naquela sopa fundamental humana.

Entre os membros da “trupe de malucos criativos sensacionais”, conheci Jeff e o “mexicano”, dois caras absolutamente comprometidos com o repasse de conhecimento e das técnicas de criação, produção e edição de áudio e vídeo utilizando ferramentas livres. Foi uma experiência única unir desejos em diversas áreas do conhecimento com o mesmo propósito de difundir irrestritamente esse conhecimento.

Algumas horas depois houve uma reunião ampla e aberta para organizar as oficinas, onde todos se apresentaram e deram suas sugestões. E assim foi do início ao fim do FSM em todas as demais tendas, em todas as demais oficinas e encontros: tudo decidido democraticamente.

<conceituação>

Importante neste momento abrir um espaço para repensar a democracia. Os que estavam apresentando trabalhos, oficinas, palestras, cursos etc. foram selecionados e/ou convidados para fazê-lo. Independente do eixo temático, os executores foram pessoas que se destacaram em suas áreas e que foram ao FSM para compartilhar suas experiências, técnicas e tecnologias com todos os demais executores e com o público em geral. Esse processo é o que chamo de Democracia Qualitativa.

O dono do restaurante da esquina não seria admitido nesse meio. Portanto, quando se fala em democracia pura, não a confunda com bagunça ou anarquia sem limites.

Assim como acontece na grande maioria das organizações onde não há eleição de representantes, a democracia existe e funciona muito bem através dos líderes naturais que são apontados pela maioria por conta de suas atitudes e realizações. Bem diferente da democracia quantitativa, a qualitativa tem uma incidência muito menor de que falsos líderes surjam, assim como possui um índice de tolerância a falhas quase nulo. Se um suposto líder age contra os interesses do seu grupo, ele é automaticamente desqualificado e perde o apoio da maioria.

Portanto, o processo que presenciei no FSM foi sempre qualitativamente democrático.

</conceituação>

A noite chegou, e entre exaustos e mais-que-exaustos, começamos os preparativos para dormir. Everton então nos informa, para Cláudio e para mim, que as pessoas que nos hospedariam estavam incomunicáveis. Esqueçam a possibilidade de um hotel a estas horas, pois foram mais de cento e vinte mil participantes para o FSM e nem quarto dos fundos de padaria de subúrbio tinha vaga.

Como assim incomunicáveis? Qual seriam as nossas opções? Depois de algum tempo, ficou acertado que iríamos dormir no apartamento da pessoa que estava hospedando Fabs e Karinna. Ufa, agora, pelo menos, tínhamos um teto.

Fomos jantar com Paulo, sua esposa Carla e os demais do grupo. Como já era tarde, Paloma não poderia voltar para a cidade dela (desculpe mas não lembro mais o nome), ficou acertado que ela dormiria nesse apartamento também.

Assim, terminamos indo para a casa de um santo, que recebeu a nós cinco e mais uma dúzia de outras pessoas (tá certo ele é um santo sem conhecimento de causa, afinal ele não soube desta invasão de pessoas em sua casa até o dia seguinte). Terminamos dormindo lado a lado, da esquerda para a direita: Paloma,

Cláudio, Fabs, Karinna e eu. Sem lençóis, travesseiros ou ventilador em pleno verão de Porto Alegre. Apesar de estar na presença destas lindas mulheres e do que possam pensar as mentes poluídas, não foi uma das melhores noites de sono que já tive. Mas tudo bem, em alguns minutos a exaustão tomou conta de todos.

O dia seguinte transcorreu sem maiores problemas e foi um dia para conectar-se à Internet, revisar e-mails e tentar deixar as coisas em ordem, mesmo a mais de quatro mil quilômetros de casa. O ponto alto foi a apresentação de Gilberto Gil, no show, à noite.

Essa noite também tem história: depois de algumas horas eu estava imprestável e louco para ir dormir, pois às 12h15 horas do dia seguinte seria minha apresentação no FSM. Procurei Everton e anunciei que precisava ir. Então ele me diz que não tem a chave do apartamento e que não tínhamos como localizar Fabs ou Karinna, ou seja, eu estava, de novo, em maus lençóis. Solução imediata: dormir na barraca de camping que Everton tinha no Acampamento da Juventude.

Sem hesitar e disposto a escrever estas linhas depois, fui com ele até a barraca, entrei, fiz da mochila do notebook um excelente travesseiro e passei a dormir o sono dos justos.

Dia 27, quinta-feira, dia da minha apresentação.

Sou acordado pelo calor dentro da barraca às 08h00 da manhã. O sol impiedoso não me deixaria passar nem mais um minuto deitado. Levantei com a cara inchada e com uma leve dor nas costas. Apesar de a noite ter sido bem dormida, o chão de pedrinhas e o colchonete disponível não fizeram bem para as costas. É assim que percebemos que a idade esta começando a pesar:-).

Fui até uma torneira coletiva e lavei a cara. Depois procurei uma barraca e comi alguma coisa e fui para a Tenda de Conhecimentos Livres para ver se encontrava alguém do grupo na esperança de pegar a chave do apartamento e ir tomar um banho e trocar de roupa para fazer minha apresentação.

Só encontrei alguém perto das 11h30, ou seja, tarde demais. Acompanhado de Cláudio e de Vaz, me encaminhei para o lugar da minha apresentação, que foi no Bloco A do FSM. O Bloco A ficava a mais ou menos dois quilômetros de distância. Acredito que esse foi um dos erros mais graves do evento. A distância entre os blocos. Mas nem tudo são flores.

Chegamos na hora certa e, depois de alguns minutos, iniciei a palestra “Complexo de Formiga”. O público não era grande, mais ou menos oitenta pessoas, mas a reação e participação foram muito boas. Como o tempo destinado a cada atividade era de três horas, e essa palestra tem duração máxima de uma hora e meia, tivemos tempo para fazer um debate.

Essa foi uma experiência inédita para essa palestra. E foi extremamente gratificante poder trocar ideias com os participantes sobre as questões levantadas. O que mais me chamou a atenção foram as críticas ao meu “radicalismo”. Isso porque, em um determinado momento da palestra, deixo claro que a exploração deve acabar e que “americanos, europeus e japoneses bons são americanos, europeus e japoneses mortos”. Está claro que esta frase colocada fora de contexto é realmente radical, mas dentro dos objetivos e propostas estabelecidas, não.

Acho sempre curioso que os que se opõem às políticas de controle das massas para impor seus mecanismos de exploração sem medidas sejam tachados de radicais, ou seja, o imperialismo norte-americano pode sim financiar com armas e ser o responsável por milhões de mortes civis por inanição na África, pode bombardear sem limites um país pobre como o Afeganistão, pode sim ser responsável pelo inaceitável índice de mortalidade infantil em todo o Terceiro Mundo. Mas qualquer um que deseje pagar-lhes na “mesma moeda” é automaticamente tachado de radical.

Desejo igualdade entre os homens, paz na terra e morte aos opressores. Se isso me transforma em um radical, me perdoem, sou um radical.

Depois da palestra, voltamos juntos para a Tenda de Conhecimentos Livres na companhia do Mestre Pedro Rezende. Como sempre, uma conversa muito elucidativa e gratificante.

Nessa mesma tarde, fui convidado para o lançamento Oficial do Fórum Internacional de Software Livre 2005, que foi realizado no auditório do Serpro. Momento de alegria para toda a Comunidade Brasileira de Software Livre. Marlon, Mario Teza, Marcelo Branco, Bueno, Loimar, Corinto, Fuzaro, Franciosi, Deivi, João Cassino, Ana Carina, Lages, Elaine, Sérgio Amadeu, Bimbo, Fernanda Weiden, Cristiano, Greve, e certamente muitos outros, cujos nomes me fugiram agora, estavam presentes. Muito legal ver todos juntos para apoiar a realização do maior evento de Software Livre das Américas e um dos maiores do mundo.

Nesse evento, a amiga Loimar descobriu que havia vaga para ficar no apartamento do irmão de Deivi, que se chama Wesley. Na verdade, João Cassino já estava hospedado por lá e foi fácil de organizar com Deivi e João para que eu me hospedasse por lá durante o resto do evento. Ufa! Finalmente, depois de três noites infernais, tive uma cama legal para dormir, além da paz propiciada pelos anfitriões Wesley e Felipe. Obrigadão, galera!

Depois do evento do lançamento oficial do FISL 2005, fomos todos tomar umas cervejas e colocar o papo em dia. Um dia tranquilo e de paz.

Dia seguinte no Laboratório de Conhecimentos Livres, depois de um dia exaustivo de oficinas, todos nós fomos recompensados pela presença do Ministro da Cultura Gilberto Gil, que foi nos fazer uma visita para ver de perto como andavam os trabalhos. Numa demonstração de simplicidade sem precedentes, ele foi até o palco que havia na tenda para conversar com todos e dar o seu suporte aos seres quixotescos que lá estavam.

A recepção não foi das mais calorosas. Seguindo o espírito do FSM, os grupos ligados às Rádios Comunitárias fizeram piquete, gritaram palavras de ordem e seguravam cartazes contra a maneira repressiva e violenta com a qual a Anatel tem agido contra essas rádios.

O clima ficou bem tenso enquanto o Ministro literalmente “batia boca” com alguns manifestantes e uma rádio local gritava pelo sistema de som que o “Sr. Gilberto Gil tem muito que explicar”. Como disse, as exigências eram no sentido de que providências imediatas fossem tomadas para parar com o recolhimento de equipamentos de radiotransmissão e a prisão de alguns profissionais que trabalham nessas rádios. Pedidos mais do que válidos, especialmente para um Ministro que sempre foi a favor da democratização da cultura.

Impressionante ver o Ministro sem guarda-costas, frente a frente com a massa insatisfeita, dando suas explicações sobre como a burocracia (ou seria “burrocracia”) consegue tornar uma simples diretiz de comando em um processo lento e doloroso. E como, apesar de não concordar pessoalmente com a lei que trata da radiodifusão, deixar claro que não se pode simplesmente desrespeitá-la. A lei existe e deve ser cumprida, até que ela seja modificada.

Estava bem claro que o Ministro Gilberto Gil estava em uma situação bastante desconfortável: por um lado concorda plenamente com as exigências, e por outro, está de mãos atadas pelas más leis das quais o Brasil dispõe.

Apesar do clima inicial ter sido tenso, depois de alguns minutos e os devidos esclarecimentos as coisas se acalmaram e ele fez o que sabe fazer de melhor: tocar e cantar. Lindo ver sua humildade para com os demais músicos que estavam presentes e o acompanharam em umas seis ou sete canções.

Nesse momento todas as irritações e ressentimentos esvaneceram, restaram apenas os bons sentimentos regados pelo compartilhamento da música e o público acompanhou cada uma delas de forma arrepiante.

Reconheço que perdi um pouco o “fio da meada”, mas vamos prosseguir com os acontecimentos mais importantes dos últimos dias.

Acredito que foi na sexta-feira de noite que foi organizada uma festa no Barco Amarelo. Trata-se de um velho navio que está atra-

cado no leito do Guaíba. Ao que tudo indica, de forma permanente e definitiva. Este foi transformado em uma pitoresca discoteca, e ao som dos amigos que produzem sons e imagens livres que mandaram ver, todos, de todas as comunidades livres, se esbaldaram em uma pista de dança inclinada. Sim inclinada, porque o barco estava inclinado. Até Corinto, que não bebe uma única gota de álcool, teve uma nítida sensação de embriaguez.

Dia seguinte – Sábado

Tirei o dia para assistir à palestra do Presidente da Venezuela, Hugo Chavez. Wesley e eu decidimos ir para o Gigantinho (o ginásio do Clube Internacional) o mais cedo possível. Assim, mesmo sabendo que a palestra do Sr. Hugo Chavez seria apenas às 18h00, saímos de casa às 14h00. Já tínhamos passado por outras apresentações, onde os locais simplesmente lotavam e era impossível de vê-las.

Às 14h30 estávamos nos portões do Ginásio em uma fila que já tinha mais de cem metros de comprimento e que, rapidamente, atingiu mais de dois quilômetros. O sol nesse dia não deu trégua e o consumo de água foi “camelesco” :-).

Foi bem interessante a forma encontrada pela coletividade para espantar os penetras da fila. Sempre que um grupo, fosse pequeno ou grande, se aproximava do início da fila, todos os que estavam esperando fazia horas, gritavam em uníssono: “Fila! Fila! Fila!”. Não estou bem certo se funcionou ou não, mas que realmente foi engraçado, foi.

Em um determinado momento, um grupo de 4 pessoas cruzou a fila e se posicionou em um lugar suspeito. Não deu outra: “Fila! Fila! Fila!”. Somente quando as pessoas cansaram de gritar foi que eles puderam explicar que não estavam tentando furar a fila, mas sim procurando um bom lugar para vender camisetas. Sensacional!

Somente às 16h30 os portões foram abertos e pudemos entrar. Depois de algum empurra-empurra e da revista dos guardas, pudemos entrar e nos posicionar nas cadeiras numeradas

do Gigantinho. Depois de horas, foi muito agradável poder sentar e relaxar.

Muitos artistas latino-americanos se apresentaram antes do pronunciamento do Sr. Hugo Chavez. Então, finalmente, às 19h30, ele começou a falar.

Como leitor assíduo de tudo que se relaciona com os movimentos revolucionários latino-americanos, eu estava especialmente ansioso para ouvi-lo, especialmente por saber que as relações entre ele e o Presidente norte-americano, George Bush, não estavam nada bem. E ainda não estão. Chavez tem fama de boquirroto, mas a verdade é que nunca tinha, eu, presenciado algo como aquilo.

Sem perder a postura, nem o humor, Hugo Chavez (e aqui peço licença para não chamá-lo de Senhor, nem de Presidente, e sim de companheiro) derramou toda sua verborragia sobre o “Império Yankee”. Mostrando números oficiais do crescimento e da melhor distribuição de renda, saúde e educação na Venezuela, excitou o público. A cada chance que tinha deixava claro que os “Irmãos do Norte” não poderiam fazer nada contra uma República que, depois de eleger o seu candidato democraticamente, referendou-o em um plebiscito sobre sua permanência ou não no cargo.

Esclareceu que o processo foi óbvio: estatizar a extração e refino de petróleo – o principal produto do país – e redistribuir os lucros de forma social construtiva, ou seja, oferecendo bolsas nas escolas públicas para que os mais pobres possam estudar, fazendo campanhas de alfabetização dos mais velhos, oferecendo saúde gratuita e de qualidade, e fomentando a economia.

Sem perder a calma, explicou que o processo toma tempo, pois as leis anteriores tiveram que ser alteradas, e que respeitar as leis e o processo democrático e o processo legislativo leva tempo, mas que os avanços devem ser conquistados passo a passo.

Acusou diretamente o Governo norte-americano de tentar desestabilizar o processo democrático na Venezuela, assim como de continuar tentando taxá-lo de populista e mal governante.

A resposta foi linda: “Se ser populista e mal governante é essa incansável busca pela melhoria social do povo venezuelano e da América Latina, pois que assim seja! A nova revolução está lançada e eles, os imperialistas Yankees, têm sim muito motivo para estar com medo!”.

Confesso que a emoção me dominou diversas vezes nas mais de duas horas de discurso.

Encerrou magistralmente pedindo ao povo brasileiro que tivesse um pouco de paciência com o Presidente Lula, que, mais do que um amigo, é um dos “alinhados” com o novo processo revolucionário, que faz mudanças drásticas na sociedade, mas que leva mais tempo por se tratar de um caminho democrático e respeitador das leis.

Depois desta maratona, não me restavam forças para mais nada. Jantei alguma coisa e fui para casa dormir.

Assim foi minha experiência neste evento fantástico, indescritível, mágico, democrático e revolucionário. Estou certo que o FSM é muito mais divertido do que devem ser aquelas reuniões engratadas em Davos.

Amigos, independentemente de sua inclinação política, ideologia ou crença, nunca mais se permitam perder um evento como este, onde tudo e todos, cada um da sua forma, contribui para que um mundo melhor seja possível.

JOBS, FORD E MAIS “VAMPIROS SANGUINOLENTOS”

A reverência do mercado a Jobs é o reconhecimento de seu empenho em ter êxito numa sociedade capitalista, onde se consegue inverter os papéis do que é importante ou não. Estou há dias discutindo isso e me opondo com veemência a esse endeusamento ridículo a um homem que usou sua genialidade para concentrar poder e riqueza.

Gênio, sim, mas muito mais para um gênio do mal do que do bem. Se tivesse usado seu poder, força e inventividade para viver cada dia como se fosse o último, para criar e disseminar tecnologias que levassem liberdade, conhecimento e colaboração para o mundo, aí, sim, seria diferente.

O problema está na propaganda do *status quo* que necessita endeusar os empreendedores capitalistas, os concentradores de capital, os gênios que foram capazes de vencer nesse jogo sujo.

O mais ridículo é ver a força que se faz para colocar esses “vampiros sanguinolentos” no mesmo nível de verdadeiros revolucionários sociais. E tudo que o cara fez foi um celular com *touch pad* para tornar sua empresa mais rica.

Acho que os movimentos sociais ganharam muito com a morte precoce de Jobs. Quem sabe o encanto que tinha boa parte dos humanos, hipnotizados como mortos-vivos, em frente às telas dos *Apple gadgets* possa ser quebrado de forma mais fácil agora, e possamos trazer de volta discussão sobre um mundo melhor, mais justo, colaborativo e honesto.

O cara revolucionou os meios de dominação e exploração modernos na era digital, isso sim. Percebam que Ford também é considerado um gênio por ter revolucionado os meios de produção, por exemplo. O problema é que, a cada dita “revolução” do capitalismo, os ricos ficam mais ricos, e os pobres mais pobres.

Os métodos que tornam o processo exploratório mais eficiente não deveriam ser exaltados, e sim combatidos. Não há nada de

especial em tornar as pessoas mais produtivas em uma linha de montagem. Chaplin deixa isso claro em seu filme. Bom, há sim. O especial de como eu te faço trabalhar mais pelo mesmo preço, ou seja, a mais valia com um coeficiente cada vez mais favorável ao capital em vez do bem humano.

Ford, Gates, Jobs e muitos, muitos outros deveriam ser proibidos de usar sua genialidade para benefício exclusivamente próprio. Deveria haver leis internacionais que garantissem a distribuição irrestrita do conhecimento e justa dos ganhos financeiros. Isso para todas as áreas.

Um mundo de concentração absurda de riqueza não pode ser chamado de justo. Esse é o “sonho americano” que se espalhou pelo mundo, contaminando praticamente todas as sociedades, onde é justo que um ganhe tanto que faça outros famintos. E quanto mais uma pessoa conseguir acentuar essa diferença, mais ela é admirada, endeusada e vista como vencedora.

Triste.

Como diria o poeta Lulu Santos: assim caminha a humanidade...

E que venham os cães de guarda da igualdade, fraternidade e liberdade capitalista para justificar o fratricídio diário em nome do direito de ir e vir, da imprensa livre, da exploração do trabalho e da concentração de riqueza como os verdadeiros pilares da justiça humana!

Pois que venham!

MICROSOFTIZAÇÃO DA CANONICAL

Depois de algum tempo, decidi que era hora de colocar alguns pingos nos is sobre a temida “microsoftização” da Canonical. Sim, parece que já parti para a porrada na primeira linha do texto, mas, na verdade, não tenho me aguentado de indignação com a empresa e suas atitudes levianas, para quem a tinha em altíssima estima. Imagino que os leitores assíduos da Veja devem ter se sentido da mesma forma quando o véu de paladino da ética do ex-Senador Demóstenes Torres foi removido pelas provas de seu envolvimento em atividades ilegais. Resumindo, este é o gosto da traição.

A Canonical sempre foi um exemplo de como fazer bons negócios com Software Livre. Mesmo vivendo no limite entre o que as licenças livres permitem e o que o mundo dos negócios convencionais exige, ela sempre soube balancear a carga de respeito ao usuário e o “make money”. Suporte a diversas comunidades, os repositórios PPAs, patrocínio a diversos eventos e salários dignos aos seus profissionais. Tudo muito bem, e não tem sido por outro motivo que eu e tantos outros velhos usuários (ou seríamos usuários velhos) temos difundido o Ubuntu como uma opção viável e de confiança tanto em casa quanto no mundo corporativo.

Enquanto a Canonical parecia fazer tudo certo, outras distribuições GNU/Linux escolhiam caminhos mais tortuosos e até sinistros, como a SuSE, que fez acordos amplos com a Microsoft ou a RedHat, que mantém suporte ostensivo a hardware proprietário cheio de firmwares proprietários no seu Kernel. Mas, diga-se a verdade: todas as distros estão, sempre, buscando formas de capitalizar e aumentar seus lucros, afinal de contas, elas são empresas, e, como tal, não têm nenhum outro interesse além de gerar riqueza para si e para os seus.

A Canonical sempre beirou a linha vermelha, mas não me lembro de que ela a tenha cruzado de forma tão aviltante antes. Sendo usuário desde a versão 4.04, tenho uma longa história

com o Ubuntu e tenho acompanhado diversos debates, discussões, erros e acertos, mas o resultado tinha sido sempre digno e dentro de uma margem aceitável (se isso existe) de respeito aos dois lados da moeda. Lembro-me bem quando a Canonical decidiu inserir código proprietário no kernel do Ubuntu. Na dúvida, avise, pergunte e consulte sua base de clientes: ela fez isso e decidiu colocar um aviso no instalador, permitindo que o usuário decida se quer ou não instalar esses códigos malévolos que deixam a maioria dos usuários felizes. O respeito à escolha e intervenção do usuário foi tamanho, que até mesmo os críticos, como eu, terminaram entendendo que ter direito de escolha faz parte do jogo.

O Ubuntu passou por diversas transformações, mudando de interface, mudando de repositórios, incluindo uma série de amigabilidades de uso e tornando-se a distribuição mais sólida para usuários domésticos. Instalar, desinstalar, copiar, produzir, tocar e navegar sempre foram ações feitas com naturalidade e robustez. Tanto que minha sogra, com setenta e muitos anos (espero que ela não leia este artigo), o usou por anos.

Eis que na sua versão 12.04 descobre-se que a Canonical está coletando dados do seu desktop e enviando-os para seus servidores, sem que você saiba que isso está acontecendo. Você não foi consultado. Não apareceu uma telinha perguntando se você aceitava. Não houve nenhuma interação comigo, contigo, nem com ninguém. A Canonical decidiu, de forma unilateral, silenciosa e no melhor estilo Microsoft de fazer as coisas, ativar um recurso de invasão de privacidade não autorizada. Lindo não é?

Deixemos isso claro: uma das maiores empresas de Software Livre do mundo, que baseia seus negócios no respeito aos usuários, na transparência, no compartilhamento de código, decidiu fazer o oposto do que prega. E sem combinar nada com ninguém.

Eu não sou contra fazer negócios e ganhar grana. Nunca critiquei a capacidade negocial da Canonical e sempre fui um defensor ferrenho do direito da RedHat se esconder por trás de seus contratos de manutenção para criar um novo tipo de licenciamento proprietário sobre software livre. As regras existem e as

brechas nelas também. O mundo é dos espertos, certo? E como diz o ditado: posso não concordar com suas ideias, mas dou minha vida para defender o seu direito de expressá-las.

Então por que uma empresa do calibre da Canonical toma uma atitude dessas? Dinheiro? Mercado? Dominação? Provavelmente a resposta será sim para todas essas perguntas. O problema é que, assim, a Canonical cruza a linha vermelha e deixa, para mim, um gosto amargo de Microsoft na boca. Sim, porque quem age dessa forma unilateral, sem dar a mínima para a privacidade dos seus usuários, sempre foi a MS. Vide o exemplo do monitoramento do Skype e o cúmulo de que agora não se pode mais remover sua conta de lá!

Pode-se argumentar que empresas como Cara de Livro (Facebook) e Óculos (Google) fazem o mesmo em uma escala muito maior, o que é verdade, mas há uma, nada sutil, diferença: eles deixam claras as regras do jogo desde a segunda tela de criação do usuário, ou seja, você sabe que será monitorado, vasculhado e decide entregar sua vida a uma base de dados do FBI ou do sistema de propagandas da Amazon. Se você não liga e não acha que há nenhum problema em ceder sua intimidade, parabéns! Mas isso está claro desde o início. Eu não aceito e não tenho uma conta no Cara de Livro.

Se a Canonical me desse a opção de ativar ou não a tal pesquisa de dados no meu desktop, eu certamente não teria ativado. Essa opção tinha que ter vindo desabilitada, com uma telinha linda pedindo que você aceite e permita que as consultas sejam feitas. Tinha que ter sido assim. Se tivesse sido assim, eu, provavelmente, estaria aqui redigindo um artigo defendendo o seu direito a fazê-lo. Mas ela agiu às escondidas, esgueirando-se pelo frio fio da enganação. Quebrou-se o limite, rompeu-se o fino fio da ética que mantinha a Canonical do lado de cá.

Conhecendo o poder tecnológico e as brilhantes mentes técnicas por trás do Ubuntu, e somando-se o sentimento de “é isso mesmo” que se segue à quebra da moral, tenho muito receio de todos os outros recursos de invasão que estarão escondidos em cada cantinho de cada código disponibilizado pela Canonical.

Paranoico? Radical? Extremista? Comunista? Pode ser, mas para me deixar tristonho terão que procurar adjetivos mais fortes.

Desde que entendi a dimensão moral e ética da situação, decidi não usar mais Ubuntu. Decidi dar uma chance às outras distribuições que estão no mercado e, apesar de ter uma predileção direta pelo Debian, decidi testar o OpenSuse 12, e tenho que confessar que estou supersatisfeito. Em termos de beleza, amigabilidade e desempenho, posso lhes garantir que está melhor que o Ubuntu.

Quero agradecer imensamente ao Richard Stallman e à FSF por ter dado o alerta e ter avisado ao mundo sobre a “microsoftização” da Canonical. E se você não se importa com isso, obrigado por ter lido até aqui, mas volte para sua Matrix. Se você se importa, deixe de usar Ubuntu, quem sabe eles aprendem a fazer as coisas do jeito certo e não ceder a esse tipo mesquinho, feio, pobre, burro e, principalmente, desonesto de fazer dinheiro.

A provocação do amigo Júlio Neves nunca foi tão verdadeira: o Ubuntu é o verdadeiro Linux Vista!

Saudações Livres!

DESGOOGLANDO-ME

Faz algumas semanas, estávamos Eduardo Santos, Fabrício Melo e eu trabalhando muito para fazer o lançamento do Software Público Com Br, e, em um dos devaneios comuns ao trabalho em equipe, Eduardo me fala sobre a ideia de um projeto livre que se chamaria unGoogleMe. O objetivo, como o nome menciona, é criar técnicas para não permitir que o Google se apodere das suas informações. Trocando em miúdos, proteger sua privacidade.

Faz muito que amigos, familiares e até inimigos me cobram por eu não ter uma conta no Facebook. A verdade é que o Cara de Livro sempre me pareceu uma versão mais feia do Orkut, e, mesmo para este, minha passagem foi efêmera. Que me desculpem os viciados, mas não tenho tempo para esse tipo de interação mais contundente. É por isso que a agilidade do Twitter me atrai e me cativa até hoje.

Mas, passado algum tempo, decidi dar uma olhada no “Face” e, para isso, precisei ler a licença. Esta é tão ferina ou mais do que a licença de todas as demais redes sociais: tudo de graça, mas você nos autoriza a monitorar sua vida e comercializar seus costumes. Até aí nada de diferente do Twitter, Gmail, Orkut e qualquer outro. Então, quando eu estava pronto para aderir e me entregar, sai a notícia: Facebook firma acordo com o FBI permitindo que este famigerado instituto tenha acesso irrestritamente todo o conteúdo de todas as contas de todos os usuários, quando quiser, como quiser, para a finalidade que quiser sem mandado judicial, restrição ou nenhum tipo de interferência. Está claro?

Apesar de não ser um terrorista famoso e sequer um ativista contundente, decidi que não queria minha vida monitorada pelo FBI. Pelo menos não de forma tão acintosa, explícita e simplificada. Uma coisa é que meus dados sejam usados para fins comerciais, mas não de forma política e policial. Especialmente pelo FBI, que é famoso pela sua generosidade, humanidade, candura e por que não, santidade?

Depois de alguns dias pensando sobre o termo unGoogleMe, percebi que eu tinha muito mais coisas conectadas ao Gmail do

que eu gostaria. De alguma forma eu havia cedido aos encantos do Google e tinha me deixado dominar completamente. Apesar de ter um e-mail próprio, domínio próprio e servidor próprio, terminei me enredando completamente na teia do Google: TAM, GOL, Itaú, Credicard, Endomondo, Mercado Livre, Paypal, LinkedIn, Serverloft e Dreamhost são alguns exemplos de serviços básicos para os quais eu usava meu e-mail do Gmail para manter contato. Isso sem falar dos documentos de trabalho no Google Docs e do celular e do Tablet que usam Android registrado. Eu, definitivamente, estava tendo minha vida monitorada pelo Google.

Então decidi começar, por conta própria, a minha “desgooglização”. A seguir, descrevo os passos que já tomei e onde não estou conseguindo me desconectar, ainda:

Todos os serviços regulares nos quais eu tinha meu endereço de e-mail do Gmail cadastrado, substituí-os pelo meu endereço pessoal, ou seja, o do meu domínio;

Fiz uma conexão IMAP na conta do Gmail através do meu Webmail – Zimbra – e importei todas as mensagens e pastas para a minha conta pessoal;

Apaguei todas as mensagens de todas as pastas do Gmail. Até as mensagens enviadas. Caixa postal vazia no Gmail.

Este é um procedimento lento e gradativo. Um trabalho em desenvolvimento e, portanto, com sérios percalços e problemas até agora desconhecidos e que parecem insolúveis:

Como lidar com o Android? Se se desconectar da conta do Gmail, ele ainda funciona? Quais os repositórios? Como instalar os programas, etc...

Qual é a verdadeira alternativa para o Google Docs?

E a sincronização de contatos como Android?

A medida que eu for resolvendo esses impasses, vou mostrando como e quanto fiz. Mas, a partir de agora, não quero mais vender minha intimidade, minha privacidade e meus hábitos na web para ninguém. Muito menos por um conjunto bonito de aplicativos.

Será que você não está se vendendo por pouco? Eu estava.

DESGOOGLAMENTO HOWTO

Finalmente, consegui me desGooglar! Quase, pois ainda tem um ou dois serviços de que eu gosto e acho que valem a pena manter. Mas aquela monitoria e dependência completa já era. Abaixo, descrevo como fiz isso. Este é o Tutorial de desgooglamento.

Claro que não queremos abrir mão de algumas facilidades, como agenda de contatos e compromissos sincronizados on-line, bate-papo, office on-line e, claro, e-mail. E se não tiver o Google para fazer isso, será necessário ter um outro servidor capaz de fazê-lo. No meu caso, os salvadores da pátria foram o Software Livre Zimbra e o serviço Zoho. Pelo menos para a maior parte dos recursos.

É importante estar disposto a gastar um pouco de dinheiro no processo. Liberdade tem preço e, na maioria das vezes, custa muito mais do que o orçamento de R\$ 10,00 por mês que prevejo aqui.

Então, vamos lá:

1) Conta de e-mail com Zimbra

Tenha uma conta de e-mail em um servidor Zimbra. Você pode baixar e instalar o Zimbra, mas eu acho que isso não é algo viável para a maioria dos humanos, portanto, o meio mais simples é contratar uma conta em um provedor que use Zimbra. É claro que uma busca na web – <http://duckduckgo.com> – relacionará diversas opções.

Em benefício próprio, indico o KyaHosting – <http://www.kyahosting.com>, o custo por lá é de R\$ 6,50 por conta de e-mail. Bastante justo.

O Zimbra permitirá, através do protocolo DAV – Distributed Authoring and Versioning, a sincronização de contatos, tarefas e calendário. Uma mão na roda!

Depois de criada sua conta, você pode avisar a todos o seu novo endereço e, então, mover as mensagens importantes do Gmail para a nova conta, e apagar o que não for fundamental. Eu não estou dizendo que a conta do gmail deve ser apagada,

apenas usada para coisas menos importantes. Pode-se inclusive fazer o Zimbra ler a caixa postal do Gmail via IMAP. Eu fiz isso e mais abaixo explico por que.

2) Contatos, calendário e tarefas

Migrar seus contatos, agenda de compromissos e tarefas é algo delicado e deve ser feito com cuidado. O legal é que não há como perder dados, porque deve-se fazer uma exportação do Google e uma importação no Zimbra.

No momento de exportar os dados do Google, selecione o tipo “vCard” de cada um deles. Esse é o formato de importação que o Zimbra reconhece numa boa.

Infelizmente, o Zimbra não entende campos personalizados. Então, se você costumava definir nomes diferentes aos campos dos contatos, por exemplo, eles não serão reconhecidos. Aconteceu comigo, pois eu usava campos para identificar a operadora de cada número. No meu novo ambiente, Mobile significa Oi e Pager significa Tim. Um incômodo pequeno, mas real.

3) Chat, IM ou bate-papo

Eu decidi que não queria mais ter minhas conversas analisadas completamente. É claro que a maioria das pessoas tem Gtalk, e se eu me comunico com elas, não adiantou muito. Mas estou tentando subverter meus amigos a adotarem o Jabber.

Crie uma conta de bate-papo em um servidor Jabber qualquer. Eu escolhi o jabber-br.org, só para ter o “br” na conta. Achei legal!

A conta não é criada no site deles, mas através do cliente de bate-papo, ou seja, tem que usar o Kopete, Pidgin, Empathy ou qualquer outro que permita criação de contas Jabber. Basta preencher os dados e adicionar seus contatos.

No campo usuário, teste assim: seunome@jabber-org.br

A parte chata, de sempre, é ter que adicionar todos os amigos de novo. E não se preocupe, pode-se adicionar os contatos do

Gmail na boa, ou seja, o jabber-br.org se comunica perfeitamente bem com o GTalk.

4) Google Docs

A melhor opção que encontrei foi o Zoho – <http://www.zoho.com>, pois a outra seria usar o serviço 365 da Microsoft. Sem chance!

O Zoho é bem mais poderoso que o Google Docs e funciona muito bem. A única coisa que eu não gostei é que ele não permite a edição conjunta em tempo real, em que um vê o que o outro está fazendo. Mas eu posso viver sem isso.

Zoho é gratuito até um determinado volume de dados. Mesmo assim, os valores são bem baixos para ter a garantia de que seus dados não serão monitorados de nenhuma forma.

Além disso, a importação dos arquivos é feita de forma direta. O Zoho tem uma ferramenta que lê o disco do Google e importa diretamente. Muito prático.

5) google.com

Pesquisar no google é ótimo. Eu sempre fui um fã do buscador: sua eficiência e velocidade sempre me maravilharam. Mas, depois de alguns anos, confesso que a invasão e coleta de dados me incomodam tanto que eu mudei meu buscador-padrão para duckduckgo.com. É claro que você pode argumentar que eu troquei seis por meia dúzia, mas não é assim. A duckduckgo.com tem uma licença de uso com cláusulas muito claras sobre o respeito à privacidade e à não coleta de dados.

Por quanto tempo a duckduckgo.com e a Zoho manterão o compromisso? Não sei. Mas a verdade é que o Google não tem mais nenhum. Portanto, é hora de mudar.

6) Google Chrome

A Google é genial! E isso é um perigo. Eles perceberam que monitorar apenas os conteúdos dos serviços deles era insuficiente e passaram então a monitorar toda a sua navegação. Absolu-

tamente tudo. Como? Te dando, “de graça”, o melhor navegador web da atualidade: Google Chrome.

O comportamento normal é logar no Gmail, deixar essa aba aberta para ver os e-mails e bater-papo, enquanto nas demais se navega pela internet. Certo? E assim eles coletam todos os dados de sua nevação geral. Cada site, cada texto, cada comentário, ou seja, tudo.

Por isso, eu não uso mais o Chrome nem o Chromium. Migrei de volta para o Firefox. E estou bem satisfeito. Fico muito feliz em ver que o bom e velho FF melhorou muito e os motivos que me levaram ao Chrome foram sanados.

Mas não adianta nada mudar para o Firefox – ou qualquer outro navegador – se você continuar logando no Gmail e deixando ele aberto, enquanto surfa na web. A solução para não deixar de ver os e-mail – poucos – que ainda chegam no Gmail é usar um cliente de e-mail para acessar via IMAP. No meu caso, eu adicionei a conta do Gmail no Zimbra, e acessando via IMAP, acesso os e-mails de lá.

7) Libertando o Android

Entenda: libertar o Android significa não fazer login da sua conta do gmail no momento de ligar seu celular. É através dessa conexão que o Google sabe tudo o que você faz: as ligações, SMS, contatos, compromissos, aplicativos e até mesmo sua posição geográfica em tempo real!

O fator que gera mais dependência é o Google Play. Afinal de contas, todos queremos ter aqueles aplicativos fantásticos que servem para... Bom, para quase nada, mas que todos adoramos. E sem logar a conta do gmail não se pode usar o Google Play.

O outro fator é a sincronia de dados: contatos, agenda e tarefas. Então vou explicar como resolvi isso:

- a) Tente remover sua conta do Gmail em Configurações -> Contas e Sincronização

Eu realmente me surpreendi com a tentativa, pois em meu Tablet ele removeu a conta sem nenhum problema. Já no meu celular não foi possível. Tive que zerar o celular.

Se o seu dispositivo não permitiu a remoção da conta:

- a.1) Faça uma lista dos aplicativos que tem instalados, nem que seja dos mais fundamentais, e aproveite para desinstalar aqueles aplicativos menos importantes que sempre deixamos para remover depois;
- a.2) Restaure o padrão de fábrica -> Configurações -> Privacidade -> Restaurar o padrão de fábrica. Este procedimento removerá todos os aplicativos, mas não seus dados. Além do mais, você tem todos os dados salvos em arquivos pela exportação do site do Gmail, lembra? Seu cartão de memória também não será tocado. Não se trata de uma formatação, apenas de um desligamento da conta do Gmail. Você e o seu dispositivo vão sobreviver.

Se o seu dispositivo permitiu a remoção da conta ou você restaurou o padrão de fábrica:

- b) Visite o site <http://m.aptoide.com/installer> e instale o aplicativo Aptoide. Este será seu novo “Google Play”. Ele lista milhares de aplicativos, incluindo quase tudo o que existe no original. Mas sem precisar logar, validar e deixar rastro.
- c) Use o Aptoide e instale o programa CardDav para fazer a sincronização dos contatos. No campo do servidor, coloque: https://servidor_zimbra/dav e, claro, nos campos de usuário e senha, o óbvio.

Atenção para o campo que define o sentido da sincronização. Por padrão, ele vem para só sincronizar do Servidor para o dispositivo. Eu desmarquei isso e estou feliz com o “two way”.

d) Se quiser – deverá querer – sincronizar agenda e tarefas, é melhor investir U\$ 5,00 dólares no CalDAV, que é do mesmo desenvolvedor, e pode ser comprado aqui: <http://www.android-pit.de>

O processo de configuração é o mesmo.

8) Mudando o contato em seus serviços

Mas nada disso fará muita diferença se você não dedicar um bom tempo a mudar seus contatos em todos os serviços on-line que você usa. Talvez esse seja o maior de todos os desafios: mudar seus contatos, avisar seus amigos que não quer mais usar a conta do Gmail para coisas sérias por não querer ter sua privacidade invadida.

E não adianta nada fazer redirecionamento, porque as mensagens, ao passarem pelo Gmail, serão tratadas e analisadas.

Bem-vindo a uma vida on-line sem que o Google rastreie cada passo de sua existência. É claro que ela conseguirá coletar alguns dos seus dados, mas a culpa será sua, por não ter dado a devida importância a sua privacidade.

GOOGLE HOME

A Google acaba de lançar seu mais novo produto: GHome – O lar dos sonhos! O plano de ação já começou experimentalmente em Bruxelas. Trata-se de um apartamento moderno, com espaço de sobra para uma família-padrão europeia. Três quartos, ampla sala, com vista permanente para a cidade velha. O imóvel está completamente mobiliado, e a TV de 200" 3D é apenas um aperitivo no quesito gadgets. Tem tela plana em tudo que é lugar: porta da geladeira, espelhos dos banheiros e até no elevador. O mais interessante é que não se paga nada por viver nela. O uso do imóvel é totalmente gratuito. A contra-partida são as câmeras: absolutamente todos os movimentos dos habitantes são filmados, gravados, analisados e catalogados.

“Não há com o que se preocupar, as imagens nunca serão vendidas ou cedidas a terceiros. Elas serão usadas exclusivamente para alimentar nosso banco de dados comportamental e ajudar a definir o que as pessoas fazem mais vezes por dia e como o fazem. O objetivo é permitir ao mercado direcionar de forma perfeita seus produtos”, descreve John Loke, diretor internacional de comportamento animal do departamento de estudos avançados de bio-tecnologia da unidade especial de geração de dados da Google.

Com toda a despesa de moradia custeada pela Google, as pessoas podem investir seus recursos financeiros em coisas mais importantes como lazer, leitura, cultura e consumo em geral. Nada de se preocupar com espaço para a família, manutenção, impostos ou qualquer item relacionado ao imóvel. Pode-se curtir a vida sem nenhuma preocupação. O tamanho da GHome dependerá da necessidade de cada cliente, afinal de contas, espaço nunca será um problema, pois os estudos avançados da Google projetam que as pessoas viveriam felizes no fundo do mar ou até mesmo em casas flutuantes no céu.

“Entendemos que há pessoas dispostas a colaborar com a base de conhecimentos humanos que a Google mantém pois servirá a toda a humanidade. O que as pessoas querem é con-

forto e garantia de estabilidade de moradia. O fato de terem seus movimentos monitorados não causa nenhum impacto. É uma relação onde todos ganham”, comenta Mr. McCloud, diretor do departamento de geração de necessidades humanas.

Como não poderia deixar de ser, a fila de espera para ser um dos felizes inquilinos de uma GHome é enorme. Inclusive está prevista a realização de grandes eventos de lançamento ao redor do globo: Paris, Berlim, New York, Tokio e Pindamonhangaba estão entre algumas das cidades que serão contempladas no primeiro plano de assentamentos. O objetivo é usar áreas decadentes e ajudar em sua urbanização, melhorando a qualidade de vida de todos.

Alguns pontos do contrato ainda não estão claros, como, por exemplo, a garantia para vazamento de imagens não autorizadas. Outro tópico é o de reintegração de posse, afinal de contas, o Google poderá a qualquer momento cancelar o contrato e impedir o acesso dos moradores à GHome. Haveria tempo hábil para pegar suas roupas e outros pertences?

“Eu estou muito animada e feliz com minha nova casa! Ela tem tudo o que eu sempre sonhei!”, enfatiza uma entusiasmada Margaret, esposa de Ronald, o casal belga. “No primeiro dia fiquei meio envergonhado de usar o banheiro e pensei que não suportaria a ideia de ver a Margaret sendo filmada nua, mas depois de alguns dias você nem pensa mais no assunto e as câmeras são escondidas, nem se percebe!” comemora Ronald.

Então, se você está procurando um lugar seguro, que te faz sentir em casa e adora tecnologia, não deixe de aceitar todos os termos do contrato e entre na fila para ter a sua GHome!

Esta é uma obra de ficção.

Mas o seu entreguismo no uso de todas as ferramentas do Google, não.

RE DEMOCRACIA

Uma nova revolução social está por vir. Caberá a cada um de nós, brasileiros, decidir se queremos romper com séculos de tenebrosas transações. Os governos, sistematicamente e sem exceção, têm utilizado a máxima da reciprocidade comercial com seus financiadores. É claro que isso pode parecer aceitável depois de tanto tempo sob o regime individualista do capital, mas essa distorção das regras deve ser corrigida, como tem sido feito nas sociedades mais desenvolvidas.

Vamos tentar não fugir do foco principal: evoluir para uma sociedade mais justa e igualitária, certo? Independente de credo, cor, condição financeira ou intelectual, todos queremos um mundo melhor, mais justo, e que tenha seus extremos, mas sem exageros. Ricos sim, pobres sim, mas megamilionários sempre terão seus cadáveres no armário: a miséria extrema. Equilíbrio em prol da maioria, resumindo.

Então, não importa se você é um jurista enrustido, um comunista teórico ou apenas mais um corruptor do sistema, todos querem uma sociedade melhor, assim como se crê em Deus. E assim como há diversos caminhos para se chegar à Iluminação, há diversos caminhos para se chegar na tal sociedade justa.

A democracia é um desses caminhos. Nada foi mais alardeado como solução moderna quanto os governos escolhidos pelo povo, por sua participação direta. Afinal de contas, nada melhor do que essa massa de pensamentos, indivíduos e desejos conflitantes para escolher de forma majoritária os detentores do poder político, e, portanto, econômico, desse currais chamados países. Dois terços dessa massa ainda vive em estado lamentável, implorando por educação, segurança, emprego, saneamento...

Mas, negócio que se preze, tem que crescer. Já diz o ditado empresarial: negócio que não cresce, morre. Mas crescer significa fazer negócios e esse tipo de atividade não conhece limites, nem geográficos, nem legais, nem éticos. Além disso, trata-se de uma relação inversamente proporcional entre o montante nego-

ciado e o cuidado com os aspectos legais e éticos. Todos sabemos disso, mas, de alguma forma, achamos isso natural, normal, aceitável e até mesmo intrínseco. Não faz muito tempo, acorrentar um negro a um tronco e dar-lhe 20 chibatadas era igualmente ordinário. Felizmente evoluímos. Será?

O maior consumidor do mercado é o Governo. Maior cliente, maiores negócios, maiores montantes, portanto, menos correção, fidelidade ao legal e compromisso com o ético. Essa é a norma de mercado em todas as sociedades capitalistas, mas, apesar de corriqueiras, elas não deveriam ser aceitáveis como parte do jogo político-democrático, mas são.

Imagine os valores envolvidos em obras de infraestrutura de um país continental como o Brasil, multiplique o número que lhe veio a mente por vinte, provavelmente a aproximação deve ter sido de apenas 5% do valor real envolvido. Somemos a essa conta os valores em concessões públicas para mídia, transporte público, portos, aeroportos, telefonia e todo o resto. Bilhões e bilhões de dinheiro jorrando dos cofres públicos sendo coletados pelo empresariado.

Mas há regras que devem ser respeitadas, normas a serem seguidas. No Brasil, a principal é a Lei de Licitações e Contratos nº 8.666/93. Essa, provavelmente, é a lei mais burlada deste país. Seja pelas vendas casadas de computadores com sistemas operacionais proprietários, como o Windows, seja pelas brechas para especificação de marcas, seja pelas tais “dispensas”. Segundo as entidades de controle e combate à corrupção, 80% das irregularidades e desvios acontecem no processo licitatório. São pleitos com regras e definições elaboradas de forma específica para favorecer um determinado fornecedor.

Quando o caso é de concorrências fraudadas por desvio moral de um funcionário público ou de um pequeno grupo de amoraes humanos, o problema é grave, mas pontual, individualizado, com prejuízos menores, apesar de inaceitáveis. E quando as cartas estão marcadas como parte do jogo político? Explico: financiamento privado de campanha política.

O acesso ao Poder Público Executivo e Legislativo, em uma democracia, é alcançado pelo voto popular. Entretanto, o processo eleitoral exige um altíssimo empenho por parte dos partidos políticos e seus candidatos. Esse empenho se traduz em milhões de dinheiro que serão gastos em material de propaganda, produções de TV, comícios com shows de artistas famosos e toda sorte de outros artifícios de marketing. E quanto mais abrangente o cargo político, exponencialmente maior é o investimento necessário para concorrer e, quem sabe, vencer o pleito. Junte ao gasto direto, traduzido em valores financeiros, o custo do apoio político, acordo com os representantes do comércio, da indústria, das telecomunicações, das mídias, dos sindicatos, ou seja, todos os interessados.

O financiamento de campanha é a forma pela qual os partidos conseguem angariar fundos para serem gastos no processo eleitoral para convencer a maior parcela possível da sociedade a votar em seus candidatos. Então, legalmente, uma grande empreiteira pode doar quanto dinheiro achar conveniente para apoiar o candidato que estiver mais alinhado com seus interesses. O mesmo acontece com os meios de comunicação, como jornais e canais de televisão, e nestes casos, o apoio pode não ser financeiro, mas na formação de opinião, com propaganda política disfarçada de matérias jornalísticas. Tudo feito dentro da maior legalidade, ou seja, pelas regras atuais, isso pode.

Então, o que levaria uma grande empreiteira a doar algumas centenas de milhões de dinheiro para o fundo de campanha de um candidato? Puro alinhamento ideológico? Seria ingenuidade acreditar nisso, certo? Não vou fazê-lo, portanto, vamos ao ponto: a empreiteira investe no partido e seu candidato esperando receber favorecimento nos contratos de construção da gestão desse Executivo ou Legislativo. É um simples negócio: você se elege e, em retorno, eu faço mais dinheiro. E quanto mais poder, maior são os valores envolvidos, a abrangência e duração dos acordos.

Então, o grande marco do poder popular, os representantes sociais dos desejos da maioria, chega ao poder com o devido

compromisso de defender os interesses de seus financiadores, e não de seus eleitores. Interessante pensar que nossa jovem democracia esteja devidamente corrompida em seu método. Não há escapatória no atual formato. Mas sempre há esperança. Sempre há espaço para evoluir.

Está em tramitação em nossas casas legislativas a reforma política. Entre diversos itens, o financiamento público de campanha pode ser o cerne da citada revolução democrática, levando a sociedade a outro nível. Se o dinheiro necessário para bancar as campanhas políticas vier dos cofres públicos, o financiador será o contribuinte, ou seja, o próprio povo. Podemos então imaginar que o compromisso dos governantes e legisladores eleitos será com quem deveria ser. Pode não ser a solução de todos os problemas de corrupção, mas certamente aliviaria a pressão sobre os eleitos.

É claro que o financiamento público de campanha fará com que os históricos financiadores de campanha, que mantêm o sistema político refém, percam o poder de barganha. Portanto, ele será combatido com todas as forças. Argumentarão que o dinheiro público não deve ser gasto com isso. Dirão que é uma medida antidemocrática porque exclui parcelas da sociedade de participar diretamente do pleito. Dirão que isso fere o livre mercado, fazendo das eleições mais uma instituição estatal falida. A mídia, financiada pelos interesses privados, em seu direito de ser tendenciosa, usará de todos os expedientes, reportagens, opiniões de especialistas, análises jurídicas e até seus famosos artistas para desacreditar essa mudança.

Lembre-se: o governo deve ser o mais isento possível, para tentar tornar a sociedade como um todo mais justa. Mas sempre que tiver que ser tendencioso, ele deverá sê-lo, a favor do povo. Iniciar um governo tendo que honrar os compromissos de campanha com os seus financiadores privados é antipopular, antidemocrático e deveria ser ilegal.

Portanto, quando o momento chegar, não se esqueça de apoiar seu legislador e de usar a internet para contrapor a ve-

lha mídia apoiando a aprovação do financiamento público de campanha.

Mas vivemos, graças ao sangue dos mártires, em uma sociedade livre, e eu realmente gostaria de desafiar os defensores do financiamento privado a usarem este espaço para expor seus argumentos quanto ao bem que esse método promove para nossa sociedade.

ATIVISTAS CONVERTIDOS

Em plena batalha pelo Marco Civil, decido levantar a pulha dos sistemas e ambientes proprietários e de desrespeito à privacidade. Que tombo! Quebrei a cara. Fui convidado a não pregar para os convertidos.

O Macro Civil é o nome da PL 2126/2011, que está em tramitação na Câmara dos Deputados, e esse é um lindo projeto que vai se converter em nosso pior inimigo, muito em breve. O MC foi originalmente escrito para proteger os usuários dos desmandos dos grandes oligopólios das telecomunicações e de vontades espúrias de governos pouco escrupulosos. Traduzindo: para evitar desmandos sobre a rede mundial de computadores.

Esse é um projeto de lei extenso, que contem valiosas pérolas de contenção de possíveis abusos por parte dos poderes malévolos, mas três se destacam: “notice and take down”, neutralidade da rede e privacidade. Não pretendo entrar em maiores detalhes sobre o Marco Civil da Internet. Pode-se facilmente encontrar material sobre isso espalhado na web. Meu enfoque é outro.

Infelizmente, os podres poderes estão ganhando terreno, e com o apoio dos ministros do Governo Dilma, estão conseguindo modificar os artigos pertinentes a esses três pontos, para atender às suas demandas, ou seja, em breve, será legal remover conteúdo da Internet sem ordem judicial, será legal criar regras de acesso diferenciadas por tipo de conteúdo; e será legal, também, ler os cabeçalhos de sua comunicação, invadindo a sua privacidade de forma direta e sem nenhum tipo de controle.

Então a sociedade civil, especialmente os atores que participaram da redação original do Marco Civil, está reagindo às investidas de modificação do texto, tentando minimizar os estragos dentro desse nojento processo de negociações do legislativo brasileiro. Eu me incluo no grupo que está se mobilizando, do jeito que é possível, para enfrentar esses cancros.

Mas foi exatamente em uma dessas discussões sobre métodos e formas de fazer mobilizações que surgiu o cerne motivador

deste artigo: faz sentido buscar preservar o Marco Civil, em especial no que tange à privacidade, utilizando ferramentas e redes sociais perniciosas e vis como o FaceBook?

Mandei o seguinte conteúdo para o debate:

<inicio>

Que maravilha essa imagem!

Mas não é meio besta que ela esteja compartilhada exatamente pelo FaceBook?

Digo, é aceitável que o FaceBook monitore tudo que os usuários fazem, mas não as telefônicas?

Será que não é hora de todos nós, ativistas, revermos nossos conceitos e concessões tecnológicas que temos feito nos últimos anos?

Para mim, é absolutamente incongruente que defendamos a privacidade dos usuários e a neutralidade da rede e, imediatamente depois, utilizemos as ferramentas campeãs de monitoramento, rastreamento e de fomento de agências como o FBI.

Defendo a privacidade usando o Facebook como ferramenta.

Apoio o plantio orgânico usando sementes da Monsanto.

Sou Vegano usando minha jaqueta de couro.

Sou defensor/simpatizante do Software Livre usando Windows, Skype e/ou Mac/iPad/iPhone.

Faz sentido?

<fim>

E foi aí que a resposta que intitula este relato surgiu: não pregue para os convertidos. O argumento é que se os meios para alcançar a maior quantidade possível de pessoas é utilizando meios de comunicação que não respeitam nenhuma privacidade e ainda compartilham suas informações com o FBI. Então, tudo bem.

O argumento é bom, mas falho. Usar Windows, Skype, Gmail e Facebook não deveria ser uma opção para qualquer ativista realmente comprometido com uma mudança séria para um mundo melhor. Não faz nenhum sentido. É como justificar o uso

de reatores atômicos porque energia elétrica é necessária, e fazer ativismo a favor dos meios “limpos” de geração. Usar tecnologia proprietária que só beneficia as megacorporações e os governos imperialistas, como os USA, trará, sempre, mais prejuízos do que ganhos. Especialmente para um ativista social.

As redes sociais são os novos mecanismos de vigilância das agências de inteligência dos países imperialistas. E qualquer tentativa de burlá-las é considerada uma ofensa. Vide a proibição do uso de criptografia nos USA, Inglaterra, Alemanha e Japão. E das iniciativas legais para impedir a privacidade a todo custo, como o exemplo do governo japonês, tentando tornar ilegal o uso do TOR.

Os governos têm se associado às principais redes sociais, que não sem querer são dos USA, e têm fomentado o seu uso pelo mundo. As redes estão quase sempre associadas a um estilo jovem e descolado de ser. Vende-se a imagem de ser uma ferramenta socialmente útil, para organizar trabalhos voluntários e até mobilizações das massas insurgentes, como nos movimentos da chamada Primavera Árabe, e até certo ponto isso não deixa de ser verdade. Assim como a energia elétrica é algo extremamente positivo, as redes sociais também o são. O problema está em sua geração. Se for de hidroelétrica, tudo bem, mas de energia nuclear, não. Neste caso, há de se tomar o mesmo cuidado. O Facebook, por exemplo, permite as mobilizações sociais, mas acessando suas bases de dados, em tempo real, estão o FBI e a CIA, coletando o cotidiano de todos os usuários e traçando perfis de comportamento das massas.

Temos que buscar alternativas livre e seguras, livres de monitoramento, e parar de tapar o sol com a peneira. Parar de se enganar e criar desculpas que tornam nossa complacência cada vez maior com as ferramentas do inimigo.

Que me desculpem os mais cegos, mas não há ativismo que vença utilizando essas ferramentas monitoradas. Os podres poderes estarão sempre um passo à frente, pois vocês alimentam suas escutas e permitem que eles saibam de tudo, de cada movimento, de cada protesto, de cada iniciativa, de cada ação. Essas

ferramentas são escutas eletrônicas em cada mensagem digitada, em cada ideia trocada, em cada e-mail, em tempo real.

O pior de todos os convertidos é aquele que acha que é um convertido. Se luto pelo combate à corrupção, não preciso me preocupar com as ferramentas tecnológicas que uso, afinal de contas, eu não sou um cyber-ativista. Se luto pela energia limpa, também não. Entretanto, esse é um argumento ingênuo que só traz mais e mais poder aos meios digitais de controle e dominação das históricas forças do mal. Por trás de todas as iniciativas que poluem, corrompem, degradam, escravizam, exploram e matam por ganância, está uma ferramenta tecnológica proprietária e sua supercapacidade financeira para ajudá-las. Pense nisso.

Eu não sou um ativista convertido. Eu tento me converter todos os dias, ouvindo os argumentos e tentando ser o mais coerente possível.

Acho que está na hora dos principais expoentes dos movimentos ativistas sociais do mundo acordarem e recrudescerem suas posições sobre quais ferramentas podem e quais não podem ser utilizadas!

Quer fazer seu ativismo aparecer e atingir realmente a maior quantidade possível de pessoas? Coloque um anúncio de 30 segundos no intervalo do Jornal Nacional e outro na novela das nove. É menos ruim.

CAPITALISMO LIVRE

Não se trata de qualquer ideologia ou convicção ingênua. O movimento Software Livre é uma ameaça à lógica capitalista em sua forma mais vil. Trata-se de combater os excessos e ter como objetivo primário a felicidade conquistada pelo amor e respeito ao próximo e a si mesmo. Faça por prazer e conquiste o respeito de todos, faça por ganância e cairá na lógica vil, onde o dinheiro e a riqueza acumulada definem seu grau de sucesso na vida. Se a forma natural de ganhar a vida é acumular riqueza, e quanto mais melhor, como se realiza isso sem explorar um semelhante? No formato defendido pelo mercado, basta empreender, perseverar e conquistar seu espaço. Traduzindo: tenha uma boa ideia, explore a quantidade necessária de pessoas e convença uma parcela significativa da sociedade a consumir a sua ideia, mesmo que dela não precise, e bingo! E, por essa lógica, você será mais genial e bem-sucedido, quanto mais pessoas você explorar e fizer consumir sua ideia. Vamos explicar isso: pagar um salário a alguém não é um benefício. Trata-se da materialização da lógica exploradora. O salário será sempre o mínimo necessário para que alguém realize um determinado trabalho. Não se remunera o que o trabalho vale. Se assim fosse, o dito empregador não acumularia riqueza para si e sua organização. É exatamente esse acúmulo sobre o trabalho de outro que se chama “mais valia”, ou seja, exploração. O movimento Software Livre expõe essa realidade vil, quebrando o conceito de acúmulo pessoal. O trabalho colaborativo prevê ganhos de importância, reconhecimento e retorno financeiro, baseados na meritocracia, faça mais, ganhe mais. Há algo mais justo?

O embate que ocorre nas trincheiras dos novos modelos de negócios é entre a velha escola, que quer fazer as coisas como sempre: trabalhamos colaborativamente, mas não dividimos os dividendos de forma proporcional; e a nova escola, onde pode haver concentração de riqueza, sim, mas o objetivo é realizar o trabalho com a maior quantidade de mãos possível.

Perceba, o retorno financeiro é dividido entre os participantes do projeto, de forma igualitária ou proporcional ao trabalho realizado por cada participante. Levemos esse modelo ao extremo para conceituá-lo de uma forma clara. Quanto mais participantes, menor o ganho individual de cada membro. Virtualmente, se o volume de participantes for muito grande, o ganho individual será desprezível. Entretanto, o esforço individual será igualmente desprezível, afinal de contas, milhares de mãos fazem muito mais, em menos tempo e com melhor qualidade. Quando um projeto de Software Livre atinge esse ponto, os ganhos financeiros deixam de ser revertidos para seus participantes e passam a ser direcionados para infraestrutura, qualidade, evangelização, segurança e outros. Quando o ganho financeiro do coletivo não atende a cada indivíduo, reverte-se o ganho para os benefícios intangíveis do coletivo. Vale mais ganhar R\$ 10,00 por mês ou garantir a confiabilidade de um software como o Firefox?

O mercado convencional enxerga, com razão, as ameaças dos ambientes de construção e negócios colaborativos. Geração de conteúdo, mobilização de inteligência criativa, poder popular de qualidade, redução de custos de produção e distribuição justa de renda são antagonistas ao modelo verticalizado dos magnatas do velho capitalismo.

Deixemos isso claro, não se trata de uma ode ao comunismo, mas uma crítica direta ao modelo atual, onde está estabelecido que explorar um semelhante é aceitável, honesto, correto e é estimulado por governos e pessoas. Essa é a maior loucura coletiva dos tempos modernos. E não me venha com argumentos infantis do tipo “sempre foi assim”, ou, isso é da “natureza humana”. Os sacrifícios humanos ao “Inti” já foram devidamente eliminados das sociedades. Temos que evoluir e não perpetuar nossos comportamentos Neandertais.

Usar Software Livre, manter a Internet como plataforma livre, criar negócios com remuneração igualitária, gerar conhecimento colaborativo, usar a tecnologia para educar de verdade são prerrogativas que ferem mortalmente o modelo onde uma empresa ganha sozinha e domina o mercado. É por isso que o es-

forço dos dominantes para colocar essas novidades como sendo meras alternativas inovadoras de modelos antigos é algo corriqueiro. Eles buscam estabelecer o uso do trabalho colaborativo para melhorar a produção, mas não para mudar os formatos de exploração. Então é como sempre: aproveitamos a metodologia para aprimorar a exploração, e não para libertar as pessoas dela.

Que tal fazer realmente diferente? Que tal mudar sua vida, desde a base? Inicie ou se envolva com um projeto de Software Livre. Dedique-se a fazer o que gosta. Respeite os semelhantes. Proponha ganhos iguais para trabalhos iguais. Abandone a noção de que você ou qualquer outro tem o direito de explorar o trabalho de um semelhante. Seja empreendedor da igualdade. Convide seus iguais para construir juntos, ganhar juntos, serem felizes juntos, melhorarem o mundo juntos.

Dedique-se a fazer a felicidade fluir em você e nos demais. Seja livre e ajude a disseminar o amor e a liberdade.

Se não for amanhã, tudo bem. Que tal começar semana que vem?

YES, WE FAN!

É claro que o assunto parece batido e amassado, mas depois do anúncio do novo Hangout pelo Google, eu não poderia me ausentar de lembrá-lo sobre a sua cegueira de fã. Empresas como Apple, Samsung, Google e Canonical transformaram a tecnologia em algo divertido, agradável e consumista. É muito legal ter um tablet, mas é ainda mais legal se ele for um iPad. E é muito exclusivo ter um S4, especialmente porque não há nenhum motivo plausível para que ele custe o mesmo que um notebook i7 com 8Gb de RAM e 1TB de disco. Seguindo a mesma estratégia da moda, onde o mesmo pano, desde que confeccionado por um ou outro custe de 30 a 300 mil “dinheiros”, trata-se de grife pura e simples. E neste caso a exclusividade não é só de quem pode pagar, mas para quem o fornecedor quer vender. É como ter uma Ferrari: não adianta ter só o dinheiro se não for aceito no seletor clube de pessoas a quem a Ferrari vende seus carros. Pois é, não basta ser rico, tem que pertencer à gangue!

Mas empresas como a Google e a Canonical tinham um componente a mais, elas criaram seus produtos com pitadas de responsabilidade social, ecológica e de liberdade. Nos fizeram acreditar que eram empresas conectadas com a tendência de que é possível criarmos um mundo melhor, mais justo e fraterno. É claro que a maioria esmagadora dos ativistas de várias tendências caiu feito “patinho” nessa balela. Eu, inclusive.

Essas são empresas, e como tal, são sociopatas. O documentário <http://thecorporation.com/> deixa isso claro, e por isso recomendo muito que ele seja visto. Eles só visam a uma coisa: lucro. Nada mais. E nesse processo vale tudo, inclusive mentir, contradizer-se, processar os concorrentes, comprar as menores e até mesmo reverter posturas negociais consolidadas. A Microsoft e a Oracle sempre foram excelentes exemplos dessa mecânica suja de negócios, para as quais o objetivo maior é atingir o monopólio e fazer o mercado engolir seus produtos malfeitos. E não há outra forma de explicar sua representatividade de mercado, afinal, foi pelo monopólio que

chegaram a ter impressionantes 95% de suas respectivas fatias de mercado. Mas o mais impressionante é que eles conseguiram, também, criar uma legião de fãs, cegos, surdos e loucos que continuam usando seus produtos, defendendo suas técnicas de mercado, e são avessos a qualquer argumentação em contrário. São esses que ainda usam Internet Explorer e gostam.

O fanatismo desses usuários é algo que se perpetua nas ferramentas do Google, seu buscador e serviço de chat e vídeo, por exemplo. A ferramenta é tão boa que consegue fazer frente ao Skype, mesmo depois de sua aquisição pela Microsoft. E a razão de sua qualidade e popularidade era o fato de se basear em um protocolo livre conhecido por “jabber”. Esse é um protocolo livre e aberto e assim permitia que os serviços de comunicação do Google fossem integrados com diversos outros servidores e serviços disponibilizados na Internet. Assim era possível usar uma conta de qualquer servidor Jabber para conversar por chat, áudio e vídeo para se comunicar com qualquer usuário do Gmail, por exemplo. Então a disseminação se deu, o mercado foi cativado e, graças ao sentimento coletivo de que o Google respeita sua privacidade e liberdade, ele foi amplamente adotado. E essa adoção massiva criou a massa crítica necessária para que o “golpe” fosse dado. A partir do novo Hangout, essa interoperabilidade não será mais possível. É isso: subitamente, meus contatos que têm contas no Gmail/Gtalk não mais conseguirão se comunicar, via chat, comigo, e vice-versa.

É claro que muitos defenderão a estratégia do Google, assim como não faltaram paladinos para apoiar a cretinice da Canonical quando colocou um Spyware no Ubuntu sem avisar nada a ninguém. Dirão que se trata de uma empresa e que, se ela quiser crescer e se manter no mercado, precisa inovar, e se para inovar ela precisa eliminar a compatibilidade com os protocolos abertos, isso é válido. Discordo, é claro. A Google já deu sinais claros, desde faz uns anos, de que não respeitará nada nem ninguém. Ela sugará do mercado, dos novos modelos de desenvolvimento colaborativo, e da comunidade FOSS tudo o que puder, mandando migalhas aos porcos para os fazer felizes. Um desses me-

canismos é o tal Google Summer of Code, que se esconde atrás da pecha de apoio acadêmico e estímulo à inovação, e leva brilhantes jovens cérebros a criar e desenvolver soluções fantásticas a troco de premiações ridículas.

Então a Google vai incompatibilizar o protocolo de comunicação, isolando seus usuários dentro de seu próprio serviço. Será o novo Skype, que, quando foi comprado pela Microsoft, eliminou o plugin que permitia a conexão com o Asterisk, ou seja, isolando seus usuários. O passo seguinte da MS foi monitorar de forma ainda mais descarada as conversas, inclusive acessando URLs e usando usuários e senhas que são reveladas nas conversas.

Então, essas empresas usam todos os meios disponíveis para isolar, monitorar e monetizar seus usuários, e quanto mais elas se tornam agressivas nesse sentido, mais fãs elas conseguem. O nome disso, na psicologia moderna, é Complexo de Estocolmo. Não faz nenhum sentido que usemos ferramentas que nos causem danos, mas os verdadeiros fãs não conseguem perceber o mal que lhes é infligido. Lembro-me bem do caso da banda Metálica, que, no auge da discussão sobre legalidade ou não de se compartilhar músicas por meios P2P, terminou declarando que consideravam essas pessoas criminosas e que todas deveriam ser presas! Eles só esqueceram que esses tais “criminosos” eram, ou são, seus fãs, os verdadeiros responsáveis pelo seu sucesso e riqueza.

O Facebook com seus entreguismos à CIA e FBI; a Canonical com seus Spywares escondidos; o Skype com seu monitoramento ativo e, agora de forma franca, o Google, com a criação de seu curral de usuários. É assustador o que vem por aí.

Mas o que mais me preocupa é que os ativistas, especialmente os do movimento Software Livre, estão rendidos, estupefatos, silenciosos, como as fãs do Justin Bieber. Ainda me lembro do tempo em que éramos a vanguarda, críticos e combativos. Quando acreditávamos que privacidade, liberdade e respeito aos direitos dos usuários de TI estavam acima de qualquer firula ou gracinha provida por qualquer grande player do mercado. É claro que havia um grupo de exceção, que só usava FOSS apenas porque era tecnicamente melhor, mas a situação hoje é tenebro-

sa. Estamos sucumbindo, um a um, às ditas facilidades e conveniências dessas ferramentas e suas empresas fantásticas. Estamos perdendo para nós mesmos.

É claro que podemos inventar qualquer desculpa, mais ou menos coerente, mas não há como negar que se submeter a essas ferramentas e suas políticas de uso e licenciamentos é nocivo. Nocivo à liberdade, ao respeito ao cidadão e à cidadania, e poderá condenar para sempre o tal “Mundo Melhor”. Insisto: usar essas ferramentas não ajuda sua causa social “do bem”, seja ela qual for. Não há coerência nenhuma em usar armas de fogo para defender a paz, por exemplo.

Então o que explica a massa de ativistas que se aprisionam nessas ferramentas? Como conseguem se esconder atrás das finas estacas do curral no qual se transformaram FaceBook, Google, Skype e Canonical? Como podem acreditar, por um segundo sequer, que estão ajudando as pessoas e o mundo se submetendo a suas práticas vis de negócio e conquista de mercado? Como podem aceitar serem os vetores de entrada e permanência de pessoas que os têm como referência, nessas redes de pesca cibernética? Como defensores das liberdades se aprisionam assim? Como os defensores da privacidade se depravam assim? Como os combatentes da corrupção se corrompem e ajudam a corromper assim? Mas, a verdade é que somos incoerentes por natureza: o próprio documentário que citei acima está disponível para compra, por um dos sites, de uma das corporações mais sinistras da atualidade: o iTunes. É mole?

O mais provável é que este artigo, assim como os demais que tenho escrito sobre o tema, termine sumariamente ignorado ou desqualificado como criancice. Eu só não quero viver para ver os velhos, e novos, companheiros de batalha do Software Livre em uma fila do lançamento do “Google Home”, gritando, em uníssono: Yes, we fan!, Yes, we fan!, Yes, we fan!

CONTRA ATIVISMO

A organização civil que busca o contraponto aos desvios de conduta dos sistemas de exploração sempre existiu: sindicatos, associações, cooperativas e ONGs, por exemplo. São fruto da percepção aguçada de alguns destaques, de mentes brilhantes e de espírito combativo. É provável que essas organizações sejam a tênue linha divisória que nos separa da selvageria do modelo de exploração pelo capital, como ocorreu, por exemplo no primeiro período da dita “revolução industrial”.

Os ativistas sociais trazem em si o sentimento crítico, a capacidade de perceber os meandros obscuros nas propostas dos poderes poderes e uma disposição inata para combater as injustiças. Tomemos como exemplo os salvadores de baleias “Sea Shepard”, que arriscam suas vidas em missões de combate à pesca de consumo, disfarçada de pesquisa científica, promovida pelo governo do Japão, no Mar Antártico.

É óbvio que combater o *status quo*, seu marketing, os interesses, as leis de interesse restrito e a mídia vendida, que, juntos, atuam em equipe para sobrepor seu deturpado “way of life” exige um esforço e tenacidade que beiram o extremismo religioso. Por isso mesmo, não é raro serem eles tachados de xiitas, extremistas, radicais, intransigentes, etc. Lembro-me bem da pecha de “eco-chatos” dada aos ambientalistas mais radicais.

Essa obstinação pode levar a certos desvios de conduta, que, para qualquer pessoa comum, seriam impensáveis. Tomar banho com meio balde de água fria, não comer nenhuma comida de origem animal, não vestir nenhuma pele ou não usar nenhum software proprietário. E para esses seres acima da média, não há exceções aceitáveis. Sua percepção da realidade entende o erro e não pretende dar-lhe margem para ser exercitado. Estou me referindo aos vanguardistas que preferem se vestir com um saco de batatas usado, feito do mais bruto algodão, do que vestir um casaco de couro. Há aqueles que preferem não ouvir a voz da mãe do que utilizar um programa privativo de voz on-line.

O esforço necessário para propagar seus ideais é tamanho que alguns desvios terminam parecendo necessários, aceitáveis, ou até mesmo positivos. Quem sabe degolar uma dúzia de vacas em praça pública? Certamente chamaria a atenção da mídia para o maltrato dos animais. Quem sabe construir algumas bombas atômicas e desafiar a ONU? Bom, isso o ex-presidente Bush já fez, e, acreditem, ganhou um Nobel da Paz. O problema está na falta de coerência entre o meio e a forma escolhidos para chegar à maior quantidade de pessoas possível e à causa defendida.

Richard Stallman sempre deixou claro que não importa a quantidade de usuários de GNU/Linux, mas a quantidade de pessoas que, realmente, entendem a filosofia social e política dos Software Livre. Então, enquanto a FSF e seus ativistas trabalharam muito para conscientizar e tratar sobre os temas relativos à liberdade, um outro grupo trabalhou com foco na adoção e uso dos Softwares Livres. O argumento de que era necessário criar um volume grande de usuários para, então, promover a consciência libertária faz sentido, mas está essencialmente equivocado. Não adianta criar uma massa de usuários que ignoram a importância dos que estão usando. Essas pessoas estarão sempre à mercê do mercado, pois não estão cientes da importância de sua liberdade tecnológica. O melhor exemplo disso é a popularização do Android, que é um sistema operacional livre, mas que não tem ajudado a conscientizar as pessoas. Não é estranho ver usuários incautos de Android, comparando seus equipamentos com o iPhone ou iPad, sem nunca tocar no quesito liberdade.

Esse mesmo desvio de conduta faz com que ativistas, de todas as vertentes, acreditem ser aceitável abrir mão de sua privacidade e segurança utilizando softwares privativos e redes sociais devassas. Traduzindo: Windows e Facebook, por exemplo. O argumento é que esse é um mal necessário para permitir que a maior quantidade possível de pessoas tenha acesso à sua mensagem. Mas esse é um argumento falho por sua contradição, tanto quanto tocar fogo em um zoológico lotado de animais, para provar a crueldade de manter os bichos presos.

Então, vamos tentar entender alguns desses erros de percepção:

1. Não me importo com o monitoramento ativo das redes sociais, os dados relativos ao meu ativismo, pois essas informações são públicas e, portanto, não há nenhum problema se a CIA, FBI ou qualquer outra agência me monitorar.
2. Usar Windows e Skype é o que me permite manter contato com os demais ativistas e entidades. Se quiser fazê-lo, tenho que usar ferramentas que são amplamente aceitas no mercado. E, mais uma vez, não importa o monitoramento e gravação das conversas.
3. A minha preocupação não é com a ferramenta que uso, mas com o resultado obtido. Essa preocupação com o uso de softwares livres e redes sociais devassas é infantil e inútil.

Esses argumentos revelam graves desvios de conduta, especialmente quando utilizados por ativistas sociais. O monitoramento ativo promovido pelas agências de inteligência tem e terá efeitos devastadores no controle social e mercadológico. O custo de adquirir e manter atualizado o comportamento e ações de bilhões é absolutamente inviável, exceto se as pessoas o fizerem de forma proativa e gratuita. A maior ameaça é a capacidade de definir tendências de comportamento social, antecipando ações do povo, avaliando a aceitação de produtos e ou políticas intervencionistas. Ficção? Lembra da ocupação da praça Tahir, no Cairo? A CIA a previu com três meses de antecedência. Permitir que os combatidos sejam capazes de ler, ver e ouvir toda a sua comunicação e se antecipem às suas atividades e ações é pouco inteligente e até mesmo perigoso.

Os fins justificam os meios, já dizia Maquiavel. Qualquer ativista sério dirá que essa não é uma política aceitável, como já exemplifiquei à exaustão, os meios importam, e muito. A incoerência, em si, é um erro crasso, mas as implicações destas são nefastas, pois se supõe que o ativista visa a mudar o *status quo*, e não ajudar a perpetuá-lo. Mas, usando os softwares privativos e

redes sociais devassas, qual é a mensagem que se está passando? Vanguardista, inovador, questionador? Ou conservador, conveniente, inoperante?

Finalmente, vem a desqualificação. É uma reação natural para os que querem impor sua forma de ver o mundo. Trata-se de minimizar a importância dos argumentos para justificar a perpetuação do erro. É, no mínimo, triste ver ativistas utilizando esse meio pernicioso, típico dos podres poderes, quando defendem suas ações. Basta lembrar de todos os meios de desqualificação promovidos pela Microsoft em relação ao Software Livre. Os defensores e membros do movimento foram tachados de “cabeludos irresponsáveis” – eles não conheciam o “cabelo” – imaturos, amadores, feios e muito mais. Ao perceber que não havia como evitar o avanço do Software Livre, decidiram separar, de forma sistemática, o técnico do filosófico. Transformam GNU/Linux em Linux.

Quando o ativismo usa meios errados para atingir o seu fim, ele não vale a pena. Trata-se de um tipo pernicioso de ativismo, porque leva à cegueira os convertidos desse ativismo. Esses convertidos não perceberão a incoerência, mas apenas o “motivo maior”, e estarão condenados a continuar errando, e, com isso, alimentam esse erro.

Não se pode combater a corrupção, corrompendo. Não se pode combater a fome, deixando comida no prato a cada refeição. Não se pode defender os animais usando peles. Não se pode defender a privacidade, usando redes sociais devassas.

Não há ativismo sério usando Software Privativo. E agora não há mais a desculpa de que você não sabe disso.

Quando um ativista usa a desculpa do “temos que estar onde todos estão”, ele continua sendo um ativista? Ou foi convertido?

JOGARAM PRISM NO VENTILADOR

Interessante como o tempo passa e as teorias da conspiração vão se mostrando verdades incontestáveis. É claro que estou me referindo ao escândalo do PRISM, onde o governo dos USA admite que sua agência de inteligência tem acesso direto, irrestrito e em tempo real às bases de dados de todos os principais “players” da Internet e das companhias telefônicas dentro e fora de suas fronteiras. Resumindo, Google, Microsoft, Yahoo e Facebook permitiam que suas ideias fossem vistas “em tempo de escrita”, ou seja, enquanto você às redigia on-line.

É claro que elas tentaram negar, mas depois da declaração do “Obamis” confirmando, reiterando, justificando e defendendo os atos de escrutínio, as negativas não tiveram qualquer credibilidade. Então, caro leitor, será que você não está devendo um pedido formal de desculpas para aquele seu amigo ou conhecido que você chamou de doido, conspiracionista, paranoico ou radical, hein? Sentindo aquele friozinho chato que dá no estômago quando se está redondamente enganado sobre algo? Pois é, esse pode ser um excelente momento para rever seus conceitos. O tal amigo não quer suas desculpas verbais, lembre-se, ele é um radical. Ele quer que você mostre seu arrependimento tomando uma atitude! Mas qual?

O nome do sistema – PRISM – me remeteu diretamente ao meu cursinho pré-vestibular. Um certo dia, de manhã, estava na aula especial de matemática onde o professor dizia que tangenciar significava “tocar” em apenas um ponto. Já no curso de física o professor falava sobre a refração da luz quando passava por um prisma. Ele discorria sobre as propriedades do ângulo de 45°, onde a luz saíria do prisma, sobre a face do mesmo, e ele descreveu essa posição do raio de luz como “tangenciando a face”. Imediatamente aquilo não parecia correto. Afinal de contas, tangenciar era tocar em um único ponto, e aquele desenho no quadro, onde a luz passava por cima da face do prisma, tocava infinitos pontos. Questionei e fui surpreendido com o tom arrogante e desdenhoso do professor: “as coisas na física são diferentes do

que na matemática”, disse-me ele. Foi preciso uma discussão que interrompeu a aula naquele dia, para que o professor admitisse que a física baseia-se na matemática e, portanto, não poderia subverter esse conceito. O que é certo é certo.

Desde que o PRISM veio à tona percebo a indignação geral como uma espécie de despertar. É como se todos os alertas, desde o Patriot Act, do Bush, passando pelas lendárias ações do CARNIVORE e todas as palestras do Stallman, tivessem sido em vão. As pessoas não queriam acreditar que empresas com cara de boazinhas como Yahoo, Google e Facebook pudesse fazer esse tipo de coisa. Mesmo com todos sabendo, desde sempre, da colaboração entre o “Face” e o FBI. Mas as reações mais severas têm vindo de dentro do próprio povo norte-americano, e acredito que isso se deve a sua própria arrogância. Enquanto fossem monitorados outros países, tudo bem, mas eles mesmos? Que ultraje, um absurdo, que horror, inaceitável!

Mas há uma parcela importante da sociedade que já suspeitava de forma concreta de todo esse monitoramento. Estava bem inteirada. Tinha conhecimento de causa, conhecimento técnico e vivência nas trincheiras do combate às desigualdades sociais e dos desmandos das forças poderosas. Estou me referindo ao terceiro setor, às organizações sociais. Estas estruturas sempre se utilizaram da tecnologia como meio para fortalecer seu ponto de vista, arrematar simpatizantes para as suas causas, criar movimentos de catarse popular, tuitassos, facebookassos e demais! Afinal de contas, ter boas ferramentas à disposição, gratuitas e com forte apelo popular é tudo de bom! Especialmente para essas empresas poderem monitorar a tudo e a todos, servindo como ponte para o solidário, humanitário, cristão e desinteressado governo dos USA!

Enquanto era só boato ou teoria da conspiração, então vamos usando. Não há como confirmar que o Skype grava nossas conversas, então vamos usá-lo para coordenar nossos movimentos de campanhas sociais. Vamos usar o Facebook para promover aquele movimento ou para combater a invasão de privacidade.

Vamos fazer reuniões ativistas pelo Hangout (eu já fiz isso, por isso sei o quanto é maluco) do G+!

É claro que as redes sociais têm sua função e sua importância. Eu as conheço bem. Mas não se pode usá-las a qualquer custo. Os fins não justificam os meios. Não para nós, do terceiro setor. Nestes dias de debates acalorados, um disse: “os que usam somente Software Livre têm que ser mais coerentes que os que não usam”. Concordo! E o que dizer dos vegetarianos, dos combatentes da corrupção, dos ecologistas, dos defensores dos consumidores, das liberdades cibernéticas, dos sindicatos? Igualmente. Porque faz parte do fardo de querer corrigir a sociedade ser desqualificado por qualquer falta, por menor que seja, de coerência.

Agora o rei está nu. E a sua nudez é pública, provada e comprovada. Não há mais dúvidas quanto ao monitoramento ostensivo e ativo do governo dos USA, usando essas empresas de tecnologia e telefonia para saber da sua vida, das suas ações e das ações dos movimentos sociais organizados. Não foi acidente a CIA ter informado o Egito sobre a movimentação da tomada da praça Tahir, quatro meses antes de ela acontecer. Esse tipo de poder não deveria estar disponível para ninguém e muito menos capitaneado pelos movimentos sociais.

Então este é um momento crucial e importantíssimo! Você e sua organização, movimento, coletivo, associação, sindicato, etc, vai aceitar, sem reação, esse tipo de devassidão? Estou concludando a todos para fazermos um movimento de reação organizada para esvaziar esses sistemas devassos! Vamos migrar para ambientes seguros, livres e que garantam sua privacidade. Sim, isso é possível. Não temos que deixar de nos beneficiar das redes sociais, apenas temos que saber usá-las para o bem do coletivo, e não de algumas empresas e governos.

Abaixo, segue uma tabelinha de opções:

- Windows -> GNU/Linux
- Facebook -> Diaspora
- Skype -> Ekiga
- Gmail -> Riseup

A lista é muito maior, e há alternativas livres e seguras para todas as necessidades.

Jogaram PRISM no ventilador. Espalhou para todo lado, respingou em todo mundo. Você vai se limpar ou não?

MANIFESTOS E NADA MAIS!

Depois de passado o primeiro impacto do PRISM jogado na cara de todos, é hora de avaliar a gravidade e seriedade do monitoramento ostensivo feito pela NSA com a conivência da Microsoft, Apple, Facebook, Google e algumas outras empresas menos importantes. É claro que a culpa é da NSA, a agência de inteligência dos USA, mas a conivência também é crime, fazendo dessas empresas tão culpadas ou mais do que o próprio governo norte-americano. Veja bem, a NSA não te prometeu sigilo ou garantia de privacidade. Já essas empresas juram, assinam e garantem total sigilo e proteção dos seus dados, exceto para traçar perfis de consumo.

É claro que a maioria dos usuários desses serviços devassos pouco se importa com a privacidade de seus dados. A premissa é “não tenho nada a esconder, então, qual é o problema que me monitorem?”. Se houvesse uma forma simples de explicar o quanto isso está errado, eu o faria. Esse é o discurso que os agentes de monitoramento usam historicamente para poder invadir a privacidade alheia. Na época das ditaduras militares na América Latina, esse era o slogan utilizado pelas forças torturadoras para invadir a casa de quem se desejasse, na hora que bem entendessem. Se era um “cidadão de bem”, não havia o que temer. O problema está na definição de “cidadão de bem” e de quem a cunha. Nos tempos modernos a falácia ganhou requinte e status: quem não se deixa monitorar é paranoico, está à margem, não é “cool”. Esse fenômeno também é percebido quando se trata de licenças de software. Ninguém paga, ninguém viu, não se toca no assunto, e se você o fizer, imediatamente é desqualificado como paranoico ou desajustado. Não se trata do que você pode mostrar ou não, mas o que outros jamais deveriam ver e saber. Especialmente governos e empresas. É simplesmente poder demais.

Infelizmente, desse status não se imunizaram nem mesmo os bastiões brasileiros da privacidade computacional. Todas as representações da sociedade civil organizada, que lidam direta-

mente com TI, utilizam as tais ferramentas e redes sociais devassas e se agarram a elas como sendo a única forma concreta de fazer suas mensagens atingir o grande público. O argumento de que é necessário estar onde todos estão é muito perigoso porque implica dar suporte direto, mesmo sem perceber, àqueles que são alvo de sua militância. O monitoramento e invasão de privacidade é exatamente o negócio do Facebook, por exemplo. Combater essas ações é combater o próprio Facebook. Então usar essa rede devassa, para militar pela causa da privacidade e respeito aos direitos digitais, é absolutamente inócuo, porque, ao fazer o trabalho de mobilização, mantém-se as pessoas às quais se quer ajudar presas em uma rede social que faz exatamente o oposto. A metáfora que me vem à mente é: convocar um congresso sobre higiene no meio de um Lixão a céu aberto. Faz sentido?

Com os cidadãos comuns completamente convertidos pelas facilidades e joguinhos de fazendinha das redes sociais devassas, e com os ativistas cibernéticos paralisados pelo receio de perder seu canal de comunicação, estamos seriamente ameaçados de não reagirmos de forma contundente ao escândalo do PRISM. Estamos na iminência de dar carta branca ao governo e às empresas estadunidenses para que nos monitorem cada vez mais e de forma cada vez mais acintosa. Até o momento, organizações sociais e empresariais que se dizem ultrajadas pela iniciativa da NSA têm se limitado a fazer manifestos, cartas de repúdio e entrevistas para a mídia. Algumas, mais afoitas, consideram fazer abaixo-assinados para pressionar os congressistas dos USA a tomar medidas legais, mas isso só se aplica para os cidadãos norte-americanos, se vierem a ter algum tipo de efetividade. Honestamente, eu duvido disso. Aqui no Brasil, sequer isso.

E ações concretas? Nenhuma. Até este momento, absolutamente nenhuma. Nem uma única organização civil, nem mesmo no seio do Movimento do Software Livre, expressou de forma pública e concreta nenhuma reação prática de oposição à NSA, nem às empresas envolvidas. Nenhum tuitasso sequer. Há vozes sopradas ao vento, como a minha, tentando trazer algum combustível para inflamar o debate e buscar alternativas, mas parece

claro que não há interesse de nenhuma das partes em mudar a situação. Por um lado, os usuários continuam felizes em suas bolhas de monitoramento. Do outro, estão as empresas, que, obviamente, não dão a devida seriedade ao caso. E no terceiro lado estão os ativistas convertidos, que insistem que usar as redes e sistemas proprietários devassos é um mal necessário e o meio para atingir as massas.

Este é um momento histórico. O ano em que a rede inteira, em que cada cidadão conectado, decidiu se deixar monitorar de forma ampla e irrestrita. E em sendo assim, qual é o sentido na militância pela privacidade e democratização da Internet? De que adianta lutar pelo marco regulatório ou Marco Civil, se cidadãos, ativistas e empresas concordam em conviver de forma harmônica, onde os conectados são o produto, os ativistas fazem de conta que não veem e as empresas faturam? Qual o sentido em tentar garantir qualquer direito digital?

Se o Marco Civil servir para levar mais cidadãos para as redes devassas e suas aplicações proprietárias, será que ele vale a pena? Se a neutralidade da rede servir para que mais empresas que não respeitam qualquer privacidade possam explorar a Internet e nos fazer cada vez mais dependentes, será que vale o esforço de implementá-la? Se os representantes da sociedade civil organizada são coniventes com as redes devassas e seus métodos, acreditando que mais vale usá-las do que enfrentá-las, será que vale a pena tê-los? Se toda a resistência feita for em post, em blogs e abaixo-assinados digitais, será que podemos sequer chamá-la de resistência?

Até agora, apenas manifestos e nada mais!

#soquena

ENTREVISTA À FOLHA DE SÃO PAULO

Folha – Você acha que as redes federadas são uma alternativa ao monitoramento de dados? Por quê?

As redes sociais federadas são a única solução realmente eficaz contra o monitoramento de dados. Isso porque a federação dos servidores, seus usuários e dados torna impraticável o monitoramento. Assim como não se consegue monitorar todas as conexões Torrent do planeta, nas redes federadas seria necessário ter acesso a milhões de servidores diferentes para ser possível fazer algum monitoramento eficiente. Considere que qualquer empresa, grupo de usuários, provedor, órgão governamental, pode ter seu servidor próprio e perceberá o quão ineficiente seria tentar. As ferramentas e redes sociais devassas, como Facebook, G+, Google, Gmail, Skype e Windows, mantêm bases centralizadas de dados, assim, fica muito mais fácil de fazer as análises desejadas e, claro, as indesejadas também.

Folha – Quais redes sociais podem ser adotadas como substitutas para as atuais?

Há diversas delas, mas as mais contundentes seriam o Diáspora para substituir o Facebook, Jitsi para Skype e Pump.io para Twitter, Zimbra para Gmail e ownCloud para Dropbox.

Folha – O que deveria ocorrer para haver uma migração em massa para esses sites?

Seria necessário a tomada de consciência da população usuária da Internet, assim como o povo tem buscado o direito à democracia e à liberdade no Oriente Médio! Neste caso, seria a verdadeira primavera cibernética, pois todos teriam que estar imbuídos de civilidade para lutar pelo direito à privacidade, direitos humanos digitais, neutralidade da rede e democratização do conhecimento tecnológico. Apenas esses componentes juntos serão capazes de frear os interesses de megaempresas e governos com sangue imperialista. Assim os Softwares proprietários e as

redes sociais devassas seriam abandonadas para sempre, e em seu lugar, as federadas, livres e seguras seriam utilizadas.

Infelizmente, o processo é muito mais lento. Convencendo um por um, amigo a amigo e em especial os ativistas que têm suas contas encerradas nessas redes sociais devassas, vamos, como canta Lulu Santos: “com passos de formiga e sem vontade”. As pessoas colocam sua comodidade acima de seus direitos individuais, e, assim, colocam o coletivo em perigo.

O uso de argumentos como “eu não tenho nada a esconder” apenas permite que o monitoramento seja feito sem ônus, financeiro ou político. É a mesma coisa de taxar todos os políticos de “ladrão” e se recusar a votar. Isso não fortalece a sociedade, nem a democracia, nem muda nada. Mudança pressupõe esforço, tenacidade e convicção de que se está fazendo a coisa certa.

Folha – A denúncia do PRISM foi um reflexo da falta de cuidado ao aceitar termo de serviço de sites?

Na verdade não. O PRISM não é um programa de monitoramento das empresas, mas do Governo norte-americano. O maior erro das empresas foi permitir o monitoramento dos dados de seus usuários sem informar nada a ninguém. As pessoas têm que ter o direito de escolher se querem ou não proteger sua privacidade, e se decidem não fazê-lo pagarão um preço. Mas o acordo com todas as empresas seria de que seus dados não estariam disponíveis para terceiros. Teoricamente, os dados seriam acessados exclusivamente pela própria empresa e com fins de traçar perfis de consumo e nada mais. Mas de falácias, palavras de duplo sentido e toda sorte de enganação o mercado está repleto. É uma prática comum em nosso capitalismo exploratório: deturpar o objetivo e fazê-lo lindo, agradável e cool!

O mais correto aqui seria juntar a “fome” do governo pelos dados coletados por essas empresas com a “vontade de comer” que elas despertam em toda a população, fazendo com que os usuários forneçam todas suas informações gratuitamente, achando que estão na moda!

Folha – Você acredita que a legislação brasileira protege os dados dos internautas?

A legislação brasileira não protege coisa alguma na Internet. Infelizmente, nosso parlamento é composto majoritariamente por pessoas idosas que sequer sabem o que é um e-mail. Trata-se de um verdadeiro parque dos dinossauros. Mal assessorados e com todos seus esforços focados em manter seu cargo eletivo, nossas leis cibernéticas são velhas, ineficientes, inoperantes e impraticáveis. Isso é tanto verdade que a Anatel tomou para si o papel de reguladora de algumas questões, passando por cima, inclusive, do CGI.BR – Comitê Gestor da Internet no Brasil. Infelizmente, a Anatel atende aos interesses das empresas de comunicação, e não aos interesses do povo. Então, é evidente que a ingerência mercantilista sobre os dados da Internet no Brasil é feita em detrimento dos direitos humanos na rede.

A alguns anos o CGI.BR em conjunto com a comunidade de TI do país elaborou a lei mais moderna do mundo no que tange aos direitos do internauta, chama-se Marco Civil da Internet. Mas, infelizmente, ela está parada no legislativo por contrariar os interesses de monetização das Teles (vide o parágrafo que trata da neutralidade da rede, que bate de frente com o defendido pelo Sinditelebrasil, que almeja comercializar o acesso à Internet nos mesmos moldes das TVs por assinatura, ou seja, vendendo planos por tipo de conteúdo acessado e não por largura de banda).

Folha – Você acredita que o formato de rede social atual seja apenas uma plataforma de publicidade que estimula a comunicação entre internautas?

O estímulo à comunicação é o catalítico necessário para cegar os usuários. Os humanos são serem ridiculamente sociáveis, com um grau de carência muito além do aceitável. O problema não está na rede social, muito pelo contrário. O problema está na ferramenta escolhida. Por que privilegiar uma ferramenta proprietária, que vai monitorar seus dados e que pertence a uma empresa estrangeira? E a resposta vem da propaganda. Nos con-

vencem diariamente de que estar nelas é jovial, moderno e até mesmo revolucionário, quando, na verdade, trata-se de máquinas de fazer dinheiro com as informações que você dá, de graça! E, de quebra, ajudamos na evasão de divisas e promovemos o monitoramento por governos com tendências imperialistas.

Primeiro o Rei estava vestido, agora ele está nu. Vamos fingir que não estamos vendo? Vamos fingir que não é conosco?

Esse é um excelente momento para abandonar as redes sociais devassas e os softwares proprietários para deixar claro que, como bons Internautas, não aceitamos os desmandos e interesses políticos e econômicos de ninguém!

DEPOIS DA TEMPESTADE, A DECEPÇÃO.

Passada a tempestade provocada pelo impacto dos anúncios feitos pelo Snowden, a situação fica ainda mais sinistra. Infelizmente, nenhuma das partes envolvidas parece disposta a ceder ou reconhecer que há algo errado, e que é necessário dar uns trinta passos atrás para começar. Há um catatonismo frio e triste no ar.

Mas, o menos disposto é, exatamente, o mais atingido. É como se esses loucos, aqueles do outro planeta, de uma galáxia muito, muito distante, estivessem tendo algum tipo de problema que não me diz respeito. A amostra de pessoas que entendem a gravidade do que está acontecendo é tão pequena que a considero desprezível, portanto, ninguém está dando a mínima para as denúncias de monitoramento global.

Sejamos honestos: o único que realmente entende a gravidade da situação, e tem reagido com a ferocidade coerente, é o governo dos USA. Por que será? Porque o governo mais poderoso do mundo se importa em ser descortinado quando mais ninguém reage. Meu recado imediato ao Obama é que ele pode ficar tranquilo, ninguém fará nenhuma oposição contundente. Pode vestir sua camisa florida e ir surfar no Havaí, pois a “tchurma tá de boa” atualizando seus perfis no Facebook como se não houvesse amanhã.

As pessoas não mudaram seu cotidiano, não se indignaram, nem se manifestaram, nem removeram seus perfis das redes sociais devassas, nem mudaram de e-mail. Nada mesmo. “E para que o mal prevaleça, basta que os bons não façam nada”, então o mal prevaleceu. Ninguém desligou seu celular, ninguém ligou para sua operadora de telefonia para questionar, ninguém mandou uma mensagem para a Microsoft para se queixar, ninguém removeu a sua conta do Gmail do seu Android. Nenhum governo decretou a remoção dos sistemas operacionais envolvidos, nem adoção de políticas de encriptação de dados, nem auditoria

de código computacional, nem qualquer tipo de embargo, nem mesmo uma queixa formal.

A falta de reação é tamanha que as vezes me pergunto se não foi um sonho. Talvez uma ressaca daquelas!? Nem mesmo os mais aguerridos defensores da privacidade, da liberdade computacional e da democratização do conhecimento tecnológico parecem convencidos da gravidade da situação. Movimentos como o do Software Livre, Cultura Digital, Ética Hacker, Dados Abertos e Inclusão digital estão completamente inoperantes. As vozes dissidentes, antes orgulhosas de serem as “radicais livres”, hoje se escondem por trás de desculpas meramente humanas e mundanas, para continuar com suas contas do Gmail, Facebook e usar seus iPads e iPhones. Sinto um pesar desmedido ao escrever estas linhas.

As redes sociais devassas, com o apoio massivo das mídias tradicionais e o uso perverso do marketing, conseguiram incutir na cabeça dos supostos revolucionários digitais que está tudo bem, ou que é aceitável, ou que é inevitável reagir, ou que se ganha mais do que se perde, ou que não há nada a esconder, ou que “eles” não estão interessados em você. Se qualquer uma dessas opções fosse verdade, não teriam sido investidos bilhões de dólares na criação de ferramentas, propaganda e análise de dados. Você é muito importante para “eles”, então, não desligue agora. Especialmente você que acha que o mundo deve ser um lugar melhor, pois você é a verdadeira ameaça.

Quanto vale saber com a devida antecedência a opinião pública? Esse é o sonho mais sonhado pelo capitalismo, saber antes para poder se alinhar e explorar em seu benefício essa “tendência”. E não estou me referindo ao simples alinhamento econômico, não estou me referindo ao lançamento de mais um produto da cultura Yankee que você e seus filhos vão adorar. Estou me referindo ao alinhamento político que permite controlar países e o destino de milhões de uma vez só. Assim não é preciso esperar as próximas eleições para ter certeza se os atos políticos estão surtindo o efeito desejado. Basta analisar os dados do “Face”. É por isso que estão estimulando que todos façam parte. É a cha-

mada rede social revolucionária! A responsável pela libertação dos países árabes. Mentiras puras e maquinadas para te estimular a ficar por lá.

Faça algo pela sua liberdade e pela do resto do mundo. A moda é imbecilizante por que ela atende a interesses maiores. Saia da Matrix!

Então, nos veremos por aí, no mundo real, na Internet livre, segura, encriptada e das redes sociais federadas. Ou não nos veremos.

GERAÇÃO UBUNTU: A MORTE DO MOVIMENTO SOFTWARE LIVRE NO BRASIL

Esta é uma constatação dolorida, triste, daquelas que deixam marcas na alma, como toda morte: o movimento Software Livre morreu. Ao menos no Brasil. Não me entenda mal, estou me referindo ao movimento, não há mais movimento, não há mais ativismo organizado. Alguns “quixotes” continuam na sua ébria redoma de purismo atacando os moinhos de vento, nada mais.

Em meados da primeira década do século XXI, a FSF e uma série de visionários vislumbraram um futuro em que o Ubuntu se popularizava de tal forma que muitos usariam GNU/Linux sem nem mesmo saber o que era isso. Alertaram a todos sobre os riscos da quantidade e disseminação desqualificada, ou seja, muito Linux e pouco GNU, muito uso e pouco entendimento, muito código e pouca filosofia, muito compartilhamento e pouca liberdade: o triunfo do Open Source sobre o Free Software.

Uma década se passou e eles, para variar, estavam certos. O poder corruptor do mercado suavizou o discurso progressista, arrefeceu os corações dos mais apaixonados e tornou em inertes complacentes até os radicais livres!

O movimento Software Livre no Brasil não conseguiu criar uma nova geração de visionários filósofos do conhecimento livre. Tachados de “xiitas”, intransigentes, ditadores da liberdade, agressivos, impacientes, comunistas, socialistas e extremistas, foram convidados todos, sistematicamente, a se retirar da sala com seu inconveniente elefante branco chamado liberdade.

Periódicos, entrevistas, blogs especializados ou não se revezaram, sem tréguas, a deixar claro que o Linux era uma excelente escolha de mercado, mas o GNU, a GPL, a FSF e quaisquer que

insistissem em empurrar a linha além do campo técnico estava sendo inconveniente, indesejado, chato.

Uma nova geração de fantásticos desenvolvedores surgiu, foi educada e encontrou seu lar nos moldes do Bazar, nas metodologias emaranhadas de desenvolvimento, usando Ubuntu e as “revolucionárias” redes sociais. A nuvem fez o resto. A massificação do acesso às mídias de massa através de redes privadas, como o Facebook, conquistou os corações e mentes dos últimos bastiões da já velha filosofia libertária. Sem novos cavaleiros, a tábua não precisa mais ser redonda. Na verdade, a tábua não precisa sequer existir.

O movimento foi transformado em uma comunidade. Somos um grupo de pessoas distintas, com ideias e objetivos distintos, dispostos a ser complacentes com os menos esclarecidos e especialmente com os mais esclarecidos. Hoje, parece não haver mais nenhuma incompatibilidade em ser ferrenho defensor do Software Livre e usuário de tecnologias absolutamente proprietárias como iPhone, iPad ou até mesmo Windows. Viramos apenas “os caras do Linux”. Não somos mais ameaça nenhuma.

Enfurnados às centenas nas redes sociais privadas, compartilhando nossas ideias e conhecimentos no Facebook, Skype e Gmail, parece não haver mais nenhum constrangimento em ser defensor da privacidade e da democratização do conhecimento tecnológico. Somos contra todo tipo de opressão, até mesmo aquela que aponte nossa absoluta incoerência e complacência com aqueles governos e empresas que deveríamos combater.

As fileiras de hackers que iam mudar o mundo mudaram seus endereços de e-mail para gmail.com, esvaziaram as listas de discussão livres e abarrotam curtidas no Facebook. Quanto orgulho! Quanta alegria! Finalmente, somos apenas mais um dos subgrupos de anormais digitais, assim como tantos outros. Nem mais, nem menos que os gamers, web designers ou dba’s. Somos os “linuxers”.

Projetos de softwares continuarão a ser desenvolvidos de forma colaborativa, sem dúvida. Os grupos de usuários continua-

rão a se encontrar e os eventos continuarão a disseminar, mas será apenas a forma, sem conteúdo, sem alma, sem gana.

Deveríamos ter mais GNU e menos Linux, mais Zimbra e menos Gmail, mais Duckduckgo e menos Google, mais Diáspora e menos Facebook. Nós íamos mudar o mundo, mas foi ele quem nos mudou. Sejam todos bem-vindos à Comunidade Software Livre! O movimento está parado no Face, usando Gmail, a bordo do novo Ubuntu e gritando: me deixem em paz!

A OPÇÃO É DE CADA UM?

Há de se ter algum cuidado com esse argumento de que “a opção é de cada um”. Em um mundo ideal, sem as pressões do mercado e sem as calhordas técnicas psicológicas utilizadas pelo Marketing, que te fazem sucumbir ao consumo, sem as necessidades sociais e com muito acesso à cultura e educação de qualidade, aí, sim, seria uma simples questão de escolha.

Mas a verdade é muito, mas muito mais cruel. Avalie com cuidado e perceberá que a grande maioria de nossas escolhas está baseada, seja nas poucas opções disponíveis, seja na crença incutida pelo Marketing, de que suas únicas opções disponíveis são essas.

Sou da opinião de que, quando uma opção pessoal causa danos ao coletivo, ela não deveria ser uma opção permitida. Sei que o exemplo é simplista, mas é como assassinato. A opção de cometê-lo ou não é de cada um, mas ela não será aceita pelo coletivo.

Um outro exemplo é o uso obrigatório do cinto de segurança. Quando uma suposta opção de cada um coloca o coletivo em perigo ou gera um custo desproporcional, seu direito de escolha deve ser limitado ou punido.

No mundo da tecnologia não é diferente. Os grandes playes criaram essa consciência coletiva de que todos são livres para escolher ou não fazer parte de suas ferramentas fascistas e devassas, mas sabemos que não é bem assim. Ações de marketing e propaganda de massa, com financiamentos bilionários, são os que fazem a “sua escolha” parecer certa, mesmo quando não é.

A rede Diáspora e todas as demais redes sociais livre e federadas vêm exatamente para mostrar que há um contraponto, legal, bacana e com respeito.

Quem sabe, assim, a escolha, então, é a certa?

O DIA EM QUE O MUNDO OLHOU PARA O BRASIL: 25/03/2014

Hoje a democracia mundial deve olhar para o Brasil e sorrir: foi aprovado o Marco Civil da Internet. Nunca antes, em toda a história da tecnologia, houve uma ferramenta tão poderosa, criativa e plural como a Internet, onde os mais diversos atores da sociedade conseguem se relacionar de forma direta, dinâmica e franca.

Na busca pelo equilíbrio e pela proteção dos componentes mais importantes da equação, o Legislativo brasileiro, com o massivo apoio da sociedade civil organizada e o deferimento do Governo Federal, tramitou por três anos de consultas públicas, ajustes e negociações com todas as forças, para, finalmente, garantir a privacidade, a legalidade e, especialmente, a neutralidade da rede.

Os poderes antagônicos foram muitos, e fortes, ameaçando transformar o maior palco de diversidade cultural, intelectual, político e econômico em um sistema de TV por assinatura. A boataria e desinformação chegou ao ponto de acusar a legislação que garante a liberdade e igualdade na rede de ser ditatorial e de tentar cercear as liberdades individuais na rede. Absurdo total.

Entre todos os atores, os milhares deles, alguns se destacam: o relator Deputado Alessandro Molon, os membros paladinos do Comitê Gestor da Internet no Brasil, a Presidenta Dilma Rousseff, com sua destemida ação executiva de defesa da Lei, e uma longa lista de ativistas cibernéticos que, incansavelmente, pensaram, mobilizaram e defenderam o Marco Civil.

Este dia será lembrado como o Marco Civil da Internet no mundo. Será modelo para todas as democracias, que buscam reforçar a liberdade, os direitos humanos e a construção de uma sociedade mais igualitária. Sua força está em ser uma das poucas legislações do mundo que cria mecanismos de proteção do usuário, e não o contrário.

Esta é a hora da alegria, de realização e daquela sensação de dever cumprido. Parabéns ao Brasil e a todos os que constroem e lutam para assegurar a Internet Livre.

ANTI OSI

O que não consigo mais conceber é que eu seja um radical livre dentro da suposta comunidade de radicais livres do suposto movimento Software Livre.

Eu não mudei, as 4 liberdades não mudaram, o conceito filosófico do Software Livre não mudou. Quem mudou foram “vocês”, usuários de Softwares Proprietários e redes sociais devassas e serviços cloud privativos, que têm a cara de pau de se definirem como ativistas Software Livre!

São vocês, os incoerentes, que se tornaram complacentes e criaram uma nova categoria de ativistas cibernéticos, que não lutam mais, não se movimentam mais, que não transgridem mais. Na verdade, é o oposto, renderam-se às facilidades dos serviços prontos, ao comodismo do pacote fechado, do argumento do todos estão lá.

Sinto vergonha alheia quando vejo um coordenador de evento de Software Livre usando iPhone e se justificando que ele tem a liberdade de escolha. Causa-me tristeza ver o especialista em segurança palestrar sobre proteção à privacidade usando Facebook. Falta-me ar ao ver os vanguardistas do Projeto Software Livre Brasil se justificando por fomentar o uso das redes sociais devassas, sem perceber que estão na jaula de ouro.

Quero muito poder me reunir com meus iguais outra vez. Mesmo que sejamos poucos. Já fomos poucos antes. Éramos um “bando de irmãos” que acreditávamos que não havia desculpa possível para usar Software Proprietário. Nem comodidade, nem preço, nem liberdade de escolha: GNU e nada mais.

Urge que os defensores do modelo OSI de militância e modelo de produção mostrem suas caras e deixem de confundir as pessoas. Software Livre não é, por definição, tolerante com as transgressões a sua filosofia. Não gosta? Saia. É seu direito. Mas não se apresente mais como membro e defensor de algo no qual você não acredita. Isso só faz de você um sabotador. Seja honesto com você mesmo e saia. Reavalie seus conceitos e fique.

Eu não defendo os ideais do Código Aberto. Eu sou defensor do Software Livre. GNU mais que Linux; Stallman mais que Jobs; GPL mais do que qualquer licença OSI; Hacker mais que Cracker; e privacidade, acima de tudo.

Se não for suficiente o argumento, então serei seu pior pesadelo.

ATIVISTA OSI, SAIA DO ARMÁRIO!

Toda ação tem uma reação de igual força, mas no sentido contrário. A máxima não se mostra verdadeira somente nas questões físicas, mas nas ideológicas também. Desde as revelações do Snowden tenho me empenhado ainda mais no ativismo do Software Livre e seus ideais filosóficos, porque acredito que somente ele pode nos salvar da dominação global. Nunca antes essa dominação foi tão evidente, esteve tão clara, e nunca tivemos uma arma tão poderosa nas mãos.

À medida que acirro meu compromisso com os preceitos do Software Livre, fica claro que o movimento e suas manifestações estão infestados de ativistas do Open Source que agem como agentes duplos e desqualificam, de forma sistemática, qualquer tentativa de politizar o tema. Quem sabe, adotando um tom mais didático, consigamos fazer com que os enrustidos do OSI se libertem e sejam felizes sendo o que são: ativistas pró Open Source!

Não há nada de errado em ser defensor do Open Source. A linha ideológica que cada um adota é uma escolha pessoal e vivemos em um mundo que prega a liberdade de escolhas, alinhamento ideológico, credo, orientação sexual, enfim, não se prive de exercer sua liberdade. Não se apegue ao conservadorismo moral do Software Livre, liberte-se, mostre-se, abra seu coração e mente, e aceite-se como você é: meio lá, meio cá. Ora defender a liberdade dos usuários, ora defender a liberdade das empresas de fechar os códigos; ora achar que privacidade é fundamental, ora achar que o Facebook é inevitável; ora publicar código pela GPL, e ora palestrar contra os que criaram essa licença; ora escrever GNU/Linux e depois usar iPhone. Assuma sua “OSIbiedade”. Quanto antes, melhor para todos.

Há um grupo de pessoas que não tem a menor dúvida sobre o que defende. Trata-se daqueles que entendem o que é o Software Livre, praticam-no, defendem-no, exercem-no, difundem-no e, especialmente, vivem-no. Não há margem a interpretações dú-

bias na definição ideológica do Software Livre, pois a FSF deixa isso claro. Richard Stallman se encarregou de deixar isso claro. Software Livre não é a mesma coisa que Open Source, não pretende ser e não adianta berrar, agredir, discordar, sabotar, palestrar, apontar dedos, acusar ou confundir. São conceitos ideológicos diferentes.

Taxar os defensores do Software Livre de radicais é um eufemismo. É mentira. É uma ação deliberada para confundir os que não conhecem bem o conceito. Serve para assustar os iniciantes e os que não entendem de tecnologia. Software Livre é um movimento social e político que combate o mal, os podres poderes, a manipulação das massas, o acúmulo exacerbado de poder nas mãos de quem quer que seja. E o faz perpetuando a liberdade na sua licença de uso.

Se você acha que esse conceito não o representa, saia. Assuma-se OSI ou qualquer outra coisa. Só não faz sentido algum se proclamar ativista de algo que você não concorda e criticar quem concorda, por concordar.

Meus textos não visam aos iniciantes. Visam a você que está em cima do muro, jogando pedras em todos os que estão embaixo, seja de um lado, seja do outro. Esse é o tamanho da sua incoerência: não usa Windows mas cospe na FSF. Você sabe bem o que está fazendo. Suas ações são pensadas e milimetricamente definidas. As vezes até por convicção de que, suavizando o conteúdo ideológico, se atingirá o objetivo de libertar as pessoas. Mas essa complacência não é Movimento Software Livre, tem outro nome: OSI.

Infelizmente, o Movimento Software Livre ao redor do mundo apostou nessa complacência como meio de popularizar o seu uso, na esperança de que, uma vez usuários, a consciência lhes chegaria por osmose. Estávamos errados, Ubuntu e Android são bons exemplos de massificação sem nenhuma consciência libertária.

Creio que está na hora de essa massa de OSistas fazer o Fórum Internacional de Código Aberto e convidar, anualmente, o sem-

pre simpático Eric Raymond, e tê-lo como modelo ideológico. Assim poderiam fazer uma área de comunidades com Windows e Jogos proprietários, desfilar com seus iPhones, MacOS, fazer palestras criticando os “radicais livres”, divulgar pelo Facebook com milhares de “likes” e exercer todas as outras liberdades que tanto pregam e curtem. Honestamente, acho que seria o ideal. Mas ir a eventos de Software Livre, para criticar seus defensores, tentar forçar a barra para terem sua doutrina ideológica imposta sobre a dos demais, não me parece adequado. No fundo, são vocês “OSlanos” que tentam impor sua liberdade de mercado e redes sociais devassas sobre os libertos. São vocês os que desrespeitam um evento com uma proposta clara de difundir os ideais do Software Livre. São vocês os que incitam os iniciantes a usarem software proprietário. São vocês os que fazem mal ao movimento Software Livre!

Hora de os assumidos, de ambos os lados, deixarem claro suas preferências.

Hora de os enrustidos saírem do armário, sem medo, sem dubiedade, sem desculpas para assumir que não são Software Livre. Uni-vos!

A DIASPORA É INCRÍVEL

No dia 11 de dezembro de 2013, entrou em funcionamento o primeiro POD da rede social Diaspora no Brasil. Ok, já sei que o termo “rede social” está errado e vou me corrigir no início para ajudar a esclarecer esse erro: rede social são as pessoas, e não a ferramenta de comunicação. Então, a Diaspora é uma ferramenta de comunicação, e vocês e eu, juntos, somos uma rede social. Só que esta é uma ferramenta diferente e muito mais legal!

Fugindo da invasão de privacidade e da apropriação do meu conteúdo, decidi que não queria mais ter uma conta do Google e, portanto, não teria mais Gmail, G+ e Hangout. E como eu nunca tivera uma conta no Facebook, estava na hora de procurar alternativas. Pense bem: tudo o que você publica no Face não é mais seu! Sim, em troca do privilégio de poder usar a ferramenta de comunicação deles, você doa toda sua vida. Parece uma troca justa? Eu não acho. Mas eu entendo que é difícil resistir à tentação de ter milhões de pessoas ao alcance do clique do mouse. Mas nem mais isso é verdade, pois já faz um tempo o Face limita o alcance de suas mensagens, ou seja, ela não chega mais a todos os seus amigos.

Procurando pela Internet, terminei lendo sobre o conceito de federalismo. Calma, não tem nada a ver com o Governo Federal! Trata-se de um conceito muito particular de sistema distribuído. Neste caso, trata-se de servidores – POD’s – espalhados pelo mundo, com gestão autônoma, que, juntos, formam uma grande rede. Todas as contas de todos os servidores comunicam-se entre si, mas a gestão de cada servidor é independente. Então, pode-se escolher qualquer um dos POD’s não anônimos disponíveis. Há até uma lista voluntária disponível em <http://podupti.me>. Mas, se houver qualquer motivo para não estar em um servidor de terceiros, pode-se baixar o Software e instalar seu próprio POD, ou seja, você pode ser mestre e senhor de um servidor de rede social.

Analisando mais de perto, as vantagens são imensas sob quase todos os ângulos:

Segurança da rede

A ferramenta toda está formada de milhares de servidores autônomos, espalhados pelo mundo, que se comunicam de forma encriptada. Isso torna a monitoria global da rede virtualmente impossível, pois o custo seria incalculável.

Anonimato

A Diaspora é anônimo. Ele não exige nenhum tipo de validação de sua identidade. O nome e e-mail não precisam ser reais, pois não há nenhuma confirmação por e-mail e não há nenhum campo pedindo seu número de telefone. Se for uma questão vital ou estratégica, basta providenciar a instalação de um POD exclusivo, assim garante-se que ninguém terá acesso ao que não se quer. Em alguns casos, isso representa a diferença entre a vida e a morte.

Liberdade de expressão

Se as contas são anônimas e pode-se ter seu próprio servidor, ninguém pode censurar o conteúdo de suas publicações. Não se fica sob a vigilância de censores pudicos ou com viés ideológico diferente do seu.

Direito autoral

Criar uma conta na Diaspora não exige que você aceite nenhuma doação de conteúdo. Suas fotos continuam sendo suas. Suas ideias continuam sendo suas. Não haverá nenhum tipo de mineração de dados, análise, catalogação, tratamento estatístico ou perfilamento.

Alcance das mensagens

Suas publicações serão sempre entregues para o número exato de contatos que você tiver. Inclusive com requintes de gerenciamento que somente a garantia da privacidade é capaz de ofe-

recer: suas mensagens podem ser direcionadas para um grupo de contatos ou para todos. Depende do que está publicando e de sua vontade.

Direito ao esquecimento

Então trata-se de uma ferramenta de comunicação que você controla, podendo regular o grau de exposição que deseja, quando deseja. As mensagens e imagens publicadas podem ser removidas a qualquer momento. Mas entenda, elas serão removidas de verdade da base de dados e do disco. Não há uma segunda base escondida.

Privacidade

A ideia da Diaspora é oferecer um ambiente seguro e que respeita a privacidade, então seus dados não serão disponibilizados ou vendidos, seja para atender a interesses comerciais, econômicos ou políticos. E se houver tiver qualquer suspeita, como já dissemos, basta instalar sua própria instância Diaspora.

Respeito à natureza

Por se tratar de um sistema distribuído, autônomo e que não minera dados, ele termina fazendo bem à natureza por consumir muito menos recursos computacionais. Não são necessários os grandes centros de servidores que gigantes como Facebook e Google têm. Assim o consumo de energia elétrica é muito menor.

O fato de a ferramenta se comportar de forma passiva é ótima para garantir sua privacidade, mas, ao mesmo tempo, exigirá uma abordagem de seu uso. Lembre-se da palavra passiva, ou seja, a ferramenta não vai fazer indicações de interesse ou de pessoas. Ela não irá te indicar amigos e não haverá uma listagem completa das pessoas que existem na rede. É exatamente a quebra da privacidade que permite esse tipo de conexão, e a Diaspora não faz isso. Então, se a ferramenta não trabalha muito, você terá que “suar os dedos” e criar sua rede de contatos dentro da ferramenta. Seja por indicação ou pelas tags, mas a sua rede será sua, e isso se reflete na qualidade da convivência geral, afinal de

contas, você tenderá a se conectar com pessoas que têm afinidades consigo.

Um ponto que merece ser esclarecido é que a autenticação de um usuário e senha está vinculada ao POD no qual ele foi criado. Não existe isso de criar a conta em um servidor e querer logar em outro. A conta micoleaodourado@diasporabr.com.br somente vai autenticar no servidor <https://diasporabr.com.br>. O comportamento da rede é muito similar aos servidores de e-mail: cada usuário loga e vê suas mensagens em seu servidor.

Mas a Diaspora tem um problema muito grave: você não está lá! Isso pode ser corrigido facilmente, nós sabemos disso. Convide a família e seus amigos para se comunicarem de forma segura e gratuita. Porque ninguém tem que ficar espionando o que você faz, diz, vê, deseja, curte, não curte, pensa ou ama. Só você mesmo e quem você deixar fazer parte de sua vida. Quem sabe levar para a Internet o cuidado que temos com nossa casa: não deixamos qualquer um entrar e muito menos alguém instalar uma câmera em nosso quarto para gravar, publicar e vender o que fazemos lá. Certo?

O convite para que você migre está feito. E essa mudança não precisa ser nem radical, nem dolorida. A Diaspora oferece conectores com o Facebook, Twitter, Tumblr e WordPress, o que replica o que você publica aqui, lá. Assim, pode-se manter contato com as pessoas que estão por lá enquanto isso for interessante.

Quanto mais junto tudo isso e penso a respeito, mais me convenço de que a Diaspora é incrível!

E eu gostaria muito que você vivesse essa experiência... <http://www.diasporabr.com.br>

LUGAR DE GOVERNO É NA DIASPORA

Hoje é mais um daqueles dias especiais: a Secretaria da Transparência de João Pessoa criou uma conta na rede social Diáspora! É o começo de uma nova Internet, de uma nova forma de relacionamento baseada na confiança e nos interesses em comum onde o Governo procura respeitar o cidadão conectado. Quando a esfera pública coloca o interesse do cidadão acima do seu próprio, devemos reconhecer que, por mais incrível que pareça, está se tentando fazer a coisa certa.

A Diáspora não é um ambiente de conexão virtual comum. Entendamos por comum a quebra da privacidade de todos seus participantes para catalogar seus interesses com fins comerciais. A Diáspora é formada por milhões de pequenas redes pessoais interconectadas. A ferramenta não cataloga, analisa, enumera nem quantifica os seus usuários. Ela apenas provê a plataforma de comunicação. O demais é por sua conta.

Respeitar a liberdade de expressão, o direito ao anonimato, à privacidade e à segurança são premissas de qualquer governo democrático. Então, por que a maioria dos representantes governamentais inunda redes sociais que não prezam por nenhum desses princípios? Por modismo? Por conselho dos comunicadores? Por propaganda? Por interesse pessoal? Todos eles juntos? Será que não percebem que, quando as usam, estimulam as pessoas comuns a também usarem esses ambientes que não lhes deviam convir?

As redes que respeitam todos esses princípios e que têm um alinhamento natural com o conceito ideal de governo democrático são as redes federadas, onde um conjunto ilimitado e livre de servidores funciona como um único “organismo”.

Importantíssimo o fato de o Governo começar a perceber a importância de usar seu poder de comunicação para incentivar o uso de ferramentas sociais livres, seguras, distribuídas e federadas.

Neste caso, a SETRANSP de João Pessoa sai mais uma vez na frente, inovando, desbravando e chegando aonde nenhum outro agente do governo chegou antes!

Sigam e compartilhem: https://diasporabr.com.br/u/pmjp_setransp

E que venham mais governos! O lugar deles é na Diaspora!

GNUS PARA REINALDO BISPO

Fazendo um comentário a uma mensagem do Reinaldo Bispo na Diasporabr.com.br, terminou saindo o artigo abaixo. Achei que a redação merecia ser publicada.

A palestra “A Morte do Software Livre no Brasil”, na verdade, perpetua toda a confusão que estou tentando esclarecer com meus artigos. Ela mistura OSI com Software Livre e presta um tremendo desserviço ao Movimento.

Como o Stallman deixa claro, o Movimento Software Livre é um movimento social e político que luta pela liberdade do código para os usuários de tecnologia. Serve para combater o mal do domínio pelo controle do código-fonte.

Liberdade de escolha para usar Software Proprietário não é Software Livre, nem Movimento Software Livre, nem comunidade Software Livre. Isso tem nome: OSI. Esse era o argumento utilizado pela Microsoft há dez anos para se contrapor à expansão do GNU/Linux no mercado. Hoje ele é usado por aqueles que se dizem defensores do Software Livre. Falácias, nada mais que falácias!

Não há nada de errado em defender a Open Source Initiative. Cada um é livre para fazer o que bem entender. O que, sim, está errado, é se autointitular Software Livre quando não se é. Muito menos em um evento de Software Livre do porte do FISL.

É por isso que escrevi o artigo intitulado Geração Ubuntu: a morte do Movimento Software Livre no Brasil. Essa é uma geração de usuários e entusiastas do Software Livre que não tem nenhum compromisso com os verdadeiros valores do projeto GNU ou da licença GPL. Eles são fruto de uma decisão estratégica errada que o Movimento tomou 10 anos atrás, quando fomentou a adoção massiva de “Linux” em vez de se preocupar com a qualidade do entendimento das liberdades.

Por incrível que pareça, o Movimento Software Livre se deixou levar pelos argumentos mais flexíveis do Open Source Initiative acreditando que, quanto maior fosse a fatia de mercado

com usuários de “Linux”, maior seria o entendimento dos usuários sobre seus benefícios e sobre as liberdades. O Ubuntu e o Android deixaram claro que essa previsão não se concretizou. Os usuários usam GNU sem saber, chamando-o de “Linux”, e usam “Linux” sem saber, chamando-o de Android.

Como disse em nossa conversa anterior: nós, os velhos do Movimento Software Livre, cometemos um erro estratégico há 10 anos. Será que conseguimos reverter?

O cenário é desolador. A maioria desses mesmos velhos cansou de lutar, outros se converteram totalmente ao Open Source Initiative, outros discursam Software Livre e realizam OSI. A verdade é que restamos poucos. Some-se a isso o fato de a “nova geração” estar defendendo, com todo vigor, conceitos completamente deturpados sobre o que é Software Livre. Sem os velhos e sem os novos, não dá para ser muito otimista.

É por isso que, para você que não é um ativista, a palestra de Alberto(*) parece tão boa, e, ao mesmo tempo, além de me deixar muito triste, só corrobora para o meu argumento original: o Movimento Software Livre morreu.

É claro que ele pode renascer da chama eterna: a FSF e o Stallman continuam inabaláveis, e eles serão sempre, espero, a fonte de inspiração para que o Movimento Software Livre possa corrigir aquela decisão errada e voltar a trilhar o caminho certo. Faz 10 anos que o Stallman nos diz que estamos errados. E nós passamos esses mesmos 10 anos ridicularizando-o, achincalhando-o e estereotipando-o, a ponto de ele ser absolutamente ignorado pela nova geração.

Nessa mesma linha espero que os alertas e sinais sejam captados pela ASL – Associação Software Livre que organiza o FISL. Quem sabe os velhos de lá, junto com seus novos GNUs, consigam resgatar e ajudar a fazer essa correção?

PRAGMATISMO OPEN SOURCE AMEAÇA O SOFTWARE LIVRE

É sério, tenho me sentido dentro de um episódio do fantástico Além da Imaginação, série de TV dos anos 80 que colocava seus personagens em situações surreais. Num desses episódios, um cara acorda e ninguém entende o que ele fala. As palavras estão trocadas, ou seja, tem significados diferentes. Na cena final, resignado, ele ouve o filhinho lhe ensinando que o último dia da semana se chamava “dinossauro”. Tenho me sentido assim. Liberdade e coerência perderam completamente o significado. Entrei numa máquina do tempo ou perdi o bonde?

Em que momento Software Livre virou sinônimo de Open Source? Quando foi que GNU virou sinônimo de Linux? Quando foi que usar Facebook e Gmail passou a ser aceitável?

Como o significado mudou, o que eu escrevo não tem o efeito esperado. Os leitores reagem como se eu os estivesse ofendendo, acusando, diminuindo. Não dá para refutar a Lei da Gravidade nesta dimensão, é algo que se aplica a tudo e a todos. Não é uma ofensa pessoal lembrar às pessoas que ela existe e é imutável. Você tem todo o direito de se ofender, de berrar, de apontar minhas incoerências, me taxar de improdutivo, estrela, chato, feio e bobo. Mas adivinha? A Gravidade não vai deixar de existir por causa disso. Então vou repetir, de novo: Software Livre e Open Source Initiative não são a mesma coisa. Mas não tome a minha palavra, apenas.

Na lista do PSL-BR, Bruno Souza, diretor da OSI, deu-me uma explicação prolixa[1], dizendo que SL e OSI são, de fato, movimentos diferentes – obrigado Bruno –, mas que lutam pela mesma coisa: liberdade do código para proteger o usuário. Segundo a explicação, o que diferencia o Movimento da iniciativa é a abordagem. A OSI teria um “approach” mais pragmático, direcionado aos tomadores de decisão, empresários e pessoas que não entendem argumentos como liberdade e ética como vanta-

gens competitivas em uma economia de mercado, então a OSI usa argumentos como qualidade de software, desempenho, custo e outros que soam mais atraentes para esse público. Segundo meu entendimento da lógica OSI, a ideia é levar o código livre à maior quantidade possível de pessoas através do convencimento dos usuários e tomadores de decisão, inclusive sendo complacente com o uso de Software Proprietários e serviços privativos se isso for necessário. O objetivo é, no fim, popularizar o uso de softwares que tenham códigos disponíveis.

Enquanto isso, no SL, a preocupação é com os princípios éticos, ideológicos, sociais e políticos do uso de Software Livre e, por conseguinte, dos malefícios do uso de Softwares Proprietários e serviços privativos. A abordagem é focada nos benefícios sociais, no combate às mazelas políticas e de controle impostas pelo código fechado. O “approach” é mais na linha do “por um Mundo melhor”, algo meio hippie, meio ecologista, algo mais lúdico. Alguns, inclusive, definem essa abordagem de utópica. Como o próprio Stallman diz, o Software Livre é “um movimento social e político pela liberdade dos usuários de programas”[2]. Não se trata de fazer o programa ser mais vendável ou aceitável, é sobre convencimento ético e filosófico através do entendimento dos benefícios do uso de Softwares Livres. Dureza! Mas é isso.

Então, temos duas formas de propagar uma ideia: uma, focada nos benefícios éticos; e a outra, nos benefícios comerciais. Eu não vou fazer juízo de valor. Resumindo, é isso.

Compreendidas as diferenças elementares, agora cabe avaliar a evolução do Movimento e da iniciativa e ver como estamos hoje. Esta é a minha visão e pode não ser fidedigna e, talvez, nem mesmo realista. No decorrer da última década, a abordagem da OSI foi extremamente bem-sucedida, pois o convencimento pelos argumentos OSI massificaram o uso de softwares com código aberto para pessoas que nem sabem o que é isso. O Android é um excelente exemplo disso. Entretanto o companheiro de luta, o SL, vem falhando fragorosamente. Trata-se de uma relação inversamente proporcional: quanto mais usuários de softwares de

códigos abertos, menos usuários nas fileiras do Software Livre. Por que será?

Permitam-me ir um pouco mais fundo na análise. Quando o movimento SL nasceu no Brasil, ele era eminentemente SL. Foi a convicção ética, social e política de que o Software Livre era bom para a sociedade que motivou a maioria dos ativistas. Foi baseado nessas premissas que se fundou o CIPSGA, o Projeto Software Livre Brasil, a ASL, o FISL e tantos outros exemplos. A prova disso são as infindáveis palestras sobre como ganhar dinheiro com Software Livre em quase todos os eventos. Fomos uma legião de ativistas que eram constantemente chamados de radicais pelas empresas de Software Proprietário e seus aliados. Essa foi a tônica, até que o Google mudou a forma de lidar com o Software. A licença GPL define lealmente o que é Software Livre e ficava fácil distinguir. Com os serviços em nuvem, a faixa cinza do que era ou não aceitável ficou muito maior. Era possível usar os serviços do Google, como Gmail, sem desrespeitar a GPL nem nenhum princípio explícito da FSF. Esse argumento foi usado massivamente por praticamente todos os ativistas. A GPL3 não emplacou.

Lembro-me bem do primeiro FISL em que o Google apareceu nos crachás do evento. Minha primeira reação foi pedir uma caneta Pilot e riscar o nome dele. Lembro das caras de indignação de todos, afinal, o Google era uma empresa “amiga” que estimula e contribui com o Software Livre, e a prova estava ali, no patrocínio do FISL. Gastei muitas horas tentando explicar às pessoas o porquê de elas estarem erradas e como o Google se aproveitou das brechas da GPL2, e, usando todos os argumentos comerciais, tinha convencido a todos. Foi muito triste. Mas, vejam vocês: três anos depois, eu mesmo me convenci de que não havia problema e criei minha conta no Gmail. E vivi feliz na “Matrix” por dois anos. Foram os argumentos de popularização, de massificação, de otimização e toda essa terminologia mercantilista associada à verdadeira funcionalidade de suas ferramentas que tinham me convencido. Por que não fui cativado pelo Windows, mas sim pelo Google? Agora éramos uma legião de ativistas de Software Livre que tinha sucumbido ao argumento

OSI de atingir às massas através do pragmatismo mercantilista, enfiados como felizes usuários de uma ferramenta proprietária e todos seus encantos.

O salto das ferramentas do Google para o Facebook, Skype, OS X, iPhones e outras é mais da mesma explicação acima. Trata-se da evolução lenta e gradual da complacência dos argumentos do “approach” OSI de militância que permitiu atingir milhares de pessoas, mas usando as ferramentas e meios complacentes que o SL não aceita: uso do Facebook, catalisando as relações com a Apple que usa BSD, justificando a inserção de códigos proprietários no Kernel Linux, achando que a inserção de spyware no Ubuntu é algo irrelevante, e muito mais. E com esses resultados palpáveis para mostrar que sua forma de atingir o mesmo objetivo do Software Livre era certa, grupos de usuários inteiros, eventos inteiros e muitos radicais foram convencidos a também serem complacentes. Assim, de complacência em complacência, os ativistas que outrora se posicionavam pela forma SL de atingir o objetivo migraram para a forma OSI de atingir o objetivo.

Essa migração natural é fruto da complacência pragmática do OSI. Fui vítima dela. Como disse num artigo anterior, é difícil trocar os confortos da Matrix pelo creme sintético a bordo da Nabucodonosor. Quem pode desprezar o argumento de que de atingem, literalmente, milhões de pessoas usando o Facebook? Quem pode desprezar as pressões sociais de nosso modelo econômico lhe empurrando todo santo dia para o consumismo e, portanto, para o “ganhar dinheiro é a coisa mais importante”? Quem pode suportar todos os inconvenientes de não estar “na moda”, “na onda”, “com o melhor design”? Quem consegue suportar tudo isso mesmo vendo que seus companheiros de ativismo também estão nessa onda? Quase impossível. Sem nenhum medo de errar, só posso citar o Stallman. E é exatamente por isso que ele foi transformado em um “mal necessário”. Percebam a inversão da situação. Um dia, o argumento era de que a convivência com o Software Proprietário seria “um mal necessário” para poder atingir nosso objetivo. Hoje, em quase todas as mensagens mais elaboradas, vejo algo do tipo “os radicais são necessários”. O Stallman,

pela sua inabilidade natural de relacionamento interpessoal, tem sido agredido de todas as formas possíveis, exatamente porque ele não se deixa levar pela complacência.

Juntam-se então a fome com a vontade de comer: o pragmatismo técnico mercadológico dos argumentos OSI cai como uma luva na insaciável busca das corporações e governos de eliminar custos e aumentar produtividade sem nenhum questionamento ideológico. Empresas modernas e antenadas percebem a oportunidade, e faturam, apropriando-se da inteligência coletiva, do esforço de milhares para criar seus monopólios, suas redes sociais, seus dispositivos interconectados, sempre com o mesmo objetivo: ganhar para eles. Aos “bobinhos” do Software Livre, organizam gincanas como o Google Summer of Code. Arregimentam os melhores do mercado do código aberto agora para trabalhar internamente em suas superestruturas. Não é mera coincidência, no Brasil, que esses melhores eram também os líderes de diversas comunidades, grupos e eventos de Software Livre. É assim que o GNU se transforma em Linux. É o argumento OSI que elimina o GNU.

Então, se SL e OSI são aliados para alcançar o mesmo objetivo, é chegada a hora de fortalecer os argumentos Software Livre e ver se podemos nos beneficiar dessa massa de usuários para trazer à tona os aspectos éticos e filosóficos. Esse sempre foi o papel do FISL, por exemplo, trazer todos para um centro de convivência onde se buscava a demonstração clara de que se pode transformar o mundo não apenas usando programas de código aberto, mas entendendo os princípios éticos e o alcance transformador de sua ideologia.

Quando preconizei a morte do Movimento Software Livre, referi-me à busca pelo convencimento através de argumentos baseados na ética, na ideologia, no movimento transformador social e político. Se o crescimento da massa de complacentes continuar nesse ritmo, muito em breve não haverá mais efeito transformador algum, pois as ferramentas em nuvem que não desrespeitam as liberdades do usuário serão absolutas, e dentro delas estará um seleto grupo de produtores de Softwares abertos

que não tem a menor percepção da importância de seu código ser aberto. O movimento Software Livre e seus argumentos serão suplantados pelo pragmatismo mercadológico.

Acredito que agora ficou fácil de perceber que é exatamente esse pragmatismo e complacência que o OSI implementa, o maior responsável pela redução do entendimento ético e ideológico do Software Livre. Portanto, eu acredito que está na hora de fazer uma desassociação do OSI. Em minha opinião, o objeto final do método OSI pode até ser o mesmo que o do Software Livre, mas estou convencido de que seus meios terminarão por extingui-lo. Nós, os defensores do Software Livre, se não sairmos das redes sociais devassas, se não deixarmos de usar Ubuntu, se não tornarmos inaceitável o uso de Gmail, Skype, iPhone, se não migrarmos para redes sociais livres e federadas, se não formos capazes de gerar um antagonismo a tudo isso como fizemos com o uso do Windows, seremos extintos.

Não serei hipócrita, pois nunca fui. Incongruências e incoerências todos temos. O problema é que esse pragmatismo OSI, que leva à complacência, que confunde, tem se tornado o padrão do Movimento. A relação de incoerência é de 95% incoerente para 5% coerente. Temos que fazer algo para trazer essa relação para patamares mais próximos de nossos interesses como Movimento Software Livre. Há alguns anos poucos se arriscariam a fazer uma palestra usando Windows ou Mac. Hoje é quase maioria. Há alguma coisa fora da ordem.

Por isso, para que não haja nenhuma dúvida: muito menos OSI para que possa haver muito mais Software Livre.

1 – <http://listas.softwarelivre.org/pipermail/psl-brasil/2014-May/002006.html>

2 – <https://www.youtube.com/watch?v=MKDn9quw5sc>

FACEBOOK MANIPULA MENTES E O IDIOTA SOU EU

Esta semana, em plena Copa do Mundo, vem à tona o resultado de um experimento feito pelo Facebook no qual prova que consegue manipular o humor das pessoas. Mas qual a novidade? Todos os usuários dessa rede social devassa* sabem bem o quanto ela consegue ser irritante. Seja pelas propagandas direcionadas, seja pelos “amigos” que indica, seja pela baixa resolução das fotos, seja por controlar o alcance de suas mensagens, seja pelo aplicativo mobile, que é uma desgraça. Qual a novidade?

Você sempre soube que os termos da licença que aceitou, para ter sua conta no Face, dizem que eles poderiam fazer qualquer coisa com seus dados: posts, imagens, ideias, conversas. Inclusive ligar sua webcam e filmá-lo e fotografá-lo sem avisar.

Mas qual a novidade? Você sempre soube de tudo e não se importou e continua sem se importar, afinal de contas, você não tem nada a esconder. O que pode dar errado se lhe filmarem numa hora imprópria? Afinal de contas, você não tem nada a esconder. O que importa se eles tiverem acesso à sua conta bancária, senha do cartão de crédito ou declaração do imposto de renda? Você não tem nada a esconder.

Na verdade, pouco importa o que o Facebook faça ou deixe de fazer, afinal de contas, você decide o que publicar, como e quando! E se publicou é porque queria! Certo?

Então, qual é a novidade do experimento da manipulação de mentes que o Facebook fez com 700 mil usuários? O estudo provou que eles podem manipular. Provou que eles já o fazem há muito tempo. Provou que podem vender aos interessados não apenas anúncios direcionados, mas mudanças de opinião, desejos e vontades.

Provou o que você provavelmente já sabia, mas nunca teve coragem de admitir: que talvez você não esteja publicando somente o que quer.

Importante registrar que o experimento foi um sucesso! Então, o que você acha é o que você realmente acha ou, assim como eu, você é só mais um idiota?

OSINTOSO – MEIAS MENTIRAS

É compulsivo, inocente ou serve a um propósito tão escuso que precisa ser mantido camuflado sob o manto das regras do livre mercado? Como o discurso dos ativistas do Código Aberto de hoje se espelha fielmente nos argumentos utilizados pela Microsoft para desacreditar o Movimento Software Livre e seus ideais revolucionários!

Em um longo e muito bem escrito artigo, o fã de Código Aberto, Hélio Loureiro, escorrega nos argumentos do livre mercado para tecer conclusões erradas sobre o Software Livre. Levianamente, busca desprezar seus ativistas e meticulosamente minimiza os efeitos nocivos do modelo de negócios de gigantes espíões como Google e Facebook. Tem mais itens, então, vamos refutar as meias mentiras, para ver se chegamos a algumas verdades. Vou tomar a liberdade de usar os mesmos tópicos, para facilitar aos que desejarem comparar os artigos com fins didáticos.

Contribuições ao Software Livre

Grandes empresas querem e podem contratar quem quiser para trabalhar em seus quadros. Em um modelo econômico capitalista, ter ou não alguém em seu quadro de funcionários se resume a pagar o valor certo. Nada de errado nisso, afinal, trabalho é trabalho, e se quisermos pagar as contas no fim do mês, não há como escapar disso. Nunca me posicionei contra alguém por exercer sua profissão em uma empresa legalmente estabelecida, qualquer que seja, independentemente de seu viés político, produto ou serviço. O trabalho é o trabalho. Então vou deixar isso absolutamente claro: não vejo nenhum problema em trabalhar para o Facebook, Google, Microsoft, Oracle, Intel ou qualquer outra empresa de tecnologia proprietária.

Mas o fato de uma empresa contratar um ativista do Software Livre não faz dela uma empresa comprometida com os ideais filosóficos do movimento. Na verdade, é bem mais o contrário. Na maioria das vezes, o profissional é contratado por ser desta-

que em sua área e, a partir da contratação, uma série de amarras, limites e mordidas lhe são impostas, pois agora, obviamente, ele deve usar suas habilidades em prol da empresa. Essa é a regra, mas claro que há raras exceções.

Outra meia mentira é que essas empresas são boazinhas ou devem ser aceitas como agentes beneméritos porque financiam programas, projetos e ou comunidades de código aberto e/ou livre. Essas empresas entenderam os benefícios do processo de produção colaborativa de software, então se apropriam dele, estimulando esses projetos, pessoas e/ou grupos apenas o suficiente para manter o que lhes é estrategicamente interessante.

Existem dúzias de exemplos para ilustrar esse comportamento, mas eu vou enumerar dois: o projeto Linux e o Google Summer of Code. No primeiro, a relação é mais óbvia e simples de ser percebida. Tente imaginar quantos servidores com GNU e o Facebook e o Google têm em seus datacenters, e imagine o quanto afetaria a viabilidade dos negócios ter problemas com o Kernel Linux. Imagine como uma licença mais restritiva, como a GPL V3, poderia ser incômoda? Ou os riscos de ter um bug crítico ou de segurança que leve meses para ser resolvido? Então o aporte de recursos humanos e financeiros ao Kernel Linux não é um ato de altruísmo ou alinhamento ideológico. É apenas uma questão de interesse negocial.

O Google Summer of Code, para mim, é muito mais sujo, mesquinho e aproveitador. Tirando vantagem das fragilidades intrínseca dos estudantes, eles promovem um concurso de talentos, oferecendo prêmios com valores pífios para quem resolver problemas críticos ou tiver ideias excepcionais. Seja pela situação financeira ou pela visibilidade mercadológica que um prêmio assim oferece, milhares de novos gênios são compelidos a solucionar problemas estratégicos para uma mega companhia de tecnologia. Genialmente maquiavélico.

Ver um ativista de código aberto ou de Software Livre tentando minimizar os males das megacorporações de tecnologia é tão absurdo quanto um membro do Greenpeace minimizando os males da Texaco ou Shell porque fazem reflorestamento

de Pinhos em algum lugar. Ou, ainda, de um ativista do PETA minimizando a Friboi por matar seus animais de forma “mais humana”.

Monitoração dos usuários e uso de dados privados

Tenho escrito demais sobre esse tema, e só vou tocar nele de novo porque acabo de perceber um novo ingrediente na linha argumentativa: a ingenuidade interesseira. Como uma criança de nove anos que ainda diz acreditar em Papai Noel para poder ganhar o presente de Natal. Então, subitamente, as revelações do ex-espião (será?) da NSA, Edward Snowden, não são reais?

É claro que as grandes não vão assumir explicitamente sua subserviência ao estado imperialista dos Estados Unidos da América do Norte. Ainda não é o momento. Mas, acreditar que os perfilamentos atendem exclusivamente a propósitos do ético mecanismo do livre comércio, beira a irresponsabilidade. Especialmente quando se escreve tão bem para explicar o quão pouco perigoso é usar esses serviços e quanto vale a pena trocar toda a sua vida virtual por alguns serviços de comunicação. Como foi comentado em uma rede social outro dia: “é claro que o Netflix é massa, pois vale muito trocar sua privacidade por um filminho”.

A gravidade dessas ações é incalculável, e isso só não fica mais nítido porque a exposição é contra os podres poderes, que são os mesmos que controlam a mídia e, portanto, a suavizam. Permita-se pensar no poder que gera ter acesso à base de dados do Facebook, Google, Gmail, WhatsApp e Instagram, todas juntas. Não se iluda, eles não querem só lhe vender um par de tênis novo ou a última cor de esmalte de unha. Não seja tão inocente.

Qualquer ativista que apoie qualquer tipo de direito humano ou liberdade deveria se opor com veemência às redes sociais devassas e procurar opções que busquem meios de garantir que ninguém tenha esse tipo de poder. Entre as opções estão as redes sociais livres e federadas, e, dentre elas, a Diaspora, que está longe de ser perfeita, mas que dá passos claros de oposição ao sistema centralizado, vendido, corrupto, devasso e espião do Facebook.

O movimento do software livre como mimimi

Mimimi é o acrônimo de “pare de chorar e vá fazer alguma coisa que preste”. O Stallman tem sido acusado desse mimimi desde que fundou o projeto GNU. E lá se vão 30 anos. Bill Gates, Steve Jobs, Eric Raymond e Jon Maddog Hall, só para enumerar alguns, já apontaram para o Stallman e os demais ativistas de Software Livre com esse elogio carinhoso.

Mas, adivinha? Mimimi também significa “não vamos parar de provar o quanto vocês fazem mal para a humanidade”. O Movimento Software Livre é um movimento social e político que se apoia nas liberdades do Software para combater as desigualdades sociais, e os desmandos das megacorporações de tecnologia fazem parte disso. Ninguém está obrigado a concordar com o Movimento Software Livre, mas tentar desqualificá-lo pode ser um grande tiro no pé, porque lhe forçará a encarar seu egoísmo e seu desprezo pelo social, em prol do seu benefício pessoal. É como político safado que se diz a favor da maioria necessitada e depois age apenas em benefício próprio.

Não há mais de um tipo de Movimento Software Livre. Não há essa coisa de radicais do Movimento Software Livre. Trata-se de um movimento com definições claras e objetivos ainda mais claros descritos pela Free Software Foundation, e qualquer desalinhamento não é Software Livre. Simples assim.

Então, se você não está alinhado e não quer se alinhar, muito bem, perfeito, de acordo, direito seu. Mas nos faça um favor: vá procurar sua turma! E deixe a nossa em paz.

A sua turma deve estar no Facebook, Gmail e Instagram achando que se muda o “status quo” de dentro da jaula de ouro, deixando-se iludir pelos argumentos infantis do Big Brother. Achando que Ubuntu e Debian são a mesma coisa.

O mimimi do Software Livre é o seu pior pesadelo, porque sempre lhe esfregará na cara que sua incoerência é fruto do seu egoísmo, da satisfação dos seus interesses pessoais. É um recordatório público de que você não vê mal algum em se apropriar e deixar que se apropriem do bem comum em seu benefício pes-

soal. Sempre que o Software Livre for citado, lembre-se de que ele trata do bem para todos.

Como ganhar dinheiro com software livre?

Essa pergunta já foi respondida milhares de vezes em todos os idiomas do mundo, e a resposta é simples: prestando serviço. Não há nenhum truque escondido, escuso, segredo milenar ou pegadinha. Pode ser mais complicado de entender porque, desde o fim dos anos 70, as megacorporações conseguiram convencer a todos que Software é produto. Mas assim que se pensa um pouco, fica claro que desenvolvimento de software é um serviço, e, aí, fica fácil entender que há outras formas de se ganhar dinheiro com Software Livre e/ou com Código Aberto. Há muito mais do que licenças entre o Céu e Terra...

O Movimento Software Livre não é, nem nunca foi, contra “ganhar dinheiro”. Grandes do ramo como a RedHat encontraram um modelo ético e sustentável para gerar riqueza. O problema nunca foi, nem nunca será, “ganhar dinheiro”, mas como se faz isso. Há serviços mais éticos que outros, apesar de toda a legalidade envolvida.

Vender marketing, ou seja, vender espaços publicitários é um ótimo modelo de negócios. Mas há limites. Quando a propaganda é não direcionada, ela faz parte do jogo capitalista. Mas quando a desculpa do marketing serve para invadir minha privacidade e a de todos, então não é mais aceitável. Especialmente porque já é sabido que essas informações são usadas para coisas muito mais graves do que vender produtos. O melhor exemplo dos riscos envolvidos está na experiência feita pelo Facebook provando que conseguia manipular seus usuários inserindo mensagens subliminares nas “timelines” de sua interface. Então não adianta mais tapar o sol com a peneira. Você está sendo etiquetado, catalogado e vendido para quem pagar mais ou para quem tiver mais mísseis nucleares.

Mas você pode acreditar que “o Windows é muito melhor que o Software Livre” [2], cuja conclusão é: “O Windows é mais que uma ideologia, é uma poderosa ferramenta para garantir a

segurança e disponibilidade de uma rede. Antes de pensarmos em custo de aquisição, devemos pensar em redução de custos e garantia de uma rede estável, afinal, todas as informações de uma empresa estão nela... e valem muito.” E também pode escolher acreditar em gnomos, mula sem cabeça ou o Curupira. A escolha é sua.

Alternativas como Diaspora, Rise.Up, OpenMailBox, etc

São todas alternativas válidas. São verdadeiros atos heroicos de coletivos e indivíduos que decidiram se contrapor ao “status quo”. Assim como o Stallman fez há 30 anos e muitos outros visionários fizeram ao redor do mundo nos movimentos locais de Software Livre.

Longe de serem perfeitos, cada um, a sua maneira, tenta oferecer garantias de privacidade e serviços éticos na Internet. O que todas elas têm em comum é que apenas o que o usuário deseja será visto ou espalhado na rede. Há mensagens que eu quero que estejam na rede e alcancem a maior quantidade possível de pessoas. São mensagens públicas e que podem e devem ser indexadas e catalogadas por quem o quiser fazer, inclusive o Google. A beleza está em que o que eu não quero que seja tornado público, não será. Então quem decide o que é ou não público e aparecerá nos índices do Facebook e Google sou eu. Você pode dizer o mesmo?

E a conclusão?

Mais um ato de violência contra o movimento Software Livre. Alguns poderiam até chamá-lo de “fogo amigo”, mas seria um erro de percepção, porque o OSI – OpenSource Initiative e os que defendem a complacência no uso de Softwares Proprietários e redes sociais devassas não são amigos do Movimento Software Livre.

Tentar desvirtuar os princípios éticos, morais, ideológicos e filosóficos do Software Livre não é tarefa fácil. Mas sempre estarão lá os enganadores e mal intencionados para tentar confundir as pessoas. Levá-las a crer que um mundo melhor é uma utopia e

que a única solução viável é se deixar explorar, enganar, persuadir para poder ser feliz e ganhar dinheiro.

Não há como minimizar o mal que ataques dissimulados de pessoas que se fazem passar por ativistas do Software Livre impetram ao movimento. Neste caso, admiro mais o Steve Ballmer, que disse claramente que o “O Linux é um Câncer” [3] sem meias verdades, apenas mentiras absolutas.

1 – <http://softwarelivre.org/portal/noticias/opiniaode-helio-loureiro-as-empresas-nefastas-e-redes-devassas>

2 – <http://technet.microsoft.com/pt-br/library/cc716412.aspx>

3 – http://www.theregister.co.uk/2001/06/02/ballmer_linux_is_a_cancer/

MENOS LINUX E MAIS GNU

Em tempos de marcas globais, o pinguim do Linux passou a ser sinônimo de opção de sistema operacional. Em quase todas as embalagens, lojas on-line e até sites de download de programas, lá aparece o Tux para referenciar “o Linux”. Mas não passa disso. Você sabia que o nome do pinguim do Linux é Tux? Mas há outras marcas famosas com nomes menos conhecidos: o robô do Android se chama Bugdroid! Os dois são logotipos muito bonitinhos, simpáticos e têm um forte apelo de mercado. E, por isso mesmo, nem um, nem outro representam o Software Livre.

O Linux é um projeto de software licenciado pela GPL V2. Há, literalmente, milhares ou milhões de outros softwares licenciados sob licenças livres, dos quais alguns muito famosos como o Firefox, LibreOffice e Gnome. Mas nenhum deles representa o Software Livre, são excelentes exemplos do sucesso da forma libertária de produção de conhecimento colaborativo, da eficácia dos meios de produção meritocrática e da qualidade alcançada pelo compartilhamento do código, mas nada disso representa a liberdade embutida no Software Livre. Quem faz isso é o GNU.

O mercado adora símbolos desprovidos de mensagens politicamente corretas. Pense rápido! Nenhuma marca “main stream” remete a responsabilidade social, dedicação descompromissada, humanismo ou qualquer forma de mudança do “status quo”. O foco é sempre comercial, ou seja, estímulo do consumismo. O projeto GNU é a materialização ideológica da liberdade tecnológica como ferramenta de transformação social. O Tux e o Bugdroid se transformaram em símbolos de consumo, e não da liberdade que os fizeram existir e que deveriam perpetuar.

Então se você se identifica com a liberdade do Software Livre e está fazendo qualquer ação ativista, repense o uso do pinguim. O próprio Linus, gênio, diz “que ele não está nem aí para a ideologia”, o que o move é a diversão de fazer código de qualidade. Que bom! Obrigado Linus pelo excelente trabalho, mas quando

o foco da vida é apenas a diversão, será virtualmente inevitável ser manipulado. Porque passar a vida se divertindo tem um preço. No caso do Kernel Linux, foi a inserção de milhares de programas proprietários que já o tornaram um projeto não tão livre assim. E isso parece ter passado despercebido da maioria dos usuários e até de muitos ativistas do Movimento Software Livre. É que se o compromisso é apenas com a diversão, qualquer ameaça a ela será descartada. Mesmo que seja a liberdade. Esse processo é conhecido pela psicologia moderna como Síndrome de Peter Pan[1]: o medo de enfrentar a responsabilidade pelos seus atos.

A marca Linux e sua mascote, o pinguim, foram adotados por todas as grandes empresas de tecnologia do mundo. Como é de se esperar, o compromisso dessas empresas é com o lucro de seus acionistas, e não com sua liberdade tecnológica. E o que dizer então da mudança social que o Software Livre promove? Na verdade, essas corporações usam Software Livre para manter e expandir velhos modelos de dominação de mercado, de controle tecnológico, empoderamento político e militar. Velhas como a Microsoft e IBM até ganharam uma sobrevida se apropriando de tecnologias livres e seus meios de produção, e novas gigantes estão completamente embasadas nos modelos de produção colaborativa, mas não para mudar o mundo, mas para controlá-lo, agora de forma mais eficiente, maximizando sua presença no mercado e, portanto, seus lucros. E a marca Linux e sua mascote, o pinguim, ajudam nesse processo.

Num primeiro momento, até parece que há uma apropriação indevida dessas mega empresas nefastas e que o pequeno projeto do Kernel Linux nada poderia fazer. Mas não é bem assim. Quando a apropriação de tecnologias livres começou a ser utilizada para prestar serviços on-line, a FSF – Free Software Foundation percebeu as malévolas implicações, e atualizou a GPL para a sua versão 3, onde se previa a perpetuação da liberdade do código em situações desse tipo. Adivinha? É... , o Linus disse que jamais atualizaria a licença do Kernel Linux para a V3 por torná-lo mercadologicamente inviável. Bom, a qual senhor o Linus serve?

Do outro lado, está o Stallman, com sua descuidada aparência de sempre, com seu velho notebook de sempre, com suas velhas roupas de sempre. Acompanhado pelas suas velhas ideias de sempre: compartilhamento, igualdade, fraternidade, respeito, amor. Atuando incansavelmente há décadas. Não pela diversão, nem pelo estrelismo, nem pelo dinheiro, nem pelos novos meios de produção. Atuando para proteger e preservar a nossa liberdade de construir juntos, de mudar o mundo. Mas não se atua por amor incólume: seus críticos são implacáveis.

Então, se você preza pela liberdade tecnológica e acredita, de verdade, que fazer, usar e distribuir Software Livre é divertido, mas tem que haver uma dose de responsabilidade social, e que podemos fazer do mundo um lugar mais justo para todos, então use menos pinguins e mais GNU's.

O GNU é o logotipo que representa a liberdade tecnológica, a mudança, o novo. Não a nova cor dos ícones, ou das novas funcionalidades, mas um novo modelo de relação social, que se baseia na colaboração e na liberdade tecnológica para estabelecer que somos todos iguais. Imperfeitos, mas iguais. Separados, mas iguais. Coloridos, mas iguais. Desalinhados, mas iguais.

Mudar o mundo pode ser muito mais simples do que você imagina: use menos Linux e mais GNU!

1 – https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Peter_Pan

PARA BÁRBARA, SOFTWARE LIVRE COM AMOR!

Querida amiga, você pediu por uma resposta. Ela é longa e bem-intencionada. A faço pública porque suas dúvidas e receios são também de outros.

Na Campus Party Brasil de 2014, tive o prazer de te conhecer, Bárbara Tostes. Naquele, então, estavas na equipe de curadores do eixo temático do Software Livre e te mostraste uma pessoa muito sagaz, empreendedora, cheia de iniciativa e especialmente criativa. Assumiste para ti a interação com os participantes do evento pelas redes sociais. Com nítidas habilidades gráficas, estava claro que esse, era, também, teu trabalho, ou seja, fizeste das artes gráficas teu meio de vida e aplicavas nela todo o sentido crítico do teu curso de jornalismo.

Teu entusiasmo e personalidade me remeteram imediatamente aos primeiros ativistas de Software Livre que inundaram as primeiras edições do FISL e Latinoware. Então, antes de mais nada, aqui há meu respeito e admiração pelo teu trabalho e ativismo. Em segundo, um tremendo carinho por seres uma convicta e verdadeira ativista do Software Livre. E, por fim, e mais importante, minha extrema preocupação pela tua absoluta inocência por não conseguir discernir Software Livre de OSI.

Como tenho dito em outros artigos, OSI e Software Livre não são a mesma coisa. Na verdade, suas convergências são muito menores que suas diferenças. Enquanto um trata de filosofia, ética, moral e liberdade, o outro trata de mercados, finanças, técnicas e modelos de negócio. Então, misturar as duas coisas não poderia terminar bem. Você, Bárbara, é apenas mais uma vítima dessa mistura. E a culpa é minha. Não só minha, mas de toda a comunidade de Software Livre que deliberadamente se deixou encantar pelos argumentos mercantilistas da OSI, há uns 10 anos.

Li teu artigo “como é difícil ser livre!”, externando tua ino-cência e perplexidade frente aos novos argumentos levantados pelos ativistas do movimento Software Livre, que estão tentando corrigir o erro histórico de ter misturado o mercantilismo OSI com a filosofia GNU. Eu incluído e citado.

Já no primeiro parágrafo, tu deixas claro que não percebeste a mistura homogênea que foi feita com o propósito de destituir o conteúdo filosófico do projeto GNU, quando falas nas Distri-buições Linux. Permite-me te dizer que essa não é uma verdade. O Movimento Software Livre não usa um sistema Linux, não de-senvolve um sistema Linux e não mantém um sistema Linux. O sistema é GNU. O Kernel pode ser Linux ou não. Mas o sistema como um todo é GNU. Veja, no dia em que o Kernel Hurd estiver usável e for feita uma distribuição usando-o, vamos chamá-la de distribuição Hurd? Pouco provável. Quer dois exemplos pro-prietários? Android e MacOS usam Kerneis livres. O primeiro, Linux, o Segundo BSD. Não vejo ninguém chamando o MacOS de Distribuição BSD. Nem o Android de distro Linux. A lista de exemplos é imensa: Gnome ou KDE? Coloque o Kernel no seu devido lugar: é apenas mais um componente do sistema GNU.

A marca Linux ganhou espaço na mídia e o consciente cole-tivo das massas, porque ele destitui o fator ideológico do nome do sistema operacional, ao remover o GNU. Inclusive o Linus Torvalds tem um papel fundamental nesse processo por não dar a devida importância à liberdade. Como ele mesmo declara, ele “faz livre porque é divertido, o resto é bobagem”. Veja, o mesmo acontece com o termo “hacker”, que, como todos nós sabemos, é algo bacana, legal, inteligente e excitante, mas que, na mão da mídia marrom, transformou-se em sinônimo de crime, ilícito, desajustado, terrorista...

Então, se tu defendes a liberdade essencial, aquela que trans-forma a vida, não use mais “Linux” para definir o nome de ne-nhum sistema operacional Livre. O Linux é um excelente projeto de Software Livre, coordenado por um gênio que só olha para seu próprio umbigo. E nada mais.

E tu, Bárbara, tens toda a razão quando dizes que ser livre é muito difícil. Guerras mundiais foram travadas em seu nome. Hoje, o controle planetário pela disseminação e uso das redes sociais devassas tem tudo a ver com a manutenção ou perda das mais elementares liberdades individuais. Tu não precisas ter algo a esconder para ter direito à privacidade. Até porque, pensa bem, se for assim, todos os que manifestarem interesse em tê-la serão alvo da curiosidade daqueles que não a querem permitir. Some-se à complexidade natural do tema toda a pressão de marketing e ideologias do livre mercado, e teremos as reações mais absurdas, onde se justifica a perda da liberdade em nome de tê-la!

Confuso? Vou explicar, mas lê com calma os dois próximos parágrafos.

Por volta de 2004, a comunidade de Software Livre no Brasil estava completamente convencida de que a liberdade tecnológica era o caminho certo. O grande desafio era como fazer o GNU e sua filosofia chegar até as pessoas. A FSF, com o Stallman e Alexandre Oliva à frente, bradavam que o objetivo não era a massificação, mas o entendimento, o convencimento. Qualidade sobre quantidade, pois de nada adiantaria criar uma massa de usuários de tecnologias livres se eles não soubessem o que estavam usando. A ignorância dos usuários seria o elo fraco que permitiria a apropriação dos meios pelos poderosos, como sempre. Em contraponto, estavam a Linux International, capitaneada pelo querido Maddog e Linus, e a OSI com seu maior expoente, Eric Raymon, que diziam exatamente o contrário: era necessário massificar o uso e a adoção a qualquer custo, em especial pelas empresas que são o motor da sociedade capitalista ocidental. Uma vez que a massa estivesse usando, não seria nem necessário mais falar em liberdade, afinal, eles já estariam livres, certo? Dez anos depois, já podemos concluir quem tinha razão.

O Linux é, sem dúvida, um dos maiores e mais importantes projetos de Software Livre, usado em 9 de cada 10 distribuições GNU. Portanto, é um programa crítico que não deveria ser “infectado” por software não livre de forma alguma! Mas o argumento de que a massificação faria a diferença foi tão contundente que,

como comunidade, como grupo social organizado, permitimos a inserção de código fechado nele, proprietário mesmo. Permitimos que nossa liberdade fosse cerceada, na busca por garanti-la e massificá-la. Faz algum sentido isso? Então, agora, a liberdade de escolha, aquela que você menciona, está entre escolher qual será sua distribuição GNU não livre. Que armadilha!

Deveríamos ter reagido! Deveríamos ter dito: “Ei! Nada disso! Os fabricantes de hardware que se ajustem, que abram seus drivers e façam máquinas compatíveis ou não compraremos seus equipamentos!”. Mas não fizemos isso. Por que não? Acreditávamos que, se entregássemos os anéis, não perderíamos os dedos. E, com a massificação do Software Livre – que agora nem é tão livre assim –, estaríamos levando o melhor para as pessoas. Erramos feio. E estamos cometendo o mesmo erro com a adoção massiva das redes sociais devassas. Ativistas de Software Livre se lambuzando! Amanhã pagaremos o preço!

O Ubuntu surgiu como sendo a prova material de que era possível ter um modelo de negócio que respeitasse os conceitos filosóficos do Software Livre. Uma distribuição GNU, jovem, com alto investimento financeiro, com estrutura profissional, com aquele jeito de empresa web, bom acabamento e um apelo intangível da inocência africana! Era quase como um ato de boa-fé! Eu mesmo embarquei nessa em 2005 e fui usuário e disseminador do Ubuntu até novembro de 2012. Cheguei até a fazer um bordão com o significado, para provocar os amigos do Debian: “Ubuntu é uma palavra africana que significa Debian bem feito”. Provocação pura! Assim, ajudei a disseminar o Ubuntu e a massificar o uso de “Linux”, como todos os demais ativistas de Software Livre! Estava militando no movimento social mais justo e revolucionário de que tenho notícia! Isso sem falar no meu uso do Gmail.

O que aconteceu em outubro de 2012 foi uma das maiores traições à comunidade de Software Livre mundial. Os detalhes e suas consequências estão descritas no artigo “Microsoftização da Canonical“, mas, em resumo, eles inseriram um spyware no ambiente gráfico padrão sem avisar nada a ninguém! E como se não

bastasse a violação total de confiança, quando foram confrontados com os fatos, recorreram a argumentação mercadológica de que “todos estão fazendo isso, então não é nada grave demais. Vocês, os radicais, estão fazendo uma tempestade em um copo d’água”. Desde então, minha confiança na Canonical e no Ubuntu foi reduzida a zero. Como confiar que essa é a única armadilha plantada sem conhecimento de ninguém? Afinal de contas, as empresas de TI são repletas de ações antiéticas, amorais e mercadológicas que “todas fazem”. Na Canonical não podemos mais confiar. E, mais uma vez, a comunidade Software Livre, em vez de se indignar, reclamar e deixar claro que não admitiria tamanha traição, fez o oposto: fez-se de cega, surda e louca. Deu de ombros, creditou mais uma paranoia à FSF e a Stallman e continuou usando e disseminando o spyware disfarçado de Software Livre, como se estivessem no maravilhoso mundo de Alice!

Perceba que seu desejo é que as pessoas, prefeituras, bancos e demais usem Software Livre. Então, nada de Ubuntu, pois ele vem com um Kernel cheio de componentes não livres e com spyware. Nada mais parecido com o Windows! Tanto que o amigo Júlio Neves o batizou de “Linux Vista”! Mas, alguns pseudoativistas, inebriados pelo mercantilismo, conseguem a proeza de deformar tanto a lógica livre, que têm propagado que usar Ubuntu é o mesmo que usar Debian! Um absurdo completo! E se fosse um desqualificado a ter feito tal afirmação, ainda vá lá! Mas estamos falando de gente da própria comunidade Debian!

Mas nem tudo está perdido, pois parte da comunidade Software Livre percebeu o engodo: não podemos mais pautar a liberdade tecnológica pelo dueto da massificação e mercantilização. Lentamente, os sistemas operacionais estão perdendo a importância, sendo trocados por serviços e aplicativos na nuvem. Inclusive os computadores, o hardware mesmo. Hoje se troca de celular, tablet ou notebook sem maiores traumas, afinal de contas, os arquivos e aplicações podem ser restaurados com alguns cliques. E são esses os grandes serviços que representam a maior opressão às liberdades que tanto defendemos. Google, Instagram, Facebook, Dropbox, Skype, Netflix e mais um mon-

te de aplicações proprietárias têm se apropriado das tecnologias livres, das falhas em nossas licenças, e, especialmente, da complacência da comunidade e dos movimentos, para repensar seus modelos de negócio da forma mais lucrativa para eles, usando nossos meios de produção, ideias e trabalho colaborativo. Nenhuma preocupação com liberdades ou direitos, apenas massificação e lucros!

Então, Bárbara, se tu querias muito que as pessoas, prefeituras, bancos, negócios e demais usassem “Linux”, podes relaxar: 90% dos smartphones do mundo usam Android. Teu maior desejo já é realidade. Sabendo disso, pergunta-te como essa massificação no uso aumentou a autonomia, segurança ou liberdade das pessoas? Até onde consigo perceber, ao usar Android de fábrica, as pessoas estão carregando consigo sistemas de monitoramento em tempo real. Ao adicionar suas contas do Google e permitindo, automaticamente, que a megacorporação dos USA monitore cada movimento, ligação, mensagem, foto, desejo, ideia ou sonho, elas estão sendo mais livres? Mas pode ser ainda mais sinistro: estudo de caso feito pelo Facebook com 700 mil pessoas provou que eles são capazes, também, de influenciar diretamente o humor e expectativas dos usuários! Não estão apenas monitorando, classificando, perfilando e categorizando. Estão gerando tendências artificialmente.

Tua insegurança é causada pelo choque de contrapor liberdade como algo que não pode ser conseguido sem um modelo de negócios que gere receita para pagar as contas. Essa é a grande mentira do sistema capitalista, onde o objetivo maior é ganhar dinheiro, e não fazer as coisas do jeito certo. A concepção de que o objetivo maior é ganhar a vida antes de educar, ser educado, respeitar e ser respeitado é o que afoga a todos no mar de lama do consumismo. Como somos impelidos a nos classificar em sociedade, terminamos fazendo isso pelo consumo, onde quem consome mais é melhor. Não se destaca quem respeita mais, ou quem ama mais, ou quem mais luta pelas minorias, ou quem, de fato, dedica a vida a defender a liberdade. A capacidade de acúmulo e consumo passou a definir quem se destaca. Antepor

qualquer valor moral, ético ou até mesmo religioso a isso te desqualifica em vez de te destacar.

Eu não estou me contrapondo a ganhar dinheiro. Não estou propondo viver de luz, nem nenhuma outra baboseira (me desculpem os bobos) desse tipo. Eu vivo de Software Livre! Ganho a vida da mesma forma que você e dos demais 95% dos humanos: vendendo minha força de trabalho. Viver de Software Livre é igual a viver de qualquer outro tipo de Software. É como plantar orgânico ou transgênico. Plantar é plantar,oras! Mas o que se planta e como se planta definira certamente o que se colhe. Eu planto Software Livre, sem agrotóxico, sem semente transgênica e sem atravessador. Quem me ensinou foi o Stallman.

Concordo muito contigo quando dizes “que não podemos ser livres assim, que não podemos mostrar a liberdade que temos (ou não temos), sem exemplos”. Nós, os ativistas de Software Livre, devemos dar o exemplo do que é ser livre tecnologicamente, e devemos defender essa liberdade. Devemos não fazer concessões, não sermos coniventes, não sermos acomodados ou complacentes, além de não nos deixar levar pelas ondas mercadológicas. Como ativistas, devemos nos recusar a usar ferramentas proprietárias e devassas como Facebook e Gmail. Devemos refutar com veemência o Ubuntu pela sua traição. Não devemos assinar o NetFlix. Devemos retomar o curso da defesa do Software Livre e seus símbolos: FSF, GNU e Stallman. Olhar para trás, identificar o erro e corrigi-lo, como bons hackers que somos!

Um dia, muitos optaram por se libertar do Windows! E isso foi muito além de apenas não usar Software Proprietário. Fomos críticos contumazes de seu modelo de negócio, dos seus ardis mercadológicos e de se seus anseios monopolistas. O que difere as empresas que citei antes da Microsoft? Foi a promessa de que uma nova ordem estava se estabelecendo e que nós faríamos parte dela. Uma nova ordem tecnológica que levaria liberdade, segurança e autonomia ao usuário. Então, uma vez empoderado, nós, os humanos conectados, seríamos mais fortes e poderíamos usar esse poder para transformar o mundo em um lugar melhor,

mais justo, mais limpo, mais fraterno. Eu sonhei isso contigo e com muitos outros.

Mas a realidade é bem diferente. Ingênuos, fomos usados, fomos corroídos por dentro pelo movimento contrarrevolucionário chamado OSI. Esse movimento infiltrou o mercantilismo e a complacência com o Software Proprietário, sob o argumento da massificação de seu uso, e promoveu o “Linux” sobre o “GNU”, os modelos negociais sobre as comunidades de usuários, o ganha-pão sobre o voluntariado, o Maddog sobre o Stallman, e como eles mesmo dizem, não veem mal algum em usar as redes sociais e serviços on-line privativos. Hora de reagir!

Então minha amiga. Concordamos que ser livre não é fácil. Será que concordaremos mais ainda?

A CONTRABALANÇA CONTRA A CONTRARREVOLUÇÃO

O tempo cura todas as feridas, mas deixa marcas. As cicatrizes são recordatórios irremovíveis das duras experiências e das lambadas levadas no árduo caminho da militância contra o status quo. Depois de quase duas décadas, carrego as minhas com certo orgulho, afinal de contas, quem não tem cicatrizes, não lutou e, portanto, não tem inimigos. Li em algum lugar que "a pessoa pode ser medida pelo tamanho de seus inimigos". Acho que faz sentido.

Mas não podemos ignorar as lições aprendidas em cada batalha. O que mais tenho percebido é que o sistema mercantilista e o individualismo são implacáveis. Se supunha que o Movimento Software Livre fosse um polo de resistência ao modelo tradicional de exploração do homem pelo homem, afinal, contribuir, compartilhar, somar, agregar, distribuir são todos adjetivos usados para descrever o bem coletivo. Mas fomos minados, distorcidos, vendidos, canibalizados, enganados e persuadidos a acreditar que esses adjetivos deveriam servir ao bom e velho modelo onde um irmão explora o outro. A ideologia virou modelo de negócio. Essa é a contribuição irreversível da OSI para o Software Livre.

Termos como FOSS ou Linux, que servem para suprimir os termos Free Software e GNU; palestras sobre como fazer dinheiro com Software Livre; exposição ao ridículo dos defensores ideológicos; mercantilização das marcas mais conhecidas; recrutamento dos melhores desenvolvedores e ativistas, são algumas das técnicas usadas para levar a cabo a contrarrevolução da OSI para descaracterizar o movimento social e político do Software Livre, mudando seu contexto e importância ideológica para tornar os adjetivos acima em meios de produção, modelo de negócio e agradar ao deus-mercado.

Software Livre não é um modelo de negócio e, portanto, tem princípios éticos e ideológicos que se sobrepõem a qualquer tentativa de conciliação com ações que se coloquem de encontro a esses princípios. Já a OSI é volúvel, condescendente, artilosa, esperta, simbiótica e letal. Transformar o Open Source em sinônimo de Free Software é a artimanha mais nefasta de todas, levada a cabo e praticamente consumada no imaginário coletivo.

O argumento de que é necessário popularizar o acesso ao Software Livre é irresistível. Todos caíram nele. Mas como esse nunca foi o verdadeiro ponto, foram feitos alguns ajustes no método: demonizar o Stallman, remover o GNU da jogada, fortalecer o termo Código Aberto - Open Source, e, especialmente, justificar a presença de código não livre, não aberto, nos principais programas a serem usados, em especial o Kernel Linux. Assim, abriram-se as portas para a invasão de drivers proprietários que aliviaram a pressão sobre os fabricantes de hardware. Não por coincidência, esses são os maiores financiadores da OSI e da própria Linux Foundation. Até mesmo a demonizada Microsoft financia os principais projetos OSI do mundo. A cereja do bolo foi o impulso dado a uma distribuição que coadunasse com essas ideias e da mesma falta de comprometimento com o Software Livre e que estivesse disposta a assumir a relevância como distribuição-padrão para as pessoas comuns, pois seria fácil de usar, compatível com todos os equipamentos, apoiadora dos grupos de usuários, focada no desktop e prova cabal de que um modelo de negócios baseado nos princípios do Software Livre era possível e viável: Ubuntu.

Mas, talvez, a maior de todas as armadilhas da contrarrevolução da OSI tenha sido a criação da complacência coletiva para justificar o uso de Software Proprietário, em nome de algo maior. É o caso dos drivers embutidos no Linux, mas é também o uso de ferramentas de comunicação social como o Google, Skype e Facebook. Se for para criar e manter uma lista de discussão de grupos ou desenvolvedores de FOSS, qual o problema se ela for hospedada e mantida pelo Google Groups? E as páginas dos projetos ou dos grupos de usuários podem ser no Facebook, qual é

o problema? Afinal de contas, apesar de serem ferramentas absolutamente proprietárias, cerceantes, que não respeitam a privacidade, elas facilitam a vida das pessoas promovendo uma maior disseminação do FOSS. Como já expliquei antes, isso é um meio para colocar em prática a contrarrevolução que destrói os valores e princípios ideológicos do Software Livre. Porque não pode haver nenhuma concessão na liberdade para tentar garanti-la. Não faz sentido defender a liberdade do software usando software privativo, da mesma forma que não faz sentido defender a privacidade usando redes sociais devassas.

Mas não há nenhuma dúvida que os apelos mercadológicos da OSI prevaleceram. Ubuntu é a distribuição mais usada, as redes sociais devassas estão entupidas de ativistas, e a maioria das pessoas não sabe a diferença entre Código Aberto e Software Livre. Então, se não reagirmos de alguma forma, vamos sucumbir até o último homem. Dentro de mais uma década não haverá mais nenhuma chance de reverter o quadro, e o Movimento Software Livre será enterrado no caixão do Stallman.

Reagir como? Contrabalançando. A ação contra as empresas de Software Proprietário, os dinossauros como a Microsoft e IBM, foi de enfrentamento direto. Não estávamos no mesmo "playground", até porque, para eles, isso nunca foi diversão, foram negócios, certo?

Neste caso o inimigo não parece inimigo, e se apresenta como de alta confiança e completamente alinhado com os princípios do movimento, então, temos que ser tão esquivos quanto eles. É hora de reagir de forma silenciosa, mas firme em diversas áreas de atuação:

Não compre mais computadores, celulares ou tablets que não possam usar GNU ou versões modificadas de Android (CyanogenMOD, OMNI ou Raptor);

Migre seu e-mail para um provedor pago ou organize uma quota para alugar um servidor e instale seu próprio Mail Server. Zimbra é uma excelente opção;

Convide os colegas do seu grupo de usuários para migrarem suas listas de discussão para um servidor livre ou instale o mailman e gerencie você mesmo;

Não compre ou use equipamentos com o sistema operacional privativo: MacOS, Windows ou outro qualquer;

Diga sempre sistema operacional GNU. Isso lhe forçará a ter que explicar e então ganhamos a chance de fazer as pessoas entenderem o que é Software Livre;

Elimine o nome Linux. Esse não é mais um projeto de Software Livre. Fizeram um fork livre que se chama Linux-Libre;

Convide seus amigos e família para usarem redes sociais livre e federadas, como Friendica, Diáspora, RedMatrix, Pumpio ou Twister;

Faça eventos de Software Livre sem usar termos como Open-Source, Código Aberto, OSI ou FOSS;

No Próximo FLISOL, não instale mais Ubuntu, pois esse é o verdadeiro "Linux Vista";

Não ative sua conta do Gmail no Android! Use o aptoide.com ou fdroid.org como loja para instalação de aplicativos e seja livre! (do Google);

Instale o Telegram e mostre para as pessoas que usam o WhatsApp que o azul é muito mais legal que o verde. Seja porque pode ser usado no desktop, no navegador ou no celular, seja porque é encriptado, seja porque tem um recurso para autodestruir as mensagens, seja porque seu cliente é livre;

Não seja desagradável: se confrontado sob o porque de dizer GNU em vez de Linux, responda que, se são a mesma coisa, então você prefere dizer GNU;

Instale a última versão do Firefox e use a extensão Request-PolicyContinued [1] para barrar todos os javascripts maliciosos que monitoram sua navegação. Faça o mesmo para toda a família e transforme a ação de barrar cada monitor em concurso divertido em família ou entre os amigos do trabalho;

Teste e distribua para todos o Popcorntime e você verá a cara de espanto e alegria das pessoas por poderem ter um "netflix" gratuito à disposição;

Mostre para as pessoas a tabela de opções e alternativas livres às ferramentas proprietárias: prism-break.org/pt/;

Não use Google como buscador primário. Tente o duckduckgo.com e se surpreenda.

Se não puder fazer tudo ao mesmo tempo, dedique-se a alguns, primeiro. Persista e verá como isso se espalha e surte efeito rapidamente. E sempre que encontrar oposição, tenha paciência, explique incansavelmente que você defende os princípios do Software Livre e não do OpenSource. Deixe claro que você quer mudar o mundo e não facilitar os métodos de exploração. Deixe claro que este é um movimento social e político e não um modelo de negócios. Tenha fé nos princípios da amizade, do compartilhamento, da doação, da força do coletivo para o bem do coletivo.

Se todos agirmos de forma consciente e cuidadosa, em guerra de guerrilha cibernética, gerando massa crítica, o Debian com Linux-libre e o CyanogenMOD poderão se tornar padrão de mercado, mas, especialmente, padrão de mentes livres, que não serão complacentes com suas principais riquezas: liberdade e privacidade.

Saudações Livres!

1 - <https://requestpolicycontinued.github.io/>

COMUNIDADE UBUNTU: VOLTE PARA O SOFTWARE LIVRE

Foram-se pouco mais de dois anos desde que a Canonical decidiu enganar todos seus usuários instalando um programa pernicioso, invasivo e espião, sem dizer nada a ninguém, em seu sistema operacional batizado de Ubuntu. O programa em questão monitora suas pesquisas e entrega para a Amazon. Parou de fazer isso? Não faz a menor diferença.

Eu costumava provocar meus amigos Debianers dizendo que Ubuntu é uma palavra africana que significa "Debian bem feito". A resposta era imediata, corrigindo-me: "Ubuntu significa não sei instalar Debian". Piadas e provocações à parte, Ubuntu significa "Sou o que sou pelo que nós somos". O sentido poético é inspirador, afinal de contas, Ubuntu, eu e você deveríamos ser uma simbiose. Um conjunto. Um círculo, sem início nem fim, onde todos somos o que somos, pelo que todos somos.

Mas o que somos? Antes de existir a Canonical ou Ubuntu, já éramos uma comunidade de Software Livre, do Movimento Software Livre. Compartilhamento, amizade, camaradagem, liberdade, honestidade, era isso o que éramos. No Brasil, fomos um dos grupos mais bem estruturados e unidos. Os laços têm a ver com a cultura, a fé, a pobreza financeira, a riqueza de espírito, a humanidade e, especialmente, o desejo que querer o melhor para nossos semelhantes. Essa é a essência do Movimento social e político do Software Livre.

Ao longo do tempo, aconteceu uma relação inversamente proporcional: quanto mais o Ubuntu evoluía como sistema operacional, menor era o compromisso da comunidade com os princípios do Software Livre. Ubuntu ficou mais fácil de instalar graças a seus drivers proprietários: a comunidade aceitou. A FSF denunciou o comportamento antiético e amoral da Canonical e a comunidade decidiu demonizar o Stallman. O Kernel

do Ubuntu é o que mais tem códigos não livres e a comunidade parece gostar cada vez mais.

Em 2012, depois das denúncias da FSF, eu deixei de usar Ubuntu. Convidei e continuo convidando muitos a fazerem o mesmo, afinal, o conjunto Software Privativo + Spyware + Comportamento de Microsoft não coaduna com os princípios do Software Livre. Até escrevi um outro artigo dando os detalhes, chamado "A Microsoftização da Canonical". Tenho alertado, pedido, conversado, escrito e palestrado. Mas parece que quanto mais eu falo, menos efeito tem. Até mesmo mega eventos de Software Livre, como o FISL e o Latinoware, insistem em fazer amplo uso e propaganda da distribuição. É como se não usar Ubuntu fosse feio, impossível ou improvável. Percebo esse mesmo sentimento nos usuários dos produtos da Apple: sabem que não é correto, mas insistem em usar.

É claro que se pode esperar comportamento antiético e amoral das empresas. Elas foram criadas para isso. Em uma economia capitalista, não devemos ser ingênuos, certo? Então por que a comunidade Ubuntu não reage? Como é possível que a maior comunidade defensora de Software Livre do Brasil não defenda mais o Software Livre? Por que os milhares de ativistas que se esforçaram tanto para mostrar a seus amigos e parentes que usar GNU era melhor se calam, aceitam e divulgam algo que é contra seus princípios. O que mudou?

Liberdade de código. Aquela que garante e perpetua a liberdade através da GPL. Aquela que transforma a relação entre os fabricantes e os consumidores, empoderando os usuários, finalmente. Liberdade de código que tornou restrições de área em DVDs obsoleta, que fez engenharia reversa em diversas placas Wifi. Liberdade que leva ao compartilhamento, que leva à excelência, que transforma software em serviço, e não em produto. Liberdade que abalou as colunas dos grandes monopólios.

A Comunidade Ubuntu mudou? Claro que sim! Muito mais adeptos, muito mais usuários, muito mais computadores instalados. Então o saldo é positivo, pois mais pessoas entendem que a liberdade do software lhes garante qualidade computacional,

lhes dão mais poder nas relações comerciais e, assim, promovemos uma sociedade mais justa, certo? Infelizmente o resultado não foi bem esse. É fato que o número de usuários cresceu geometricamente, mas a grande maioria não faz ideia do que usa, nem dos benefícios do Software Livre. E todos os usuários de Ubuntu, sem exceção, estão usando Software Privativo.

Pode-se argumentar que os usuários comuns não devem saber dos detalhes. Eles não entenderiam. Eles querem que "a coisa" funcione e nada mais. Pode ser, mas o risco de não educar as massas é que, quando o perigo se apresentar, elas não saberão distinguir entre o que é realmente certo, parcialmente certo, parcialmente errado ou realmente errado. Elas continuarão a querer apenas que "a coisa" funcione. Esse é o "Calcanhar de Aquiles" da massificação de usuários.

Será que a Comunidade Ubuntu tem isso bem claro? Vocês estão distribuindo código fechado! Em vez de ajudar a libertar as pessoas, estão ajudando a aprisioná-las. Será que está claro que a complacência ao aceitar a presença de código privativo e do comportamento amoral da Canonical terminam enfraquecendo todo o Movimento Software Livre em escala mundial?

Sejam honestos com vocês mesmos. Será que não perceberam que "aberto" virou sinônimo de livre? É "open" isso, "open" aquilo. "Open": aberto não é o mesmo que livre. Algo aberto não muda a forma das pessoas pensarem, apenas ajusta a forma de se resolver problemas. Afinal de contas, com acesso ao código e produzindo colaborativamente os negócios gastam menos e obtêm melhores resultados. Mas desde quando a Comunidade Ubuntu passou a priorizar o desempenho das empresas em detrimento dos respeito às liberdades do usuários? Desde quando a ideia era facilitar a instalação do sistema operacional GNU, em detrimento do entendimento de seus princípios éticos e filosóficos?

Este é um apelo a toda a Comunidade Ubuntu para que usem sua tenacidade, capacidade de mobilização, perseverança, doação e espírito, para mudar de distribuição. Mostrem à Canonical que a Comunidade Software Livre é muito maior e mais poderosa do que ela. Mostrem que o que vale é o Software Livre e tudo

o que ele representa, e não apenas "um rosto bonito", que nos engana, maltrata e desrespeita. Escolham uma outra distribuição realmente comprometida.

Não somos ingênuos. Sabemos que o caminho é árduo. A batalha é sangrenta. O esforço é hercúleo. Mas podemos sim resgatar aquele sentimento, aquela convicção de que se está fazendo a coisa certa, e não deliberadamente escolhendo o caminho mais fácil. Este é um convite para subirmos o Monte Everest mais uma vez. Desta vez, do jeito certo.

Já imaginaram o recado que a Comunidade Ubuntu daria ao se intitular Comunidade GNU?

Saudações Livres!

buqui

www.buqui.com.br
www.editorabuqui.com.br
www.autopubli.com.br